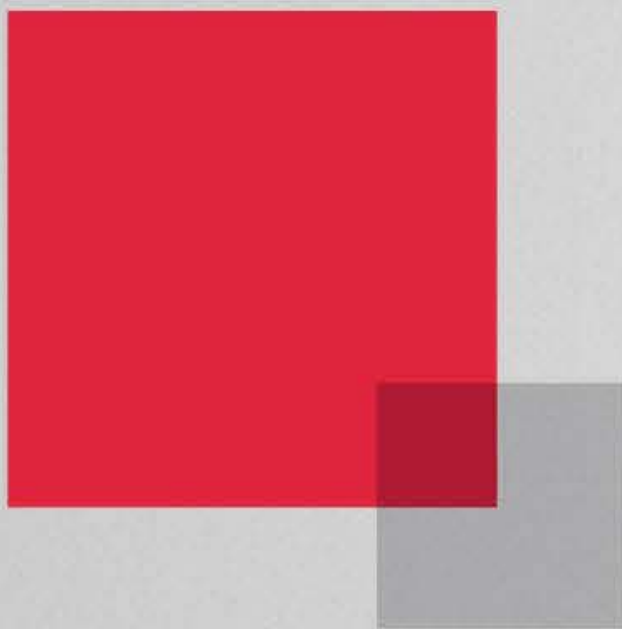
Editora ABRIL
edição 2781 - ano 55 - nº 11
23 de março de 2022

JOGOS DE GUERRA

Em meio a mortes e destruição na Ucrânia, a China, nos bastidores, move as peças para ampliar sua influência e se fortalecer no embate com os Estados Unidos pela hegemonia mundial

Leo Burnett TM
bradesco
Transação Aprovada
bradesco

ÀS SUAS ORDENS

ASSINATURAS

Vendas
www.assineabril.com.br

Grande São Paulo:
(11) 3347-2121
Demais localidades:
0800-775-2828

De segunda a sexta, das 8h às 22h.

Vendas Corporativas, Projetos Especiais e Vendas em Lote
assinaturacorporativa@abril.com.br

Atendimento
www.abrilsac.com.br

Grande São Paulo:
(11) 5087-2112
Demais localidades:
0800-775-2112

De segunda a sexta, das 8h às 22h.

Para baixar sua revista digital
www.revistasdigitaisabril.com.br

EDIÇÕES ANTERIORES
Venda exclusiva em bancas, pelo preço de capa vigente. Solicite seu exemplar na banca mais próxima de você.

LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO
Para adquirir os direitos de reprodução de textos e imagens, envie um e-mail para: licenciamentodeconteudo@abril.com.br

PARA ANUNCIAR
ligue (11) 3037-2302
e-mail: publicidade.veja@abril.com.br

NA INTERNET
http://www.veja.com

TRABALHE CONOSCO
www.abril.com.br/trabalheconosco

Fundada em 1950

VICTOR CIVITA (1907-1990) ROBERTO CIVITA (1936-2013)

Publisher: Fabio Carvalho

Diretor de Redação: Mauricio Lima

Redatores-Chefes: Fábio Altman, Policarpo Junior e Sérgio Ruiz Luz

Editora Executiva: Monica Weinberg **Editor Especial:** Daniel Hessel Teich **Editor Sênior:** Marcelo Marthe **Editores:** Amauri Barnabe Segalla, André Afetian Sollitto, Carlos Eduardo Valim Banhos Henrique, Cilene Gomes Pereira, Clarissa Ferreira de Souza e Oliveira, José Benedito da Silva, Raquel Angelo Carneiro, Sergio Roberto Vieira Almeida, Tiago Bruno de Faria **Editores Assistentes:** Larissa Vicente Quintino, Luiz Felipe de Oliveira Castro, Ricardo Vasques Helcias, Thomaz de Molina **Repórteres:** Alessandro Giannini, Allaf Barros da Silva, Amanda Capuano Gama, Augusto Fernandes Conconi, Bruno França Ribeiro, Diogo Vassao Magri, Eduardo Gonçalves, Felipe Barbosa da Silva, Felipe Branco Cruz, Felipe da Cruz Mendes, João Pedroso de Campos, Josette Goulart, Laísa de Mattos Dall'Agnol, Leandro Bustamante de Miranda, Leonardo Lellis, Luana Meneghetti, Lucas Vettorazzo Rodrigues Barros, Luisa Costa de Oliveira e Sousa, Luisa Purchio Haddad, Meire Akemi Kusumoto, Paula Vieira Felix Rodrigues, Reynaldo Turollo Jr., Sabrina Gabriela de Brito, Simone Sabino Blanes, Tulio Kruse de Morais, Victor Irajá **Sucursais:** ***Brasília*** **— Chefe:** Policarpo Junior **Editor Executivo:** Daniel Pereira **Editor Sênior:** Robson Bonin da Silva **Editora Assistente:** Laryssa Borges **Repórteres:** Hugo Cesar Marques, Letícia de Luca Casado, Rafael Moraes Moura ***Rio de Janeiro*** **— Chefe:** Monica Weinberg **Editoras:** Fernanda Thedim, Sofia de Cerqueira **Repórteres:** Caio Franco Merhige Saad, Caio Sartori Gavazza, Carolina Barbosa da Silva, Cleo Guimarães, Ernesto Augusto de Carvalho Neves, Jana Sampaio, Kamille Maria Viola de Azevedo Cunha, Paula Freitas Monteiro Autran, Ricardo Antonio Casadei Chapola, Ricardo Ferraz de Almeida **Estagiários:** Camille da Costa Mello, Eduarda Gomes Silva, Eric Cavasani Vechi, Gabriela Caputo da Fonseca, Marcelo Augusto de Freitas Canquerino, Maria Eduarda Gouveia Martins Monteiro de Barros, Maria Fernanda Sousa Lemos, Mariah Fernandes Magalhães, Matheus Deccache de Abreu, Nathalie Hanna Georges Alpaca **Checadoras:** Andressa Tobita, Luana Lourenço Alves Pinto **Editor de Arte:** Daniel Marucci **Designers:** Ana Cristina Chimabuco, Arthur Galha Pirino, Luciana Rivera, Ricardo Horvat Leite **Fotografia — Editor:** Alexandre Reche **Pesquisadoras:** Iara Silvia Brezeguello Rodrigues **Produção Editorial: Supervisora de Editoração/Revisão:** Shirley Souza Sodré **Secretárias de Produção:** Andrea Caitano, Patrícia Villas Bôas Cueva, Vera Fedschenko **Revisora:** Rosana Tanus **Supervisor de Preparação Digital:** Edval Moreira Vilas Boas **Colaboradores:** Alon Feuerwerker, Dora Kramer, Fernando Schüler, Lucilia Diniz, Maílson da Nóbrega, Murillo de Aragão, Ricardo Rangel, Vilma Gryzinski, Walcyr Carrasco **Serviços Internacionais:** Associated Press/Agence France Presse/Reuters

www.veja.com

DIRETORIA EXECUTIVA DE PUBLICIDADE Jack Blanc **DIRETORIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO EDITORIAL E AUDIÊNCIA** Andrea Abelleira **DIRETORIA EXECUTIVA DE OPERAÇÕES** Lucas Caulliraux **DIRETORIA EXECUTIVA DE TECNOLOGIA** Guilherme Valente **DIRETORIA DE MONETIZAÇÃO E RELACIONAMENTO COM CLIENTES** Erik Carvalho

Redação e Correspondência: Rua Cerro Corá, 2175, lojas 101 a 105, 1º e 2º andares, Vila Romana, São Paulo, SP, CEP 05061-450

VEJA 2 781 (ISSN 0100-7122), ano 55/nº 11. VEJA é uma publicação semanal da Editora Abril. **Edições anteriores:** Venda exclusiva em bancas, pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa. Solicite ao seu jornaleiro. Distribuída em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **VEJA** não admite publicidade redacional.

IMPRESSA NA PLURAL INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.
Av. Marcos Penteado de Ulhôa Rodrigues, 700, Tamboré, Santana de Parnaíba, SP, CEP 06543-001

www.grupoabril.com.br

AFP

PERSPECTIVA O encontro de Nixon e Mao, em 1972, e a capa de VEJA, em 1988: o mundo volta a ter dois poderosos blocos rivais

PEÇAS NO TABULEIRO

DEFLAGRADOS EM 24 DE FEVEREIRO, os ataques da Rússia contra a Ucrânia vêm ocupando os noticiários do mundo inteiro, trazendo para perto do nosso dia a dia questões e personagens outrora distantes. De um lado revelou-se a sanha autoritária de Vladimir Putin. Saudoso de um passado de grandeza, em estranha combinação do czarismo com os horrores do stalinismo soviético, ele tratou de invadir um país vizinho e soberano. Entre mortes de ci-

vis, milhões de refugiados e o medo da população, que não para de fugir, Putin jogou luz sobre uma outra figura, essa totalmente desconhecida no Brasil: o presidente ucraniano Volodymyr Zelensky. O ex-humorista se transformou em um chefe de Estado querido e celebrado internacionalmente, com laivos de heroísmo, ao permanecer em Kiev, numa postura de resistência contra a Rússia. Embora ambos tenham uma importância colossal na resolução desse conflito, o embate entre Putin e Zelensky faz parte de um xadrez mais amplo e muito mais complexo. A invasão e o desejado fim das bombas e tiros representam, na verdade, o início de uma nova ordem mundial.

Desde 1989, ao vencer a chamada Guerra Fria, os Estados Unidos desfilaram como força única — houve, ressalve-se, o 11 de Setembro, depois os percalços no Iraque e no Afeganistão, mas não havia um rival que, de fato, desafiasse o imenso poderio americano, que definia a posição de todas as peças no tabuleiro. Nesse período, a China, máquina econômica incontestável, cresceu e afiou suas garras — destinadas a ser mostradas primordialmente nas questões econômicas. É condição que já há alguns anos ganha contornos concretos, e que a agressão de Putin sacramentou: os chineses são o fiel da balança global. Representam peça fundamental em torno da qual girará o mundo nas próximas décadas. Se lá atrás havia a dualidade entre Estados Unidos e União Soviética, encerrada com a queda do Muro de Berlim e o desmanche do império soviético, o jogo agora é definiti-

vamente entre Estados Unidos e China. É para onde devem se virar todas as atenções do planeta.

Convém, portanto, como mostra a reportagem "O xadrez chinês", observar os passos de Xi Jinping. Um mês antes da invasão, ele assinou uma declaração conjunta com Putin dizendo que "a amizade entre os dois países não tem limites". Durante o conflito, o líder chinês foi imprescindível para reduzir os efeitos das sanções econômicas impostas pelo bloco ocidental à Rússia. Enquanto empresas americanas e europeias implementavam restrições nas movimentações financeiras do país, a China deu suporte para que as operações continuassem. Ao mesmo tempo, Xi simulou uma neutralidade, mantendo uma distância cautelosa das negociações de cessar-fogo. Não é improvável, no entanto, que ele se apresente em breve como o fiador da calmaria necessária, atalho para que a China ganhe ainda mais presença nas economias ucraniana e russa. Seria mais uma jogada de mestre. A história mostra que nem sempre os vencedores disparam mísseis para ganhar a guerra: em 1972, quando quis fustigar a URSS, Richard Nixon tratou de viajar para Pequim. Saiu de lá dizendo que aquela semana "mudaria o mundo". Ele tinha um quê de razão — e os ecos daquele aperto de mão com Mao Tsé-tung parecem ser ouvidos ainda hoje. ■

MOACYR LOPES JUNIOR/FOLHAPRESS

“MORO DEVE DESCULPAS”

Para advogado de Lula, as decisões da Justiça mostram que havia perseguição da Lava-Jato ao petista e diz que o ex-juiz já fazia política usando o poder do Estado para punir adversários

LEONARDO LELLIS

ADVOGADO do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, Cristiano Zanin Martins foi, ao longo de todo o processo, duramente criticado pela estratégia adotada na defesa de seu cliente. A desaprovação, aliás, não vinha apenas de adversários do petista, mas também de muitos correligionários. Dentro do partido, havia uma tese de que Lula deveria ter assumido um pedaço da culpa pelos desvios na Petrobras, concordado com o uso de uma tornozeleira eletrônica e ficado em prisão domiciliar, em vez de passar 580 dias na prisão. Um ano depois de ver reconhecida pelo Supremo Tribunal Federal a parcialidade do juiz Sergio Moro, Zanin agora é celebrado nas hostes petistas. Depois das derrotas iniciais, ele contabiliza 24 vitórias na Justiça, uma sequência que permitiu a volta de Lula à cena política na condição de (ao menos, por ora) favorito na disputa pela Presidência. Nesta entrevista a VEJA, concedida em seu escritório nos Jardins, em São Paulo, Zanin fala sobre a campanha presidencial, a atuação da Procuradoria-Geral da República e, claro, a ação da Lava-Jato. Na visão dele, os procuradores da operação e Moro deveriam pedir desculpas a seu cliente pela "perseguição política" realizada. A seguir, os principais trechos da conversa.

Os processos de Lula foram anulados ou arquivados por questões processuais. Como alguém pode acreditar em sua inocência? Lula foi absolvido da principal acusação que a Lava-Jato fez a ele, que era a de liderar uma organização criminosa, naquela denúncia do PowerPoint. A Justiça considerou a

acusação com viés político, e a sentença é tão forte que o Ministério Público nem recorreu. Em todos os casos em que o ex-presidente foi julgado fora de Curitiba, ele acabou absolvido ou as acusações foram rejeitadas pela ausência de provas.

Mas anulação por questões processuais é suficiente para que ele seja considerado inocente? Claro. Sem condenação, a presunção de inocência está intacta. Lula teve a sua vida devassada e os acusadores tiveram todas as oportunidades de apresentar provas, inclusive com a ajuda de um juiz parcial, e não obtiveram êxito. Os processos não foram anulados por pequenas questões técnicas, mas por um vício gravíssimo, que era a suspeição do juiz. Moro queria condenar sem processo porque sabia que, dentro das regras do jogo, ele não tinha condições de impor as condenações. Não se conduz um processo na base do jeitinho.

“Moro queria condenar sem processo porque sabia que, dentro das regras do jogo, não tinha condições de impor as condenações. Não se conduz um processo na base do jeitinho”

Foram feitas reformas por empreiteiras no tríplex que ele foi visitar, no sítio que ele frequentava... Nenhuma reforma foi feita a pedido de Lula ou de qualquer pessoa de sua família durante o seu mandato como presidente ou depois dele. No caso do tríplex, a OAS foi condenada a devolver o dinheiro pago, já que não houve interesse no apartamento. No sítio de Atibaia, que não é do Lula, provamos com perícia que aquilo que a Odebrecht disse ter pago foi sacado em benefício de um executivo da empresa. Se havia qualquer expectativa de vantagem indevida, isso foi completamente frustrado pelo ex-presidente.

Mas Lula não deve um mea-culpa ao menos pelas relações impróprias que manteve com as empreiteiras? Não existe mea-culpa a ser feito. O Lula foi presidente em dois mandatos e dialogou com todos os setores do país, inclusive o empresarial, e não praticou qualquer ato ilícito na Presidência ou fora dela. Na verdade, Lula é vítima de *lawfare*, que é o uso estratégico da Justiça para perseguir um inimigo.

As suspeitas que recaem sobre os filhos de Lula, que enriqueceram durante o seu governo, também não precisam ser mais bem explicadas? Seus negócios pararam de prosperar justamente quando o Lula foi preso. Não foi provado absolutamente nada contra eles. O que a Lava-Jato buscou fazer foi promover um ataque desleal e assimétrico ao ex-presidente e aos seus familiares para

que eles ficassem interditados tanto na vida política quanto na profissional e familiar.

Os processos contra o ex-presidente teriam sido anulados sem o vazamento dos diálogos de procuradores feito pelos hackers? Desde a primeira manifestação escrita que nós apresentamos em favor de Lula, apontamos inúmeros vícios, inclusive a suspeição de Moro. O STF reconheceu essa suspeição sem levar em consideração nenhum elemento relativo à "Vaza-Jato". Os diálogos só confirmaram algo que já afirmávamos.

Mas não foi um ponto de virada para a defesa? Foi um elemento importante para desfazer a narrativa que a Lava-Jato havia construído na opinião pública de que agia para combater a corrupção. Na verdade, seus agentes corromperam a lei e a Constituição.

O fato de os diálogos terem sido obtidos de forma ilegal não enfraquece essa impressão? Uma vez que o Estado tinha a posse desse material, a defesa tinha o direito de acessá-lo. Os membros da Lava-Jato jamais apresentaram nenhum elemento que pudesse indicar qualquer tipo de manipulação. Quando fez a apreensão do arquivo, a PF disse que, se houvesse alguma fraude, ela teria condições de identificar e jamais o fez, o que significa que os arquivos são íntegros.

O STF barrou a posse de Lula como ministro da Casa Civil do governo Dilma, recursos do ex-presidente foram rejeitados em Cortes superiores e o TSE negou a sua candidatura em 2018. Todo mundo errou? Houve várias iniciativas da Lava-Jato para induzir ao erro o sistema de Justiça com o discurso de que, se alguém não era a favor da operação, era a favor da corrupção. A Lava-Jato adotou uma técnica de emparedamento que consistia na intimidação de magistrados e de tribunais que pudessem de alguma forma rever as decisões que eram tomadas na primeira instância.

Qual o legado da Lava-Jato para o sistema de Justiça? Não consigo identificar nenhum legado positivo. A Lava-Jato corrompeu sistematicamente a Constituição e as leis do país, prejudicou o combate à corrupção e destruiu uma parte da indústria brasileira.

Mas a operação ajudou na recuperação de valores desviados. Isso não é positivo? Qualquer recuperação de valores provenientes de atos ilícitos deve ser louvada, mas isso se deu a um custo muito maior para o país. Por isso que a nossa crítica está na forma de combate à corrupção como pretexto para atingir fins apenas políticos.

Ao entrarem para a política, Moro e o ex-procurador Deltan Dallagnol não estão exercendo um direito legítimo de serem votados? Eles estão fazendo política desde o início

da Lava-Jato. A diferença é que agora estão no campo certo para isso, que é o eleitoral. Antes eles faziam isso usando o poder do Estado de investigar, acusar e de punir.

O que acha do processo do TCU que investiga Moro por um possível conflito de interesses em seu trabalho para a Alvarez & Marsal, a mesma consultoria que cuida da recuperação judicial de várias empresas atingidas pela Lava-Jato? Há um potencial de conflito de interesses que precisa ser analisado, mas a palavra final cabe à Justiça.

Hoje presidenciável, Moro alega abuso de autoridade e diz ser vítima de *lawfare*. Ele tem razão em se queixar? Não conheço o processo que tramita no TCU. Mas agora que está nessa situação, ele está vendo a importância do exercício do direito de defesa, algo que ele negava enquanto era juiz.

“Há sinais de que haverá um grande problema com *fake news* na eleição. Isso terá toda a nossa atenção, para evitar a proliferação de notícias falsas e identificar os responsáveis”

Qual será seu papel na campanha de Lula? O que existe é um convite para que eu e o *(ex-subprocurador-geral da República)* Eugenio Aragão possamos coordenar a parte jurídica de uma eventual campanha presidencial. Isso é algo que precisa ainda ser definido.

Qual seria a sua prioridade na campanha? Há sinais de que haverá um grande problema com *fake news,* numa proporção maior do que em 2018. Isso terá toda a nossa atenção para evitar a proliferação de notícias falsas e identificar os responsáveis.

O senhor prestou serviços ao PT ao longo dos últimos anos. O partido usou dinheiro público para pagá-lo? Essa contratação tinha por objetivo a prestação de serviços jurídicos em processos específicos em que o interesse processual do ex-presidente e o do partido eram coincidentes. Nosso escritório não recebeu nenhum centavo do Fundo Partidário ou de qualquer outro tipo de verba pública. Os recursos são privados do PT. Os valores foram declarados e estão abertos para consulta pública no TSE.

Lula já disse que pretende ver reparados os danos que a Lava-Jato causou a ele. Não haverá conflito de interesse entre o exercício da Presidência, caso eleito, e a cobrança de uma indenização? Lula sempre se defendeu dentro da lei. Já existem requerimentos buscando a

reparação, como a ação por dos danos morais no caso daquela apresentação com o famoso PowerPoint. Espero que todos esses casos estejam encerrados o mais breve possível. Ninguém está acima da lei, mas também não está abaixo. Não se pode privar ninguém de exercer um direito em razão do cargo que ocupa.

Caso seja eleito, Lula deveria mudar a forma de indicação de ministros do STF ou do procurador-geral da República? Não acho adequada a lista tríplice para a PGR. Além de não ter previsão constitucional, é um modelo que acaba politizando excessivamente a instituição. Mas esta é uma visão pessoal. Quem tem legitimidade para levar essa discussão é quem tem voto.

Qual a avaliação do trabalho do procurador-geral Augusto Aras, que colocou freios à Lava-Jato ao mesmo tempo em que é considerado leniente com Bolsonaro? Penso que a posição dele é bastante correta e compatível com o cargo que assumiu. Sei que há críticas ao seu trabalho, mas acho que a atuação do PGR para o restabelecimento do devido processo legal em relação à Lava-Jato sobressai.

Qual é o significado de uma eventual vitória de Lula? Como advogado, o melhor que eu poderia obter é o restabelecimento dos direitos políticos do ex-presidente Lula e a recuperação plena do seu estado de inocência. Esse resulta-

do foi conquistado e ele é totalmente compatível com a verdade dos fatos. Nesse sentido, a missão está cumprida. A partir de agora, uma vitória no campo político é algo que está nas mãos de toda a sociedade, caso Lula confirme a sua candidatura.

O que esperar de um novo governo do ex-presidente?
Como cidadão, espero que ele possa promover a recuperação da economia e o reencontro do país com os valores republicanos e democráticos que foram tão atacados nos últimos anos. ■

A ESQUERDA QUE INCOMODA A ESQUERDA

"COMO Salvador Allende previu há quase cinquenta anos, estamos de novo, compatriotas, abrindo as grandes alamedas por onde passam o homem e a mulher livres, para construir uma sociedade melhor. Sigamos! Viva o Chile!" Foi assim, ao lembrar de uma conhecida frase do líder socialista levado à morte pelo golpe militar de 1973, que o novo presidente do país andino, **Gabriel Boric,** 36

CLAUDIO SANTANA/GETTY IMAGES

anos, tomou posse. Faz parte de seu governo, aliás, uma neta de Allende, Maya Fernández, ministra da Defesa. O ex-líder estudantil de corpo coberto por tatuagens, e cuja **faixa presidencial pediu a um sindicato têxtil feminino,** montou um ministério com mais mulheres do que homens. Atraiu lideranças indígenas. Foi celebrado com pompa pela esquerda latino-americana, que vê nele indícios de novos ventos. Contudo, antes mesmo de começar a despachar, virou sinônimo de uma esquerda que incomoda a esquerda. Para vencer nas eleições o ultraconservador José Antonio Kast, Boric teve de caminhar para o centro (entre os seus auxiliares, vários são representantes desse grupo). Sim, ele convidou Dilma Rousseff para a cerimônia inaugural, já disse gostar da ideia de Lula suceder a Bolsonaro, mas também não teve dúvida em deixar claro: se é preciso mudar, que as mudanças venham com autocrítica sincera e fundamental. "Queremos aprender com os problemas que o PT teve. Queremos aprender para que não aconteçam conosco. Os casos de corrupção, por exemplo, que são graves e que, quando acontecem, pedem reação muito firme, para que não se estendam." Boric, a julgar por esse início, é uma voz que precisa ser ouvida. ■

Luiz Felipe Castro

A INIMIGA DOS REGIMES

A atriz e humorista americana de 34 anos explica por que se tornou uma implacável ativista antidieta e lança um livro no qual prega a liberdade de ficar em paz com a balança comendo à vontade

ARQUIVO PESSOAL

LIBEROU GERAL Caroline Dooner: "Dificultamos nossa relação com a comida"

O livro *F*da-se a Dieta*, publicado no Brasil pela editora BestSeller, une experiências pessoais e estudos científicos para atacar os regimes restritivos. O que motiva sua cruzada? Creio que dificultamos nossa própria relação com a comida. Não percebemos quanto a culpa, as regras alimentares, a busca pelo emagrecimento e as tentativas frustradas de dietas dão a sensação de perda de controle sobre nosso corpo. É preciso um processo de cura para sair desse ciclo e confiarmos em nós mesmos. Falo sobre esses princípios em workshops há cinco anos.

Como atriz e comediante sem formação em saúde, não lhe faltam credenciais para atacar as dietas? Há pessoas presas ao fato de eu não ser médica, mas isso não importa. Reúno no livro pesquisas de profissionais e cientistas da área, e cito todas as referências. Lembro ainda que é um livro baseado na minha relação com a comida.

Após anos testando regimes da moda, por que se autoproclamou uma ex-viciada em dietas? Para mim foi revolucionária a ideia de voltar ao meu próprio corpo. Com isso, passei a questionar: estamos realmente habitando nosso organismo? Sentindo nossas emoções? Para evitar a dor, nos distraímos com obsessões como a busca por um corpo que não é o nosso.

Como tem sido a recepção de seu ativismo contra a cultura fitness e sua defesa de vilões como carboidratos, açú-

cares e até a comida "trash"? Muitos interpretam isso como irresponsável, pouco saudável ou um sinal de desistência da minha parte. Mas meu objetivo é falar com pessoas que levaram o desejo de ser "saudável" a um nível insalubre. Quero ajudá-las a melhorar seu bem-estar e confiança. Não é meu plano convencer os dietistas radicais a mudarem seus hábitos.

O livro é anunciado como uma resposta feminista à cultura da dieta. De que forma as mulheres são mais afetadas por isso que os homens? Foi no passado um fardo principalmente para as mulheres, quando a beleza convencional era uma das únicas maneiras de garantir poder e respeito, mas agora parece que é a vez de todo mundo odiar seu corpo. Tenho notado pequenas mudanças no mercado contra a cultura da gordofobia, como nas pessoas que são escaladas para comerciais e anúncios de roupas. Mas a melhor coisa a fazer é compartilhar o ativismo em um nível individual, com quem é próximo de nós.

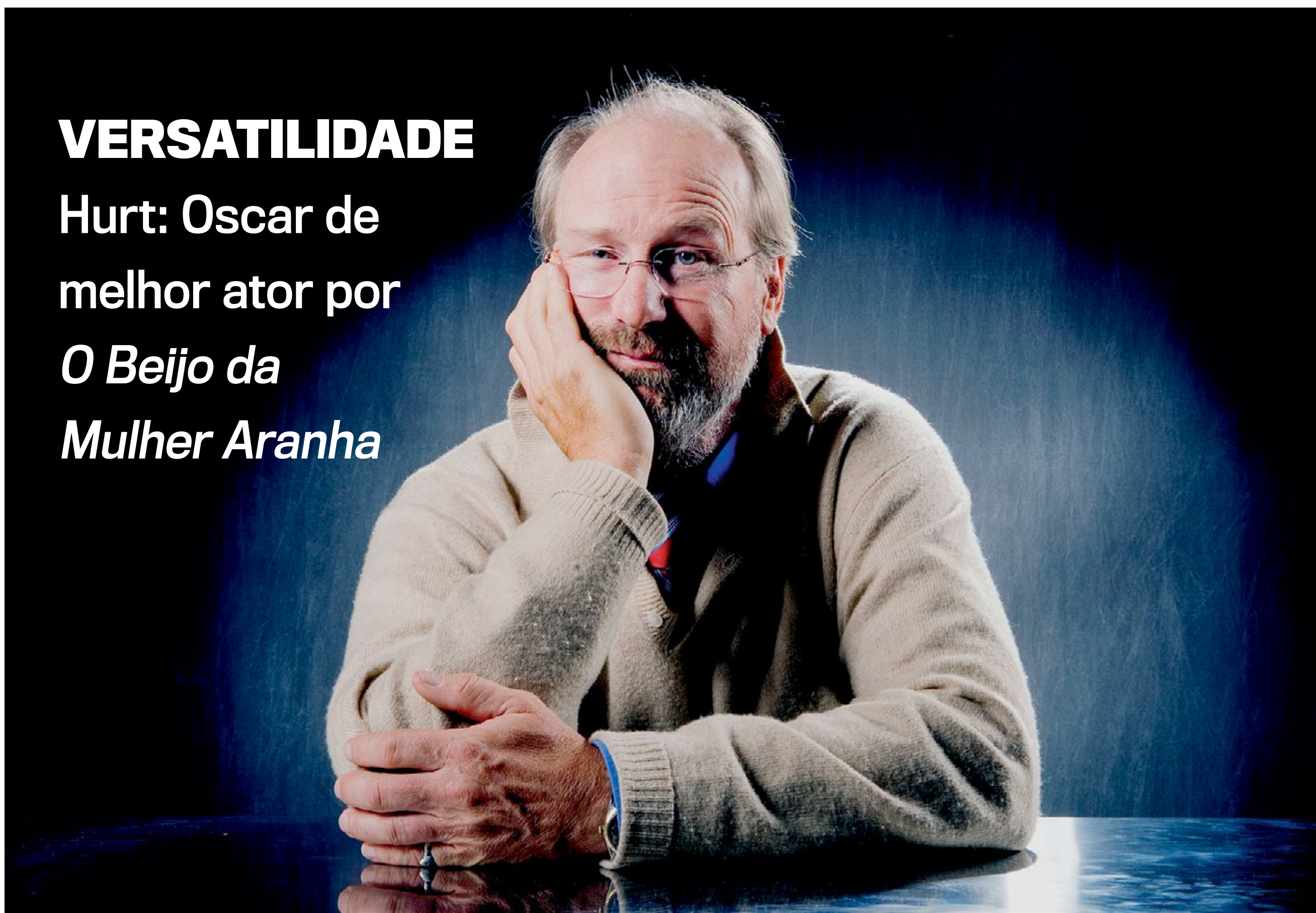
Como lidar com os padrões físicos inalcançáveis propalados pelas redes sociais? O primeiro passo é entender quanto as imagens que vemos podem ser uma lavagem cerebral. Uma vez que compreendemos isso, precisamos nos proteger. Para isso, organize seus feeds de mídia social para mostrar pessoas que vão inspirá-lo a ser mais gentil consigo mesmo, não aquelas que fazem você se sentir inadequado. ■

Gabriela Caputo

A DELICADEZA NAS TELAS

A cadência tranquila da voz de **William Hurt,** entre a timidez e a convicção, já atraíra a atenção dos diretores de Hollywood para papéis de personagens com dilemas imensos e dores de consciência. Mas foi com o Luís Molina de *O Beijo da Mulher Aranha,* de 1985, dirigido pelo argentino radicado no Brasil Hector Babenco, que ele entraria para a galeria dos grandes nomes do cinema. O trabalho, inspirado a partir de um livro de Manuel Puig, pôs numa mesma cela Molina, um prisioneiro gay, e um militante político interpretado por Raul Julia (1940-1994). Eles dividem relatos de vida — os reais e os imaginários. Hurt ganharia naquele ano o Oscar.

PIETER HENKET/IMOVISION

VERSATILIDADE
Hurt: Oscar de melhor ator por *O Beijo da Mulher Aranha*

Voltaria a disputar a estatueta, sem vencê-la, em *Filhos do Silêncio*, de 1986, e *Nos Bastidores da Notícia*, de 1987. Concorreria também como coadjuvante em 2005, com *Marcas da Violência.* A delicada modéstia de Hurt, que o fazia se distanciar da imprensa e das festas, avesso à ribalta, pode ser medida por sua reação ao saber da morte de Babenco, em 2016. "Eu estou tão triste hoje. Por outro lado, tão feliz. Hector está aqui, agora. Ninguém de quem lembramos morre. Algo se vai, sim. Mas não a essência." Hurt morreu em 13 de março, aos 71 anos, em Portland, nos Estados Unidos. Lutava contra um câncer de próstata.

ORLANDO BRITO

OS OLHOS PARA O PODER O fenomenal repórter fotográfico **Orlando Brito** morreu em 11 de março, aos 72 anos. Conheça, no site de VEJA, algumas de suas imagens históricas do cotidiano político de Brasília, de Castelo Branco a Bolsonaro.

O MARINHEIRO DEDO-DURO

ANDRÉ VALENTIM

DELATOR Anselmo: associado à ditadura, entregou a noiva

José Anselmo dos Santos, o **Cabo Anselmo,** ganhou destaque em 1964, ao liderar um movimento de marinheiros de baixa patente contra os oficiais da Marinha. Não demorou para se aproximar do presidente João Goulart e dos movimentos de esquerda. Descobriu-se, depois do golpe, que ele agia como agente duplo. Chegou a ser enviado para treinamento em Cuba, mas já servia como dedo-duro. Coletava e fornecia aos militares informações que lhes permitiram capturar guerrilheiros e opositores, incluindo sua noiva, a militante comunista Soledad Viedma, que, mesmo grávida de quatro meses, foi brutalmente torturada e morreria em uma prisão militar. Anselmo viveria anos escondido, ajudado por parceiros da repressão. Só reapareceu publicamente no fim dos anos 1990. Morreu em 16 de março, aos 80 anos, em Jundiaí, de complicações de um cálculo renal. ■

FERNANDO SCHÜLER

A MODERNIZAÇÃO NECESSÁRIA

OBSERVEM o seguinte. Menos de 4% dos alunos do ensino médio de São Paulo, em 2021, terminaram o ano com conhecimento considerado adequado em matemática. O aluno sai do 3º ano do ensino médio com o conhecimento mínimo desejável para um estudante do 7º ano do fundamental. O secretário de Educação de São Paulo, Rossieli Soares, que além de bom gestor é um tipo sincero, foi direto ao ponto: "O que já era ruim ficou pior", definindo nossa educação pública como "uma com os piores resultados" do mundo.

Alguém poderia pensar que esses resultados vieram apenas em decorrência da pandemia. Ledo engano. O desastre da pandemia é basicamente a continuação do desastre de nossa educação estatal. Dados do Ideb de 2019 mostram que apenas 5,2% de nossos estudantes das escolas estatais no 3º ano do ensino médio tiveram um aprendizado adequado em matemática, contra 41,3% nas escolas da rede privada.

Muita gente não gosta de ler sobre essas coisas. Outros já cansaram. "Nossa educação pública é assim e não vai mudar", escutei tempos atrás, de um gestor público um tanto

abatido. Ele havia dirigido uma Secretaria de Educação e desistiu. Não conseguiu mudar as "engrenagens da máquina pública", me disse. Não tinha poder sobre as escolas, os indicadores de desempenho eram apenas para constar, professores não eram avaliados e os sindicatos reagiam a qualquer tentativa de mudança.

Há quem insista na tese de que os alunos das redes públicas não aprendem porque são pobres. Escutei variações elegantes dessa ideia em dezenas de debates, nos últimos anos. O problema não viria das aulas não dadas, da burocracia, da falta de dinamismo das escolas. Nada disso. A culpa seria dos próprios alunos, sem apoio em casa e pais sem a devida formação. Essa tese sempre me pareceu a mais terrível. A tese conveniente, que nos redime do erro de nossas próprias escolhas. De um Estado que deveria encarar e superar as limitações da pobreza, e não as usar como desculpa para seu próprio fracasso.

Durante a pandemia, o sistema falhou mais uma vez. Os dados da PNAD Contínua de 2021 mostram que o número de estudantes de 6 e 7 anos que não sabem ler e escrever aumentou 66,3% de 2019 a 2021. Milhões de estudantes brasileiros simplesmente não tiveram aulas. Outros tantos tiveram algo que apenas remotamente se pode chamar de ensino a distância. O que o país fez em relação a isso? A oposição culpou o governo federal e este os estados e municípios. E quem manda nos dois lados se salvou, como sempre, nas boas escolas privadas.

REALIDADE Bloomberg, ex-prefeito de Nova York: falência da escola pública

Conversei com dezenas de gestores para saber o que aconteceu. As histórias giram todas em torno da lentidão para comprar tablets e acesso às redes; a dificuldade da escola funcionar de on-line; treinar os professores no modelo digital; a resistência dos sindicatos. Não se trata de nenhum problema específico, nem deste ou daquele governo. Há simplesmente um sistema destituído de senso de urgência, no qual o usuário — famílias e alunos — não tem nenhum poder de influência. Poder de exigir que as coisas funcionem

BENJAMIN LOWY/GETTY IMAGES

“Na educação, estacionamos. O ‘é assim porque sempre foi’ nos define”

ou mudar de escola. De dizer “não” a um sistema que não responde. E do qual não tem como escapar.

Recursos não parecem ser o problema. Leio que na virada do ano o governo de São Paulo concedeu 1,6 bilhão de reais de “Abono-Fundeb” aos professores estaduais. No estado do Amazonas, o vale foi de 480 milhões de reais. Leio que prefeituras como a de Parnarama, no interior do Maranhão, pagaram 28 000 reais a cada servidor. Em Castelo, no interior do Piauí, o “bônus” foi de 18 600 reais. Observar esses “abonos” nos dá um bom retrato de nosso ensino estatal. Muita retórica “pela educação”, foco real na demanda corporativa e virtualmente nenhum no aprendizado dos alunos.

Retrato da educação pública que construímos. Nesse caso, resultado de uma pequena frase colocada na Constituição, em 2020, quando da votação do “novo Fundeb”. Uma frase mandando passar de 60% para 70% o gasto mínimo do Fundo com servidores públicos. Alguma razão objetiva para isso? Algum estudo de prioridades? Nada disso. Apenas uma padronização, posta na Constituição, valendo para todos os municípios e estados brasileiros, independentemen-

te de seu perfil e necessidades, numa época de rápida mutação demográfica. O porquê disso? Política e capacidade de pressão, no Congresso, e o silêncio, da sociedade.

Enquanto isso, leio que Michael Bloomberg, ex-prefeito de Nova York, lançou um amplo programa para incentivar a expansão das escolas charter, nos Estados Unidos. São escolas independentes, geridas por organizações especializadas, sob contratos de gestão com o governo, que passa a focar na regulação do sistema e na qualidade do resultado alcançado. Serão 750 milhões de dólares para apoiar a criação de escolas, premiar iniciativas e avaliar resultados. "A educação pública americana está quebrada", diz Bloomberg. É preciso "um modelo baseado em evidências, centrado nos alunos, capaz de premiar desempenho e responsabilizar as escolas pelos resultados obtidos".

Bloomberg não fala da boca para fora. Quando foi prefeito de Nova York, implantou uma ampla rede de escolas charter. Pesquisa da Universidade Stanford mostrou que seus alunos "ganham 63 dias de aprendizado a mais, em matemática, em relação aos alunos das redes tradicionais". É um indicativo. Nenhum modelo é uma solução mágica. O que aparece aí é uma alternativa relevante, em linha com exemplos bem-sucedidos de parcerias público-privadas em curso no Brasil. O que definitivamente não adianta é bancarmos o avestruz, fazendo de conta que estamos para sempre condenados ao exclusivo modelo de monopólio estatal, cujos resultados já sabemos de cor.

Escolas estatais, no Brasil, atendem a 84% dos estudantes, com resultados bem abaixo da média americana, como nos mostra o PISA, a cada três anos. Ainda assim, nos recusamos a pensar em alternativas. E elas estão aí. As inovações da reforma do Estado vão produzindo uma revolução, país afora. Parques ambientais e aeroportos vão sendo concedidos à gestão privada. Hospitais são gerenciados via PPPs, como nos mostra a Bahia, e instituições de excelência, como Einstein e Sírio-Libanês, gerenciam hospitais públicos, em São Paulo. Recentemente aprovamos o novo marco do saneamento básico, e assistimos a uma onda de investimentos privados no setor.

Na educação, estacionamos. Nos especializamos em diagnósticos sobre quanto nossos alunos não aprendem, fazemos testes sem consequência e apostamos sempre nas velhas soluções. O "é assim porque sempre foi", na frase genial de Faoro sobre nosso tradicionalismo político, parece nos definir com triste precisão. Até quando, não sei. ■

Fernando Schüler é cientista político e professor do Insper

SOBE

BRAGA NETTO

A escolha do ministro da Defesa para ser vice do presidente Jair Bolsonaro é cada vez mais dada como certa nos bastidores, mesmo que ainda não tenha sido anunciada oficialmente.

PL

Com as novas filiações acertadas, passou a ser o maior partido da Câmara, com 63 deputados federais, superando o União Brasil, que encolheu e ficou com sessenta parlamentares.

PESQUISAS

Só neste início de ano foram 102 consultas registradas no TSE, quase o dobro das realizadas na eleição de 2018.

DESCE

ANDERSON TORRES

O Ministro da Justiça tentou reeditar a censura ao proibir Netflix e Globo de exibir um velho e esquecido filme de Danilo Gentili e Fabio Porchat.

JANAINA PASCHOAL

A conta do Instagram da deputada estadual do PRTB-SP foi limitada pela administração da rede por divulgação de *fake news* relacionadas às vacinas.

MAGAZINE LUIZA

As ações da empresa despencaram após a divulgação dos resultados do quarto trimestre de 2021. O lucro diminuiu 58% em relação ao mesmo período de 2020.

Edição: **LIZIA BYDLOWSKI**

“Nada blinda preto de racismo, nada. E com mulher preta é pior ainda. Nós somos mais abandonadas e discriminadas, porque o homem preto não quer a mulher preta.”

GLORIA MARIA, apresentadora, escancarando o preconceito no Brasil

RICARDO BORGES/FOLHAPRESS

“Tem mais iPhones no Brasil do que população. Os brasileiros têm um, dois iPhones.”

PAULO GUEDES, ministro da Economia daquele país onde, além de as empregadas viajarem para a Disney, todo mundo tem no mínimo um celular da Apple. Depois se corrigiu: quis dizer “dois dispositivos digitais”

“Depois de ser presidente, não fui mais nada.”

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO, no documentário *O Presidente Improvável,* prestes a ser lançado. Ele se recupera de uma cirurgia no fêmur

“Senhor Deus, em nome de Jesus nós ungimos estas armas para a segurança da população da nossa cidade.”

RENÊ ARIAN, pastor evangélico de Curitiba, estendendo a bênção a revólveres, pistolas, uma espingarda e um fuzil de particulares amontoados na igreja

“Sou solteira. Não vou comprar um rapaz no Wish *(plataforma de e-commerce)* e me juntar a ele só porque é sempre um casal que mora no Eliseu.”

MARINE LE PEN, candidata da extrema direita à Presidência da França, definindo o arranjo doméstico no palácio caso seja eleita: serão ela, seus sete gatos “e os bebês deles”

“A proteção oferecida pela terceira dose é bastante boa contra hospitalizações e mortes. Mas não é boa contra infecções.”

ALBERT BOURLA, presidente da Pfizer, que está recomendando uma quarta dose da vacina para pessoas acima de 65 anos

“Um número recorde de pessoas se voluntariou para acolher refugiados e eu espero fazer parte disso.”

BENEDICT CUMBERBATCH, ator, dispondo-se a abrir a casa para ucranianos em fuga. O governo britânico pretende pagar 350 libras por mês a quem colaborar. Cumberbatch deve dispensar a ajuda

“Priorizo a simplicidade, a estrutura modular. Quero ser o mais eficiente possível, construir pequenas coisas que podem ser acopladas com facilidade e criar um ambiente holístico.”

FRANCIS KÉRÉ, arquiteto de Burkina Faso, o primeiro africano a conquistar o Prêmio Pritzker, o Nobel da arquitetura

“Nestes dois meses, entendi que meu lugar ainda é no campo, não na arquibancada.”

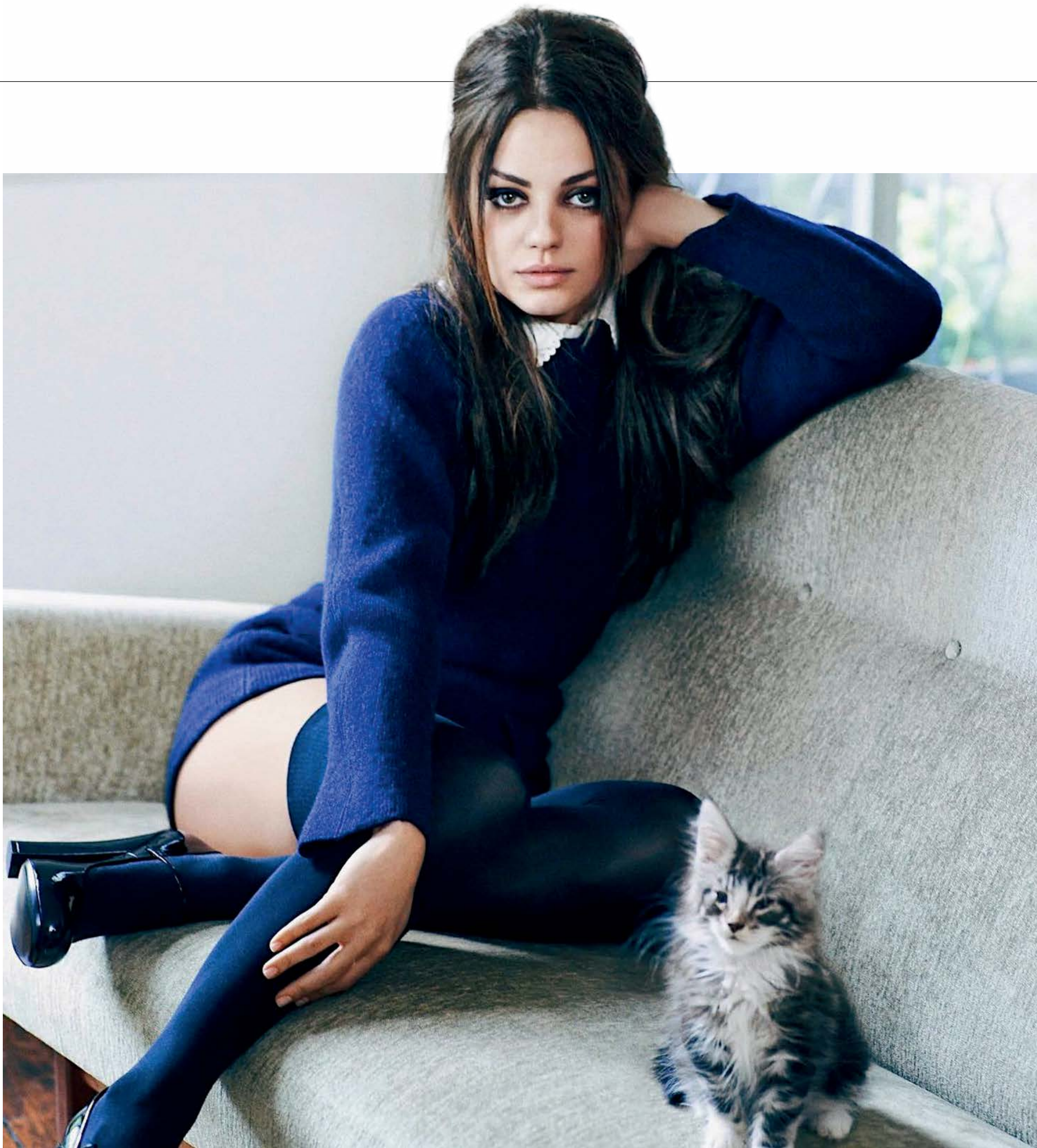
TOM BRADY, craque do futebol americano de 44 anos, voltando atrás na decisão de se aposentar

“Vocês não devem saber, mas o sobrenome da minha mãe é Larbalestier, e eu vou acrescentá-lo ao meu nome.”

LEWIS HAMILTON, piloto campeão de Fórmula 1, prometendo novidade na temporada que se inicia

“Serena e Venus, vocês são maravilhosas. Mas não jogam contra os homens, como eu.”

JANE CAMPION, cineasta, fazendo piada muito malvista ao receber o prêmio de melhor diretora no Critics Choice Awards. As irmãs tenistas são tema de um filme com várias indicações

INSTAGRAM @KUNISMILAONLINE

“Eu não quero que vire uma coisa do tipo ‘Todos os russos são seres humanos horríveis’. Não quero que a retórica seja essa. Encorajo as pessoas a ver a questão da seguinte perspectiva: ‘É o pessoal no poder, não o povo propriamente’.”

MILA KUNIS, atriz ucraniano-americana, dando seu palpite sobre a guerra. Ela e o marido, o ator Ashton Kutcher, estão arrecadando um fundo de 30 milhões de dólares para ajudar o país atacado

ROBSON BONIN

Com reportagem de Gustavo Maia, Laísa Dall'Agnol e Lucas Vettorazzo

Gabinete itinerante

Com medo de um atentado, Lula adotou um ritual cansativo. Em São Paulo, dá expediente em locais diferentes todos os dias. É para não estabelecer rotina que seja rastreável por criminosos.

"Mau perdedor"

Numa conversa recente com um interlocutor, João Doria não perdoou o ainda tucano Eduardo Leite por flertar com o PSD. "Mau perdedor. A política não perdoa", disse Doria.

Última palavra

Na escolha do advogado de campanha, Bolsonaro queria Karina Kufa, a quem confia suas defesas há anos. Valdemar Costa Neto, porém, escolheu Tarcisio Vieira, ex-TSE — e assim foi feito.

CAIO GUATELLI

NA TELONA FHC: obra sobre a vida do ex-presidente chega aos cinemas

Parado no tempo

Depois de torrar 90 000 reais do fundo partidário numa estátua de bronze em tamanho real de Leonel Brizola, o PDT decidiu realizar um ato no dia 1º de maio para instalar a obra na sede do partido, em Brasília.

Aliado radical

Réu no STF, Daniel Silveira

acha que será o candidato de Bolsonaro ao Senado pelo Rio. Já pediu o apoio do presidente. Bolsonaro ficou de pensar.

O resto é história

Para contar a história de **Fernando Henrique Cardoso,** a equipe de *O Presidente Improvável* registrou vinte entrevistas em onze meses de trabalho. Foram trinta horas de gravações. Só para colher o depoimento de Bill Clinton foram três longas reuniões de negociação.

Ele, não

Na obra, os políticos que ganham mais destaque nos diálogos são Mario Covas, Franco Montoro e Ulysses Guimarães. Lula não foi convidado a falar de FHC porque o petista é candidato ao Planalto. “A obra tem a democracia e FHC como protagonistas”, diz o documentarista Belisario Franca.

Quem é que manda

Que Lula, que nada. Mulher do senador Jaques Wagner, Fátima Mendonça diz para quem quiser ouvir que foi ela quem vetou a candidatura do marido.

Vácuo de poder

Com a provável saída do astronauta Marcos Pontes do Ministério da Ciência e Tecnologia, a pasta entrou na mira da ala militar do governo.

Somos todos amigos

Chefe do União Brasil, Luciano Bivar deixou de lado, na quarta, o discurso de terceira via para almoçar com Arthur Lira e Ciro Nogueira em Brasília.

A VIDA DUPLA DO ASSESSOR

ALÔ, TSE Trabulo: ele recebe do governo, mas atua na campanha

O sujeito sorridente ao lado de Jair Bolsonaro na foto é um alto executivo do governo. Diretor de Operações e Abastecimento da Conab, um órgão vinculado ao Ministério da Agricultura, **José Trabulo Junior** tem salário de 31 500 reais e luxos como carro oficial e motorista. Trabulo é remunerado pela máquina federal, mas, nas últimas semanas, sumiu do serviço para dar expediente no comitê de campanha de Bolsonaro à reeleição, uma luxuosa mansão no Lago Sul, em Brasília.

Amigo do chefe da Casa Civil, Ciro Nogueira, de quem recebeu a missão de montar a estrutura de campanha de Bolsonaro, Trabulo não faz questão de esconder o uso da estrutura oficial no projeto de reeleição do presidente, até porque tem o aval do ministro mais poderoso do governo. Durante o tempo em que passa no comitê, o motorista com crachá da Conab o aguarda no carro da estatal, esperando ele sair da mansão onde funciona a produtora que fará os vídeos de campanha de Bolsonaro. Sem saber que fora flagrado pelo Radar, Trabulo nega atuar no QG eleitoral no horário em que deveria estar na Conab. “Faço tudo fora do expediente, para não ter conflito”, diz. Para atuar na campanha, Trabulo sabe que deveria se afastar do governo. Está na lei. Mas quem pagaria seu salário e o carro oficial, não é mesmo?

ROSINEI COUTINHO/SCO/STF

CAUSA NOBRE Fux: CNJ lançará um pacto nacional sobre direitos humanos

Vote em mim

Já é campanha na Câmara. Dos 21,8 milhões de reais gastos neste ano pelos deputados nos gabinetes, 8,2 milhões de reais foram com publicidade.

Pacto pelo país

Presidente do STF, **Luiz Fux** quer mobilizar o Judiciário brasileiro, a partir do CNJ, em torno de um grande Pacto Nacional do Judiciário pelos Direitos Humanos. "Trabalhar pela integridade de direitos é agenda permanente e prioritária dos juízes", diz Fux.

Ideias verdes

Augusto Aras ampliou a equipe da PGR que cuida da Amazônia. Ele quer lançar, com o apoio do governo e da sociedade, um plano do MPF de desenvolvimento sustentável para a região.

Aliviado

O juiz Marcelo Bretas desabafou recentemente com um amigo sobre ataques que recebeu de Gilmar Mendes: "Há um ano, disseram que um grande escândalo apareceria e 'faria corar frade de pedra'. O tempo mostrou quão vazia era essa agressão". A conferir.

Dor de cabeça

O Exército identificou dois de seus ex-recrutas na Ucrânia. Os trapalhões foram acusados de revelar informações à Rússia com seus vídeos nas redes.

Campeões nacionais

O BNDES faz setenta anos em junho e vai entrar de vez na guerra ao volta Lula. Até junho, fará uma série de ações para mostrar avanços do banco desde que deixou de ser alvo de negociatas do PT.

Um drinque no inferno

Palco de troca de acusações de corrupção entre conselheiros, o Cade vem perdendo servidores que pedem exoneração por causa do clima no órgão.

Tá sobrando

O desespero bateu no setor do amendoim — 52% da produção nacional (17 milhões de toneladas) era vendida à Rússia e Ucrânia. Com a guerra, não há comprador e os silos estão lotados.

Apetite chinês

Discretamente, os italianos da Enel estão dominando as concessões de energia do BNDES. Neste ano, levaram todos os leilões do banco.

Solta o som, marujo

A Marinha vai torrar até 6 milhões de reais para contratar serviços de som para suas duas bandas institucionais. ■

BRASÍLIA, ME AGUARDE

Livre do processo das rachadinhas, Fabrício Queiroz fala com exclusividade sobre o caso, os planos de se candidatar a deputado federal e os laços com o clã Bolsonaro — nunca desfeitos

CAIO SARTORI E **SOFIA CERQUEIRA**

TERCEIRIZAÇÃO Queiroz: contatos com o presidente por intermediários, para evitar "saia-justa"

ALEX FERRO

Pivô do primeiro escândalo pós-eleição de 2018, com a vitória de Jair Bolsonaro, identificado como operador de um esquema de rachadinha no gabinete do então deputado estadual Flávio Bolsonaro, o policial militar da reserva Fabrício Queiroz se dedica agora a costurar sua candidatura a deputado federal pelo Rio de Janeiro. Para isso, usa os laços, nunca desfeitos, com o clã presidencial, do qual se apropriou até do bordão "Brasil acima de tudo, Deus acima de todos", pregado em suas redes sociais. Livre das acusações depois que a Justiça deliberou ter havido irregularidades no inquérito, Queiroz, 56 anos, continua a ter acesso à família, por meio de interlocutores — "para não criar saia-justa" —, e foi dessa forma que recebeu aval e incentivo do agora senador Flávio para a empreitada eleitoral. "Ele disse que eu tinha que vir candidato mesmo", declarou com exclusividade a VEJA o amigo de quatro décadas do presidente.

Durante quase duas horas, em sua primeira grande entrevista desde a explosão do caso, o ex-PM afirma que não guarda mágoa da terceirização de contatos, mesmo tendo tanta intimidade com o clã. "Nunca fui abandonado", diz, para em seguida deixar entrever certo ressentimento com o "Comando", como chama o velho amigo: "Se eu sou o presidente, teria me levado para Brasília nem que fosse para cortar grama no palácio", resume. E, então, o celular toca e surge na tela "Bolsonaro 2022", com DDD de Brasília. Não, diz ele, não é o que parece.

REPRODUÇÃO

PISTOLÃO Bolsonaro recebe Nienov, do PTB: empurrãozinho de Queiroz

Os laços com a primeira-família seguem visíveis em cada passo do pré-candidato Queiroz. Além de exibir na internet fotos ao lado do presidente e de seus filhos, os quais lembra de ter pegado no colo quando pequenos, também tira proveito da profícua rede de contatos dos tempos da campanha bolsonarista. Queiroz tem se encontrado com grupos de direita, marcado presença em atos de policiais — base de apoio do clã — e usado seu acesso privilegiado para turbinar o cacife na busca por um partido. De olho no PTB, há cerca de dois meses ofereceu à então presidente da sigla, Graciela

TÉRCIO TEIXEIRA/FOLHAPRESS

PROSELITISMO O ex-PM *(de óculos)* em manifestação de policiais: circulando para cultivar apoio eleitoral

Nienov, um encontro com Bolsonaro, que seria agendado por um intermediário. “Ele vendeu espaço na agenda do presidente em troca da candidatura pelo partido”, conta um cacique petebista.

Fato é que, no dia 11 de janeiro, Nienov posou ao lado do presidente em fotos e vídeos. Perguntado sobre o favor, Queiroz desconversa aos risos, com seu jeito bonachão e carioquíssimo: “Quem sou eu? Ela não precisa disso”. O ex-assessor-motorista-segurança da família tem flertado também com PP, Patriota, PRTB, DC, Agir e até o riquíssimo

União Brasil. Só na segunda semana de março, esteve com o novo presidente do PTB, Marcus Vinícius Neskau — que preferiria vê-lo candidato a deputado estadual — e tomou um café com Domingos Frazão, conselheiro do Tribunal de Contas do Estado, cuja família está montando o União Brasil no Rio. “Ele é uma incógnita, pode fazer 10 000 ou 70 000 votos”, avalia um dirigente petebista. Queiroz não esconde sua preferência. “O que eu queria era ouvir da boca do Flávio: ‘Vem para o PL’”, confessa. Não ouviu, mas em outra ida a Brasília, em dezembro, recebeu o recado de que o ex-chefe abençoava suas pretensões eleitorais.

Relembrando o conturbado dezembro de 2018, quando o escândalo da rachadinha ruiu os planos de assessorar Flávio no Senado, e os meses que se seguiram, Queiroz dá, pela primeira vez, sua versão sobre o que o fez se esconder por um ano e meio em Atibaia, no interior de São Paulo. Nega que estivesse fugindo para não ser preso. Resolveu sumir, diz, porque o miliciano Adriano da Nóbrega, ex-capitão do Bope com quem chegou a dividir o mesmo batalhão e atuou em várias operações — “o melhor policial que conheci” —, morto em 2020 pela polícia, na Bahia, o alertou de que havia gente querendo matá-lo. Assustado, relata, procurou um conhecido para falar com o “pessoal lá de cima”. O tal conhecido era próximo de Frederick Wassef, ligado ao clã (depois, assumiria a defesa de Flávio Bolsonaro), e assim Queiroz teria ido parar na casa do advogado em Atibaia, onde se sentiu protegido, blindado da imprensa e tranquilo para tratar o câncer de intestino.

“SE EU FOSSE O PRESIDENTE, ME BOTARIA A SEU LADO”

Trechos da entrevista de quase duas horas concedida com exclusividade a VEJA por Fabrício Queiroz, o amigo do clã presidencial denunciado como operador do esquema de rachadinha no gabinete do hoje senador Flávio Bolsonaro.

Por que decidiu se candidatar agora? Virei um leproso e quero mudar isso aí. Minha filha chegou a ser nomeada para um cargo no Palácio Guanabara e em seguida a exoneraram. Claro que fiz um contato aqui e ali, mas ela é qualificada. Decidi então rasgar o véu e mostrar a cara.

Terá apoio da família Bolsonaro? Não sei, não tem pressão da minha parte. Mas já pensou? Fico pensando neles com as bandeiras do Queiroz: lealdade, fidelidade, pátria, Brasil, democracia e porrada na esquerda.

Como foi o encontro em Brasília com Flávio, em

janeiro? Queria saber o que o Flávio achava da minha ideia de entrar para a política. Enquanto um interlocutor meu falava com ele, eu estava ali perto, tomando um chope. Ficarmos frente a frente poderia gerar fofoca. Ele concordou que eu deveria sair candidato. Adoraria ouvir da boca dele: "Vem para o PL". Mas isso não veio.

Guarda mágoas do clã? Nenhuma. Não fui abandonado. Mas, se eu sou o presidente, pegaria o Queiroz e botaria do meu lado, entendeu? Teria me levado para Brasília, nem que fosse para cortar grama no Palácio. Quantos vagabundos há por aí, todos empregados? Por que tenho que passar por tudo isso?

Em meio ao escândalo da rachadinha, veio à tona que o senhor depositou 89 000 reais na conta da primeira-dama Michelle Bolsonaro. Qual foi a razão, afinal? Pedi três empréstimos para o Jair. Uma vez estava com 20 000 reais negativos no cheque especial, na outra foram 30 000 para comprar um Honda e depois mais 40 000 para um carro blindado. O Rio é muito perigoso.

Por que pôs dinheiro na conta de Michelle? Deputado não tem tempo. Não é melhor você dar a função para a tua mulher? Todo mês tem lá o chequinho.

O senhor operava a rachadinha, como afirma o MP fluminense? Que rachadinha? Qual é o problema de ter dinheiro na minha conta? Não estava na cueca, não. Sou um cara que faz rolo. Quem depositou na minha conta teve lucro, pelo menos um lucrozinho. Quanto às despesas do Flávio, é coisa normal. Até as minhas eu já pedi para alguém pagar no banco.

Por que o senhor se escondeu em Atibaia? Em dezembro de 2018, o capitão Adriano *(da Nóbrega, miliciano que comandava o Escritório do Crime)*, que Deus o tenha, chega para mim e diz: "Tem gente querendo te matar". Não revelou quem, mas essas pessoas sabem, entendeu? Aí procurei um advogado amigo que tinha relacionamento com o Fred Wassef *(advogado do presidente)* e falei: "Meu irmão, vê com o pessoal lá de cima o que está acontecendo. Vê lá porque vai cair na conta deles". Aí fui para Atibaia, protegido pelo Wassef.

O MP retomou as investigações de um caso no qual o senhor e Adriano aparecem como suspeitos de um homicídio, quando eram policiais. O que aconteceu ali? O cara era bandido, vagabundo, estava de fuzil. Trocou tiro com a gente e quem morreu foi ele. Hoje está lá no inferno e eu, aqui. Chorou a mãe dele.

Quando o escândalo da rachadinha estourou, como foi sua conversa com Flávio? Estava todo mundo em cima e nos encontramos em um estacionamento de um supermercado na Barra da Tijuca. Eu o tranquilizei: "Esse negócio é meu, não tem nada a ver com vocês".

E as transações imobiliárias de Flávio, que teriam sido feitas com recursos desviados do gabinete? Problema dele, imóveis não têm nada a ver comigo.

Ainda fala com o presidente? Não. Sou militar e obedeço. Desde 1984, a gente tinha uma afinidade legal, pô. Peguei os filhos dele no colo. Tudo novinho, loirinho, bonitinho.

Ele jura de pés juntos que nunca, jamais, se encontrou ou falou com Wassef. “Estou doido para conhecer esse cara, me ajudou muito”, reforça. E reclama da Operação Anjo (esse seria o apelido que o advogado ganhou dos Queiroz, embora eles neguem), em que a polícia entrou na casa, o capturou sentado no sofá da sala e o levou de helicóptero para o Rio sob alegação de obstrução de Justiça — a seu ver, uma “prisão espetaculosa”.

Na ocasião, Queiroz passou quase um mês na cadeia, enquanto sua mulher, Márcia Aguiar, também alvo da operação, era considerada foragida — ele afirma que ela voltou para casa, na Zona Oeste do Rio, e não foi procurada por ninguém. Os dois acabaram cumprindo prisão domiciliar até o entendimento judicial de que as principais provas do inquérito haviam sido obtidas de forma irregular e o caso voltar à estaca zero. Libertado, decidiu alçar outros voos.

Queiroz se alonga ao explicar em minúcias que depositou 89 000 reais na conta de Michelle Bolsonaro para quitar três empréstimos pessoais que obteve do “Comando” em momentos de necessidade — uma prova de apreço, porque, revela, “o Jair é assim com dinheiro” (fechando o punho). Já no caso de outra evidência apontada pelo MP no inquérito anulado, de que onze assessores, incluindo parentes seus e do finado capitão Adriano, transferiram ou depositaram na sua conta mais de 2 milhões de reais entre 2007 e 2018, ele substitui explicações por provocações. “Qual é o problema de ter dinheiro na minha conta? Não está na minha cueca, não.”

AMIGO DO PEITO
Adriano: Queiroz diz que sumiu depois de aviso do miliciano

Queiroz também aparece na ação como responsável por pagar contas de Flávio — quitou mensalidades escolares das filhas dele e o plano de saúde da família. Chegou a depositar 25 000 reais em espécie na conta de Fernanda, mulher do senador, dinheiro que, segundo a promotoria, teria ajudado a quitar uma parcela de um imóvel do casal em Laranjeiras, Zona Sul do Rio — uma das transações imobiliárias do senador nas quais as investigações detectaram indícios de lavagem de dinheiro. Ele afirma que nunca participou de desvio algum. Encerra o assunto com um comentário machista, grosso mesmo, bem ao seu estilo: “Gosto da rachadinha, mas da feminina”. E dá uma gargalhada.

Livre, leve e solto após as deliberações do Superior Tribunal de Justiça que praticamente enterraram a denúncia, Queiroz deu adeus à vida discreta e pôs em marcha a campanha eleitoral. Criou uma conta no Twitter e liberou o

SEBASTIÃO MOREIRA/EFE

ESCOLTA
Localizado em Atibaia, o PM da reserva foi levado para o Rio de helicóptero: "Prisão espetaculosa"

acesso ao seu Instagram, que era restrito. Com a ajuda das filhas Melissa, 20 anos, e Evelyn, 26, posta fotos antigas ao lado do amigo Bolsonaro, publica montagens que o associam ao ideário do presidente e tem até seu próprio "telejornal", a Tribuna do Queiroz. Nos vídeos, incensa as decisões do Planalto, detona a esquerda e comenta, em tom sabichão, até a guerra na Ucrânia. Entremeia com anúncios em que seu rosto aparece com a bandeira do Brasil ao fundo, enquanto um locutor vaticina: "Atenção, Rio, Fabrício Queiroz vem aí". Para agradar ao eleitorado evangélico, tem tentado não aparecer tomando cerveja — bebida preferida, ao lado de um licor de uísque —, circula entre os colegas da polícia, almoça com paraquedistas e prestigia ação social da prefeitura. "Depois de virar um leproso, quero mudar isso aí", avisa. Se for com imunidade parlamentar, melhor ainda. ■

MURILLO DE ARAGÃO

A RIQUEZA DOS PRINCÍPIOS

O poder privado já não aceita tratar com países irresponsáveis

ABORDEI, em coluna passada, a questão da privatização da guerra, determinada pela reação das corporações multinacionais à invasão da Ucrânia. Agora, avalio o desdobramento do tema: o impacto do conflito na cultura empresarial ESG (environmental, social and governance). Os fundos de investimento em empresas ESG — consideradas ambiental e socialmente corretas e com boa governança — possuem investimentos que ultrapassam 2 trilhões de dólares. Uma pequena fração desses fundos, menos de 10 bilhões de dólares, investiu em empresas russas. Após a invasão, não investe mais, pois não acredita que possa ser aceita como ESG. É uma mudança relevante.

Porém, a questão vai mais além: a ampliação do conceito de empresas ESG, o que foi percebido por André Clark, um dos mais atentos executivos para as transformações no mundo empresarial, como uma espécie de ESG 2.0. O ponto crítico desse movimento reside no fato de que as empresas devem estar livres de amarras e relações nebulosas com go-

vernos, sobretudo com aqueles que desrespeitam as regras democráticas e as boas relações internacionais.

E isso não apenas no que tange à corrupção, como evidenciado na Operação Lava-Jato. Mas também em relação a regimes autoritários, ditatoriais e agressivos que, eventualmente, oprimem minorias e não respeitam a boa convivência com países vizinhos. Como investir em uma empresa que se beneficia de regimes antidemocráticos e que não joga dentro das regras internacionais da boa convivência?

Atualmente, muitas empresas e alguns governos ainda podem ser lenientes com regimes antidemocráticos. No entanto, com a expansão da cultura ESG, parcela expressiva do mundo privado (mercado acionário, fundos de investimento, empresas e consumidores) poderá deixar de aceitar relações políticas controversas no universo de seus investimentos. A expansão do conceito ESG para o campo político pode ser gradualmente relevante, atingindo, por exemplo, fornecedores que operam a partir de países vistos como não adequados politicamente.

"Vivemos uma mudança cultural que incorpora valores de transparência e governança"

É evidente que tais transformações não serão imediatas. Empresas vão continuar a comprar petróleo e insumos de países politicamente controversos. No entanto, as exigências do mundo contemporâneo privado decerto vão se tornar crescentes. O que estamos vendo, com a suspensão internacional de operações comerciais com a Rússia, é uma amostra do poder privado em defesa das relações de confiança.

De fato, em parte expressiva da economia mundial vivemos uma mudança cultural que incorpora valores de transparência, governança e respeito a direitos humanos e ao meio ambiente. Importa entender que o mundo ESG 2.0 veio para ficar. E que suas transformações, ainda que graduais, podem ser inevitáveis quanto a separar quem joga e quem não joga dentro das regras.

O Brasil deve ficar muito atento aos ventos das transformações. Temos nossas próprias guerras, por exemplo, a que enfrentamos contra a desigualdade econômica e social e a favor da sustentabilidade de nossos recursos naturais. Os movimentos que hoje estão em curso no mundo livre também podem nos afetar no curto prazo. ■

VALTER CAMPANATO/AGÊNCIA BRASIL

EM CAMPANHA Bolsonaro no Palácio da Alvorada, no último dia 8: mais de vinte líderes religiosos reunidos no evento

CRUZADA ELEITORAL

Presidenciáveis ampliam articulações e investem em estruturas mais profissionais para fazer frente ao acirramento da batalha pelos votos evangélicos

REYNALDO TUROLLO JR. E **TULIO KRUSE**

MENTOR Lula e o pastor Paulo Marcelo *(de máscara preta):* viagens pelo país para refazer pontes com as igrejas

DESDE 2010, o Censo do IBGE mostra que os evangélicos são o segmento religioso que mais cresce, quando atingiu 22,2% da população, ante 15,4% em 2000, um aumento de 16 milhões de pessoas em dez anos. Indubitavelmente, grande parte da vitória de Jair Bolsonaro em 2018 pode ser atribuída à forma com que ele se tornou o candidato preferido por esse imenso rebanho. Na véspera do segundo turno daquele ano, o Datafolha indicava que o capitão tinha a preferência de 59% dos evangélicos, bem à frente de Fernando

Haddad (PT), com 26%. Na campanha pela reeleição, Bolsonaro trabalha firme para manter os laços com essa base, enquanto seus principais concorrentes ao Palácio do Planalto em 2022 colocam em prática estratégias destinadas a roubar pelo menos um naco dos votos, com um nível de profissionalização sem precedentes em pleitos anteriores, especialmente porque o segmento continua crescendo e hoje é estimado em quase um terço da população, ou 24% do eleitorado, de acordo com a última pesquisa XP/Ipespe, de março.

Ao longo dos últimos três anos, o governo Bolsonaro esmerou-se em acenos aos fiéis, a começar pelo pagamento da promessa de indicar um nome "terrivelmente evangélico" ao STF — o pastor presbiteriano André Mendonça. Manteve ainda abertas as portas do Palácio do Planalto para os pastores, perdoou dívidas dos templos e distribuiu verbas publicitárias para veículos ligados a eles. Em 2021, priorizou agendas públicas em igrejas evangélicas — só na TV Brasil, o governo transmitiu quase três horas de cultos ao vivo com a presença do presidente. Com a proximidade do pleito, o capitão aumentou os agrados. Ele vem avisando que vai vetar a legalização dos jogos de azar se o projeto passar no Congresso, pauta cara aos evangélicos, mesmo contrariando alas de seu próprio governo e do Centrão. No último dia 8, numa demonstração de força, reuniu em seu apoio mais de vinte líderes no Palácio da Alvorada. A nova ofensiva em direção ao rebanho é uma evidência clara de que, a despeito de todos os gestos já feitos, a manutenção desse apoio não se

THAIS MESQUITA/O POVO

PROFISSÃO DE FÉ Ciro Gomes *(ao centro):* presença em culto do apóstolo Luiz Henrique ao lado do novo aliado Cabo Daciolo *(de máscara branca)*

dará de forma automática, principalmente pelo movimento dos adversários. Prova disso é o último levantamento XP/Ipespe. Segundo ele, a vantagem de Bolsonaro sobre Lula no meio evangélico hoje é de apenas 4 pontos, 37% a 33%.

Quem acompanhou de perto o esforço do petista para não repetir o desempenho fraco de Haddad nas igrejas não se surpreende com esses dados. Depois de declarar que assistia a cultos pela TV enquanto esteve preso em Curitiba, o ex-presidente recebeu o pastor Paulo Marcelo Schallenberger, que lhe apresentou ideias para desfazer algumas “visões

erradas" que os evangélicos têm do PT, como a de que pretende perseguir as igrejas ou obrigá-las a praticar atos contrários à sua doutrina (ele propõe que Lula deixe claro que não vai interferir nas escolhas individuais). Espécie de pastor freelancer que prega como convidado em igrejas pentecostais, Schallenberger começou a criticar Bolsonaro nas redes sociais em 2020 e, desde então, vinha buscando aproximação com Lula. Na reunião que tiveram, reforçou a necessidade de o petista reconstruir as pontes com os moradores das periferias, onde se presume que esteja a maioria dos evangélicos. "O fiel mais simples está falando assim: 'Esse negócio de pauta de costumes não está enchendo minha barriga'", avalia Schallenberger, para quem somente Lula é capaz de dar resposta à desigualdade.

Com o apoio de lideranças estaduais, o pastor iniciou viagens pelo país, com o aval de Lula, para defender o legado do ex-presidente entre a comunidade. Esteve em Juazeiro (BA), onde diz ter cadastrado centenas de pastores apoiadores do petista, e nas próximas semanas irá a Sergipe. Também está em contato com o PT para criar um podcast voltado para o público evangélico, no qual pretende lembrar que foi nos anos 2000, sob os governos de Lula, que o número de fiéis e de igrejas disparou. Para isso, já escolheu um versículo bíblico, Lamentações 3:21 — "Quero trazer à memória o que me pode dar esperança". Em outra frente, o PT estruturou núcleos evangélicos em mais de vinte estados para tentar alcançar as bases, sob coordenação da deputada Be-

FACEBOOK @SF.MORO

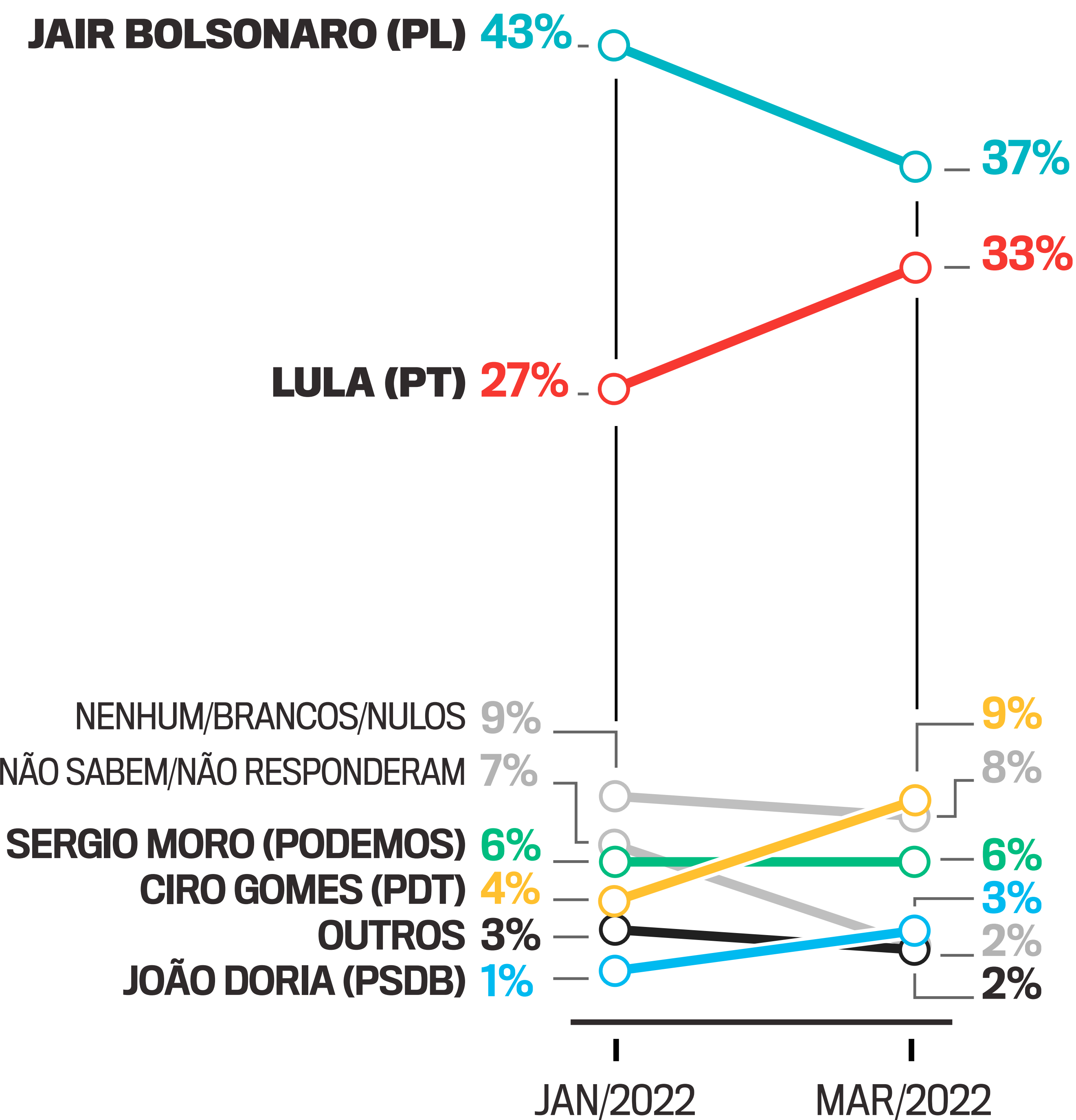
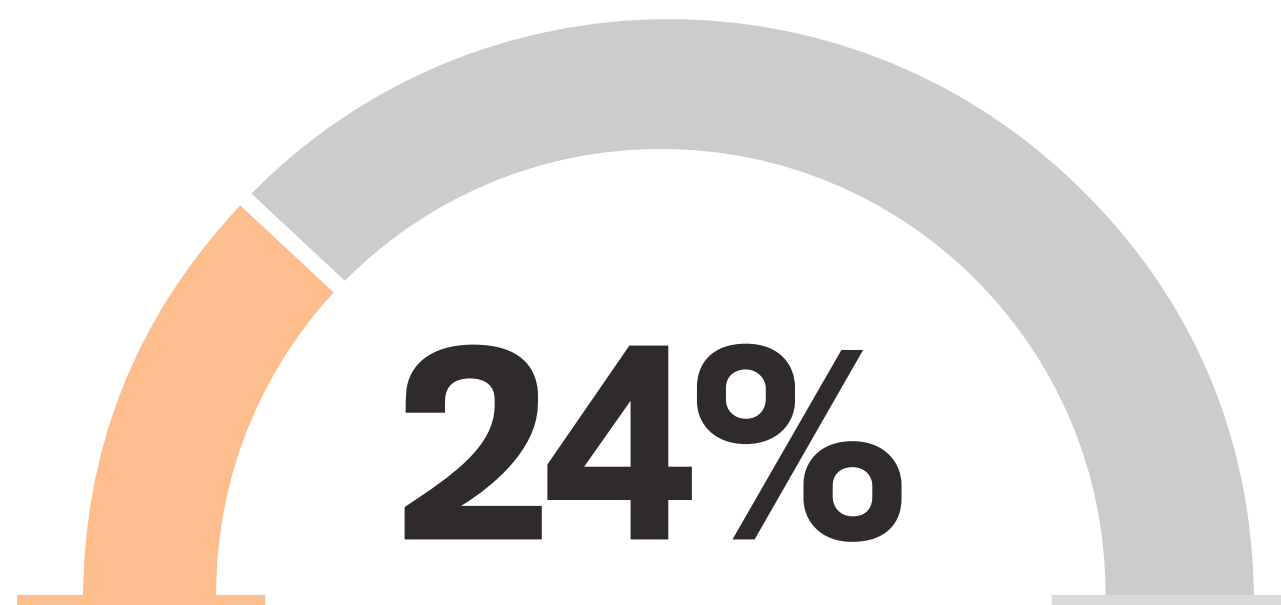
CAMPANHA Sergio Moro: reunião com o pastor Estevam Fernandes na Paraíba

nedita da Silva (RJ), que é evangélica. O entorno de Lula aposta ainda na interlocução do ex-governador Geraldo Alckmin, provável candidato a vice na chapa petista, com lideranças de São Paulo. “Não é Alckmin que está caminhando para a esquerda, é o Lula que está indo para o centro”, diz Schallenberger nas igrejas.

Não são apenas os favoritos Lula e Bolsonaro que estão na disputa por esse rebanho. O ex-juiz e ex-ministro Sergio Moro (Podemos) tem se reunido com religiosos desde dezembro, com a intermediação do advogado Uziel Santana, ex-presidente da associação de juristas evangélicos. Em fe-

DE OLHO NO REBANHO

Evangélicos representam quase um quarto do eleitorado

A CORRIDA ELEITORAL ENTRE OS EVANGÉLICOS

O PESO DO SEGMENTO

É A PARTICIPAÇÃO ESTIMADA DOS EVANGÉLICOS NO ELEITORADO TOTAL

Fonte: *Pesquisa XP/Ipespe, feita entre os dias 7 e 9 de março*

COMO FOI EM 2018

(segundo turno, entre os evangélicos, em votos totais)

JAIR BOLSONARO

59%

FERNANDO HADDAD (PT)

26%

Fonte: *Pesquisa Datafolha divulgada em 25/10/2018, a três dias da eleição*

vereiro, Moro lançou uma carta em que se comprometeu a observar princípios cristãos, como não ampliar as situações em que o aborto é permitido. “Parte significativa dos evangélicos carrega um sentimento de orfandade em relação às esperanças que foram depositadas no governo Bolsonaro. O desmonte do combate à corrupção resultou nisso”, diz Santana, para quem os pastores têm demonstrado “gratidão” pelos serviços que Moro prestou com a Lava-Jato.

Presidenciável pelo PDT, Ciro Gomes tem tido apoio de um movimento religioso que está abrigado na sigla desde 2018, os Cristãos Trabalhistas. Liderado pelo pastor Alexandre Gonçalves, o grupo serve como assessoria religiosa para a campanha, opinando sobre os posicionamentos do candidato para aproximá-los do gosto evangélico. Foi a partir de conversas entre Ciro e o pastor que surgiu a ideia de uma recente peça publicitária em que o político mostra a *Bíblia* e a Constituição, uma em cada mão, e diz que “não são livros conflitantes”. Crítico do identitarismo que tomou parte da esquerda, o pastor defende que Ciro se volte para um “discurso clássico, de defesa dos direitos dos trabalhadores”, a fim de alcançar o eleitorado evangélico.

Um dos grandes desafios dos candidatos ao longo dessa cruzada eleitoral é garantir que os acordos feitos com as lideranças sejam capazes mesmo de influenciar os votos do rebanho, algo que não é tão simples quanto parece. Pesquisador de sociologia e religião pela USP, Renan William dos Santos avalia que os candidatos recorrem aos pastores por-

que perderam os canais de diálogo direto com os fiéis, sobretudo no caso do PT. Vários estudos apontam que a maioria dos evangélicos não vota seguindo a orientação dos pastores. De acordo com artigo acadêmico publicado em 2019, do qual Santos é um dos autores, 75,8% dos pentecostais e neopentecostais responderam que não levam em consideração a opinião de líderes da sua igreja que fazem campanha para políticos. "As lideranças são centros gravitacionais, mas não são determinantes", alerta Santos.

O pesquisador também sustenta que, apesar de declararem apoio a Bolsonaro até aqui, os líderes religiosos não romperam as pontes com os demais candidatos, o que permitirá que embarquem no próximo governo seja quem for o presidente. Recentemente, o líder da Renascer, Estevam Hernandes, disse a um podcast que está aberto a conversar com Lula, mesmo sendo apoiador de Bolsonaro. No mês passado, o presidente do Republicanos e bispo licenciado da Igreja Universal, deputado Marcos Pereira (SP), criticou Bolsonaro por "atrapalhar" as novas filiações ao partido, o que pôs em dúvida o apoio incondicional da Universal ao projeto de Bolsonaro. Integrantes da família Ferreira, da Assembleia de Deus de Madureira, se reuniram com nomes da esquerda, incluindo o próprio Lula. São sinais que, para aliados do petista, nutrem a esperança de que essas grandes igrejas se mantenham ao menos neutras na eleição.

A luta a qualquer custo por esses votos também carrega outro problema, que ficou evidente na gestão de Bolsonaro,

um presidente claramente à disposição dos interesses dos evangélicos. "Bolsonaro está colocando em risco a laicidade do Estado", diz o teólogo Eulálio Figueira, do curso de ciência da religião da PUC-SP. Evangélicos no entorno de Bolsonaro esperam que o capitão priorize ainda mais num possível segundo mandato outros assuntos do interesse das igrejas, a exemplo da chamada pauta de costumes, como a regulamentação do homeschooling, o projeto Escola sem Partido e o Estatuto do Nascituro — que pode criar entraves para a aplicação da legislação já existente sobre o aborto. "Antes, a gente não conseguia avançar as pautas mais polêmicas com relação a costumes. No caso de uma reeleição de Bolsonaro, a gente pode caminhar", diz o deputado federal Sóstenes Cavalcante (União Brasil-RJ), presidente da bancada evangélica da Câmara. Por motivos óbvios, a campanha de Bolsonaro jamais fará menção aos males desse ataque à laicidade do Estado. Mas é lamentável que a maior parte de seus concorrentes prefira fechar os olhos para esse pecado em meio à sua legítima cruzada eleitoral. ■

CASAMENTO POLÍTICO

Rosangela da Silva, a Janja, noiva de Lula, influencia a agenda e os discursos do petista ao incluir temas como feminismo, alimentação saudável e defesa de animais

BRUNO RIBEIRO E **DIOGO MAGRI**

ESTRELA Janja: militância no PT vem desde os anos 1980, quando chegou a Curitiba, a mesma cidade onde conheceu Lula

TWITTER @JANJALULA

NA SEGUNDA 14, a cachorrinha Resistência era a estrela de um concorrido evento do Dia Nacional dos Animais em um palco inusitado: a Fundação Perseu Abramo, uma espécie de *think tank* dedicado a traçar as diretrizes programáticas do PT. Além do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, lá estavam boa parte da cúpula do partido, ONGs e celebridades ligadas à causa, como a atriz Luisa Mell e a apresentadora Bela Gil. Resistência não chegou ali à toa. Foi trazida de Curitiba pela socióloga Rosangela da Silva, 55 anos, que a adotara no acampamento em frente à Polícia Federal de onde militantes pediam a liberdade do ex-presidente, preso pela Lava-Jato. Janja, como é conhecida a noiva de Lula, é bem mais do que isso: é a responsável por incutir na cabeça do companheiro bandeiras que eram laterais na sua agenda. O encontro, por exemplo, discutiu a inclusão da causa animal no programa que o petista defenderá na eleição, uma preocupação que nem existia na sigla até 2021, quando foi criada uma setorial para cuidar do assunto. E Resistência, agora a cachorra do casal, virou a mascote oficial do movimento.

Não foi o primeiro evento em que o toque feminino da noiva de Lula ganhou evidência. Janja idealizou o encontro do petista com Bela Gil e a chef Bel Coelho, no Camélia Òdòdó, o badalado restaurante da filha de Gilberto Gil na Vila Madalena, em São Paulo, no fim de fevereiro, para um debate sobre alimentação saudável. Janja soube por Bela que ativistas queriam conhecer Lula e tratou de convencer o companheiro a ir. “Chamei amigos e amigas de profissão,

TWITTER @LULAOFICIAL

SÍMBOLO A cachorra Resistência: adotada em Curitiba, ela virou mascote da causa

chefs de cozinha, nutricionistas, sociólogos. E Janja colocou alguns nomes", lembra Bela. O tema já vinha sendo trabalhado pela noiva. Dias antes, Lula fizera uma postagem nas redes sociais dizendo ter "melhorado o discurso". "Não falo só do pessoal voltar a comer churrasco, mas também o pessoal vegetariano, que não come carne, poder comer uma boa salada orgânica", escreveu. Na semana passada, o roteiro foi parecido. Janja conversou com Lula sobre temas como adoção e castração. Contente com o que ouviu, Luisa Mell, que tem mais de 4 milhões de seguidores no Instagram, pos-

ROBERTO CASIMIRO/FOTOARENA

PROMESSA Lula com mulheres: o petista defende cota feminina no Legislativo

tou uma foto sorridente com Lula e uma legenda elogiosa ao petista. “Ficou bem evidente que a Janja está influenciando realmente o presidente para essas pautas tão importantes e que ele não conhecia. E que bom”, diz a ativista.

A mudança agrada ao petismo. O ex-líder sindical, que ainda vocaliza vários radicalismos ligados à agenda econômica do PT, atualizou seu discurso para incluir assuntos que mobilizam um universo diferente nas redes. Tal transformação tem sido motivada por Janja, com quem ele vai se casar ainda antes da eleição. Muito mais do que posar como uma

candidata à primeira-dama "clássica" (o que também faz), ela vem mostrando ter um protagonismo próprio, ao ser capaz de não só de direcionar a campanha para temas com apelo atual, mas também ao articular pontes com públicos com os quais Lula não tinha contato.

O círculo de amigos mais próximos ao casal diz que a postura é inerente a sua personalidade, moldada por uma vida de militância política. Rosangela da Silva nasceu em União da Vitória, cidade de 58 000 habitantes na divisa do Paraná com Santa Catarina, mas se mudou para Curitiba ainda pequena. Lá, interessou-se pelas causas da esquerda e filiou-se ao PT aos 17, quando o partido tinha três anos de idade. Formada e pós-graduada na Universidade Federal do Paraná, trabalhou em uma empresa de engenharia da Usina Hidrelétrica de Barra Grande antes de ser indicada em 2003, na gestão petista, a um cargo na Itaipu Binacional, onde fez carreira desenvolvendo projetos ligados ao desenvolvimento sustentável e à inclusão social. Ela se aposentou na empresa em 2020, mas passou sete anos no Rio de Janeiro cedida à Eletrobras, onde atuou na área de comunicação social.

O relacionamento dela com Lula começou no pior momento do petista. Janja não tem filhos e já foi casada, mas estava sozinha havia cerca de dez anos quando, em 2018, o ex-presidente foi levado a Curitiba. Com amigos, passou a frequentar o acampamento montado por petistas ao lado da PF, de onde Lula ouvia os gritos por sua liberdade. Ela já havia sido apresentada ao ex-presidente em outros

TWITTER @JANJALULA

VOO-SOLO Na Paulista: ela foi às ruas como sempre fez, mas agora ouve cobranças dirigidas ao noivo

momentos e conhecia a presidente do PT, Gleisi Hoffmann, por causa da militância no Paraná e do trabalho em Itaipu. Por isso conseguiu ser incluída na lista de mais de 500 pessoas que estiveram com o petista no cárcere. “Ela era uma fã dele”, resume um amigo. Ali, segundo as pessoas próximas ao casal, teriam começado a se envolver e selaram o compromisso amoroso numa visita ocorrida em 12 de junho de 2019, Dia dos Namorados. Um começo de relacionamento bastante inocente, diga-se, devi-

do às circunstâncias. Lula não tinha direito a visita íntima e chegou a brincar que, desta vez, ia "casar virgem".

Quando o ex-presidente foi solto, e Janja apareceu para o público, ele passou a frequentar com ela a casa de amigos em São Paulo como o ex-prefeito Fernando Haddad, o advogado Marco Aurélio de Carvalho, do Grupo Prerrogativas, e o deputado Emidio de Souza, uma vez que Janja ficara amiga dos três dirigentes e suas mulheres na nova cidade. As rodas de amizade foram se ampliando e Janja foi deixando boas impressões tanto pela forma com que cuida do ex-presidente quanto pela disposição de "doutrinar" o companheiro nos temas com os quais sempre conviveu.

Exemplo disso é o cuidado com que ela o alerta para falas politicamente incorretas. Lula já foi flagrado fazendo piadas homofóbicas com gaúchos. Segundo uma amiga do casal, hoje isso não aconteceria. "O Lula, agora, é o cara que se preocupa em ter um prato vegetariano ou vegano se a visita não come carne", diz uma amiga do casal. Entre os dirigentes, a nova companheira é vista como um achado. "A Janja deve ser encarada como um ativo do campo progressista e do PT em especial. Ela é muito sensível e qualificada", afirma Carvalho, que vê nela um "compromisso sincero" com pautas de direitos humanos, erradicação da fome e miséria. Os mais encantados vão além. "Ela só ficará satisfeita se deixar um legado. Vai ser protagonista, de Michelle Obama para mais", exagera Bela Gil.

Janja acompanha Lula em suas viagens pelo país e pelo exterior e faz as vezes da companheira discreta, que posa pa-

TWITTER @JANJALULA

VIAGEM Juntos na Argentina: pose com o presidente Alberto Fernández e esposa

ra os retratos ao lado do companheiro se a ocasião recomenda, mas também é a militante que vai sozinha, caminhando na rua, a eventos como a marcha pelo Dia Internacional da Mulher na Avenida Paulista, em São Paulo, no dia 8. Nesse caso, ao ser reconhecida, ouviu cobranças sobre a ausência do marido. Já no encontro sobre a data organizado pelo PT no dia seguinte, ela foi recebida sob aplausos pelo público (só

PRIMEIRA APARIÇÃO Com Lula na PF: Janja celebra a soltura do petista após 580 dias no cárcere, onde começou o namoro

de mulheres) e a primeira a discursar, antecedendo ativistas e dirigentes. Lula sinalizou uma reforma política para garantir 50% das vagas no Legislativo a mulheres.

O perfil de Janja contrasta com o da ex-primeira-dama Marisa Letícia, que morreu em fevereiro de 2017 em decorrência de um AVC. Casada com Lula desde 1974, ela conheceu o marido no Sindicato dos Metalúrgicos do ABC

e também teve uma atuação política. Liderou uma passeata de mulheres contra a prisão de Lula na ditadura e ajudou a organizar movimentos feministas. Mas durante as campanhas políticas e sua passagem pela Presidência, Marisa optou pela discrição. Janja, por sua vez, parece disposta a não abrir mão do protagonismo conquistado e continuará tendo um papel importante na tentativa do petista de voltar ao Palácio do Planalto. Segundo o entorno do ex-presidente, ela representa hoje um canal importante para conquistar votos femininos, justamente o ponto mais fraco do rival Jair Bolsonaro. Nesse sentido, os noivos ensaiam um casamento político perfeito. ■

TRABALHO OBSTINADO João Doria: negociações para que definição de candidatura única ocorra no máximo até junho

A JANELA ESTÁ FECHANDO

Há seis meses, onze candidatos se apresentavam como opção da terceira via. Vários deles ficaram pelo caminho. Agora, a disputa entra numa fase decisiva

LETÍCIA CASADO

GOVERNO DE SP

INIMIGOS ÍNTIMOS Moro: o ex-juiz enfrenta resistências em seu partido, mas ainda não considera a possibilidade de desistir

A TENTATIVA de construção de uma candidatura competitiva de terceira via para a sucessão presidencial é antiga. Desde 2020, políticos de diferentes partidos conversam sobre a possibilidade de apoiar um nome de centro com o objetivo de romper a polarização entre Jair Bolsonaro (PL) e o ex-presidente Lula (PT). Até agora, os esforços não surtiram efeito, e vários dos balões de ensaio apresentados ao eleitor abandonaram a disputa antes mesmo

RENATO S. CERQUEIRA/FUTURA PRESS

de ela começar oficialmente. A lista de desistência é eclética e reúne, por exemplo, o apresentador Luciano Huck, o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco, o jornalista José Luiz Datena e o ex-ministro Henrique Mandetta. Todos sofreram com problemas que perduram e afligem os postulantes da terceira via que continuam no páreo, como a baixa intenção de voto e a dificuldade de um acordo que permita que apenas um concorrente represente o grupo, recebendo o apoio dos demais. Por enquanto, ninguém quer abrir mão da candidatura para ninguém, apesar de todos estarem na rabeira das pesquisas.

Com a consolidação de Lula e Bolsonaro na condição de favoritos, representantes do centro intensificaram as conversas a fim de, pelo menos, passar a impressão de que não desistiram de selar uma aliança. Expoentes desse grupo, PSDB, MDB e União Brasil anunciaram que trabalharão juntos para construir uma candidatura única ao Palácio do Planalto, que seria anunciada no meio do ano. O pré-candidato tucano é o governador João Doria, que marcou 2% de intenções de voto na pesquisa da Quaest divulgada na quarta-feira 16. A postulante do MDB é a senadora Simone Tebet, que registrou 1%. O União Brasil não tem um nome na disputa, mas é cobiçado por diferentes candidatos, como o ex-juiz Sergio Moro (Podemos), que aparece com 7%, empatado com Ciro Gomes (PDT).

Nos discursos públicos, impera a promessa de parceria na terceira via, mas na prática é cada um por si. Doria e Moro gostariam de ter Simone como vice, mas a senadora des-

FELIPE DELLA VALLE/AGENCIA PIRATINI/AFP

POR FORA Leite: derrotado nas prévias do PSDB, ele ainda flerta com a candidatura

carta tal possibilidade. Cada um deles acredita que o outro será obrigado a abandonar a disputa, seja por vontade própria, seja por força dos fatos. A depuração no centro, que começou com a sucessão de desistências, ocorrerá de qualquer jeito, esperam os políticos envolvidos nas negociações. A janela para isso, no entanto, parece estar se fechando. A Quaest perguntou aos entrevistados quem eles gostariam que vencesse a eleição presidencial. Do total, 44% optaram por Lula e 26%, por Bolsonaro, enquanto 25% disseram nem um nem outro. Foi a primeira vez que a turma dos "nem-nem", que já atingiu 31%, ficou atrás da do ex-capitão. "A expectativa de que haverá uma terceira via fora da pola-

rização Lula e Bolsonaro está cada vez menor", diz o cientista político Felipe Nunes, diretor da Quaest. Ele acrescentou, referindo-se à recuperação tanto da avaliação positiva do governo quanto das intenções de voto do presidente: "Esse retorno dos bolsonaristas fortalece a tese de que teremos uma eleição polarizada entre Lula *(que continua forte)* e Bolsonaro *(que ganhou musculatura)*".

Ainda falta muito para a eleição, mas o panorama hoje para o centro é devastador. Somados, os postulantes da terceira via — Moro, Doria, Simone, Eduardo Leite, o mais novo balão de ensaio, e Felipe d'Avila (Novo) — mal ultrapassam os 10% no levantamento mais recente. "Se não tivermos uma terceira via, vamos seguir com a polarização para os próximos quatro anos, e isso é preocupante para o país", diz Baleia Rossi, presidente do MDB. "Cada partido trabalhará o seu nome até junho. O ideal é que haja união antes. Temos confiança em que, pelo trabalho realizado de mídia e visita aos Estados, Simone vai ganhar musculatura e ser competitiva", acrescenta. No último dia 13, Baleia Rossi se reuniu com Doria e o presidente do União Brasil, deputado Luciano Bivar, para tentar manter viva a chance de uma aliança. Anfitrião do encontro, o tucano acha que será o escolhido pelo grupo porque comanda São Paulo, a maior unidade da federação, e porque costurou no estado uma aliança entre PSDB, União Brasil e MDB para a disputa do governo paulista.

Obstinado, Doria tem dito que não pretende abrir mão da candidatura à Presidência e que o cenário só será defi-

nido em junho. Até lá, segundo ele, haverá um movimento natural de decantação e é grande a possibilidade de apenas ele e Moro restarem no páreo. O governador e o ex-juiz, então, entrariam num entendimento, com um abrindo mão para o outro. Essa decisão levaria em conta uma série de fatores, como a colocação de cada um nas pesquisas e os apoios políticos que cada um conseguiu fechar. Doria está certo de que levará vantagem diante da notória

FORA DO PÁREO

Os quatro candidatos que desistiram antes mesmo de começar a pré-campanha

GLOBO/DIVULGAÇÃO

LUCIANO HUCK
Sem partido, o apresentador de televisão foi o primeiro dos pré-candidatos a sair da disputa

CRISTIANO MARIZ

RODRIGO PACHECO
Presidente do Congresso, o senador passou seis meses tentando se viabilizar, mas não conseguiu

aversão de caciques partidários a Moro, em razão do trabalho do ex-juiz na Operação Lava-Jato. "Até junho haverá um processo de decantação. Precisamos unir o país", afirma o governador. No MDB, a aliança com União Brasil e PSDB não é vista como a alternativa mais provável. Boa parte da velha guarda do partido quer apoiar Lula, sobretudo os caciques do Nordeste. Políticos da Região Sul preferem Bolsonaro. Já na direção partidária, há quem defenda a tese de que, se ninguém do centro despontar nas pesquisas, a candidatura de Simone Tebet deve ser mantida, porque renovaria a imagem da legenda.

PEDRO LADEIRA/FOLHAPRESS

ALESSANDRO VIEIRA
O senador se anunciou como pré-candidato pelo Cidadania, mas, sem apoio, deixou o partido

EGBERTO NOGUEIRA/ÍMÃFOTOGALERIA

JOSÉ LUIZ DATENA
O jornalista chegou a atingir 7% das intenções de voto, mas optou por concorrer a uma vaga no Senado

Simone teria pelo menos duas facilidades em termos eleitorais. Sua campanha poderia ser financiada com os 30% dos fundos Partidário e Eleitoral que têm obrigatoriamente de ser destinados às mulheres. Além disso, a senadora ostenta baixa rejeição, o que lhe permite, em tese, crescer com mais facilidade. Sua rejeição hoje é de 19%, muito menor do que a de Moro (62%) e a de Doria (60%). A situação do ex-juiz não é fácil. Seus aliados dizem que até integrantes do Podemos estão fazendo corpo mole para ajudá-lo, especialmente candidatos em Goiás, Mato Grosso e Espírito Santo, que resistem a fechar as portas para Bolsonaro. A estrutura do partido, que conta com poucos recursos e pouco tempo de propaganda na TV, também preocupa Moro, que não descarta trocar a legenda pelo União Brasil a fim de impulsionar a sua candidatura. Há vários obstáculos para essa mudança, inclusive o temor de Moro de que, mais para a frente, o União rife a sua candidatura.

"Há uma conversa no sentido de ter uma candidatura única entre vários partidos. Não sabemos se isso vai evoluir, mas há uma expectativa de que sim", disse o ex-juiz na terça-feira 15. Moro esperava estar a esta altura com dois dígitos nas pesquisas e consolidado na terceira colocação na corrida presidencial. Como sua candidatura não deslanchou, apoiadores passaram a desenhar outros cenários. Dois juristas que coordenam parte da plataforma da pré-campanha chegaram à conclusão de que talvez seja o caso de Moro abrir mão do projeto presidencial e disputar uma

vaga no Legislativo. Ele, por enquanto, resiste — e, assim como Doria, Tebet e outros, tentará empurrar essa decisão para mais adiante. A questão é o tempo. “Eles precisam se agrupar logo. Se não se agruparem, lá na frente serão engolidos”, diz o deputado Delegado Waldir (União-GO). Não é tarefa fácil. Será necessária uma extraordinária habilidade política, combinada com uma dose cavalar de magnanimidade, para acomodar interesses tão distintos em nome de um objetivo maior. ■

Colaboraram Laryssa Borges e Ricardo Chapola

RICARDO RANGEL

O GRANDE FETICHE NACIONAL

As soluções mágicas que só aumentam o problema

BOLSONARO afirmou que a vinculação do preço do combustível à cotação internacional é algo que "não pode continuar acontecendo". Lula, que botou a culpa na privatização da BR Distribuidora (como se o motorista do caminhão que faz o frete determinasse o preço da mercadoria), declarou que "o preço vai ser brasileiro, porque os investimentos são feitos em real". Já Ciro Gomes disse que "eu chegando ao governo (...) essa política vai mudar: a Petrobras vai cobrar quanto custa para produzir". Simples, não?

Todo problema complexo, dizia o jornalista H.L. Mencken, tem uma solução simples e errada. Bolsonaro, Lula e Ciro se esqueceram de combinar com os russos (e americanos, europeus, chineses). Se o preço for baixo aqui, ninguém venderá para o Brasil e, como não somos autossuficientes, vai haver desabastecimento. Nossos políticos dizem defender a Petrobras e o Brasil, mas obrigar a empresa a vender barato (em vez de vender caro no exterior) trará prejuízos à companhia e aos acionistas — costumeiramente apresentados como

figuras satânicas que auferem lucros abusivos e indevidos, mas são na maioria empresas e cidadãos brasileiros, sendo o principal o próprio Brasil.

Dilma represou o preço do combustível e todo mundo viu no que deu: impôs à Petrobras um rombo de 100 bilhões de reais que praticamente quebrou a companhia e se traduziu em mais dívida, descontrole fiscal, inflação etc. A política de paridade com o preço internacional foi criada justamente para blindar a empresa contra governantes intervencionistas e irresponsáveis como Dilma e outros.

O efeito será similar se o governo determinar o congelamento do preço e escrever um cheque para compensar a perda da Petrobras, ou se abrir mão de imposto, conforme acaba de ser aprovado no Congresso. São outras soluções simples e erradas.

Qualquer providência que reduza o preço do combustível de maneira uniforme implica transferência de renda de po-

“Privatizar a Petrobras criaria muito mais valor para a sociedade e levantaria recursos para fazer o que é realmente importante”

bre para rico: quem anda de trem vai subsidiar quem anda de carro. Se o subsídio se restringir ao diesel, o pobre vai receber subsídio no transporte de comida, mas vai pagar o subsídio do transporte do carro do rico. Só faz sentido falar em subsídio, ainda mais para combustível fóssil, se for para gás de cozinha do pobre, auxílio emergencial, transporte de alimentos, medicamentos, coisas assim.

Esses argumentos, lamentavelmente, não surtem efeito no Brasil, país que acredita em soluções mágicas e enxerga combustível fóssil como fator estratégico. Mas estratégico é educação, não petróleo: deveríamos privatizar a Petrobras, o que criaria muito mais valor para a sociedade e levantaria recursos para fazer o que é realmente importante (sem falar que a desconcentração reduziria o problema que estamos vivendo hoje). Enquanto o mundo civilizado investe em energia limpa, se organiza para abandonar um combustível ambientalmente insustentável e se prepara para entrar de vez no século XXI, o Brasil segue discutindo pautas dos anos 1950, dando subsídio (uniforme!) para combustível fóssil e destruindo o meio ambiente.

Pelo jeito, só vamos entender o que está acontecendo quando não houver mais comprador para petróleo. Não falta muito tempo. ■

TOQUE DE RECOLHER

Mais popular que Bolsonaro na pandemia, Henrique Mandetta foi presidenciável e articulador da terceira via, mas hoje vê seu futuro restrito ao berço eleitoral **JOÃO PEDROSO DE CAMPOS**

PLANOS Mandetta: desejo de entrar na complicada disputa pelo Senado em Mato Grosso do Sul

PEDRO LADEIRA/FOLHAPRESS

EM ABRIL DE 2020, quando a pandemia completava o seu primeiro mês no Brasil, o então ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, demarcava diferenças com o negacionismo de Jair Bolsonaro. A postura científica firme em relação à crise sanitária rendeu a ele a aprovação de 76% da população, mais que o dobro dos 33% de seu chefe, segundo o Datafolha. Demitido pelo presidente treze dias após a divulgação desses números, em meio a trocas de farpas públicas, o médico sul-mato-grossense ganhou a condição de estrela política em ascensão. Em 2021, foi lançado candidato à Presidência pelo DEM, chegou a ter 5% das intenções de voto e participou ativamente das discussões sobre uma terceira via entre Bolsonaro e o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. No gesto mais visível dessa articulação, assinou um manifesto pela democracia que reuniu os presidenciáveis de centro, entre eles João Doria (PSDB) e Luciano Huck, seus interlocutores frequentes. Ao lado de postulantes como Ciro Gomes (PDT), participou ainda de debates sobre os grandes temas nacionais.

Chegado o ano eleitoral, no entanto, o ex-superministro vive situação bem diferente — a sua postulação presidencial murchou, ele se afastou das articulações nacionais e a definição de seu futuro está restrita a Mato Grosso do Sul, sua base eleitoral. Nos bastidores, ele tem dito a interlocutores que a possibilidade de concorrer ao Palácio do Planalto foi perdendo cor à medida que não via em outros candidatos, como Doria e Ciro, disposição de abrir mão das próprias postulações em nome da unidade. Decepcionado com os rumos da alian-

PABLO JACOB/AG. O GLOBO

PASSADO O articulador: a participação em conversas para unir a terceira via deu lugar a ambições voltadas ao próprio quintal

ça que sonhou ajudar a construir, Mandetta entende hoje que não há viabilidade eleitoral para a terceira via com tantos nomes na praça — ainda que eles continuem ensaiando um movimento de união.

Pesou também para o processo de afastamento do páreo presidencial a fusão do DEM com o PSL, que originou o União Brasil. O presidente da nova legenda, Luciano Bivar, encabeça as conversas para uma aliança com PSDB e MDB e sonha em ser vice dessa chapa. Foi Bivar, aliás, quem, em 25 de novembro de 2021, anunciou que o ex-ministro desistira da corrida ao Palácio do Planalto. Mandetta reagiu no mesmo dia. “Meu nome continua à disposição. Médico não abandona paciente”, postou no Twitter — foi a última vez que falou de política na rede, onde tem 827 000 seguidores. Aliados creem que ele deveria ter sido mais assertivo na sua

JOSÉ DIAS/PR

AUGE No ministério: ele chegou a ter uma aprovação de 76% da população

pretensão. “Faltou assumir a pré-candidatura e protagonizá-la”, critica um cacique do antigo DEM.

Entre idas e vindas, uma das possibilidades a Mandetta na eleição de outubro é retomar a vida política no palco que havia descartado. No dia 8 de agosto de 2018, ele subiu à tribuna da Câmara para anunciar que não disputaria mais a reeleição a deputado após dois mandatos seguidos. Embora seja a opção mais palpável, o ex-ministro quer se distanciar da imagem de político de carreira e resiste a voltar à Câmara. A hipótese que o empolga é concorrer ao Senado, mas há um xadrez intrincado em seu estado. O União Brasil lançou a deputada Rose Modesto ao governo, mas lideranças cogi-

tam usar a vaga ao Senado para atrair aliados. “Temos certeza de que poderemos contar com o apoio de Mandetta nas estratégias para fortalecer o partido”, diz a senadora Soraya Thronicke, presidente do União Brasil no estado.

Mesmo que consiga a indicação do partido para concorrer ao Senado, Mandetta teria como adversária a ministra da Agricultura, Tereza Cristina, que era do União Brasil, mas foi para o PP. Será uma parada dificílima. Afinal de contas, a ministra terá como trunfos a excelente relação com o agronegócio, pilar da economia local, e o bolsonarismo forte no estado. O destino do ex-ministro deve ser decidido até julho, quando o União Brasil espera fechar a chapa estadual. Ponderado e lúcido durante um momento tão difícil como a pandemia, Mandetta pode, sim, contribuir para elevar o nível da política nacional — seja como deputado ou senador. ■

INVERSÃO DE PAPÉIS

Empreiteiro que protagonizou escândalo de corrupção há quinze anos agora quer indenização bilionária por erros processuais **LARYSSA BORGES**

SÉRGIO DUTTI

FORTUNA Zuleido Veras: pedido de ressarcimento de 10 bilhões de reais

EM 2007, Lula cumpria seu segundo mandato como presidente da República, o presidente do Congresso era o senador Renan Calheiros e as grandes empreiteiras já faziam há tempo o que a Lava-Jato descobriria alguns anos depois. Naquele ano, uma operação da Polícia Federal provocou um terremoto político. Numa única tacada, a Justiça decretou a prisão de 47 pessoas. Na lista de investigados estavam governadores, ex-governadores, deputados, prefeitos, um ministro e funcionários públicos de alto escalão. O pivô do escândalo, o engenheiro Zuleido Veras, era um desconhecido do grande público. Dono da construtora baiana Gautama, ele foi acusado de corrupção e fraudes em obras públicas. Entre subornos e superfaturamentos, teria provocado um prejuízo aos cofres públicos calculado em 350 milhões de reais. O empresário respondeu a quarenta processos. Recentemente, o último deles foi arquivado. Livre de condenações, ele agora quer ser ressarcido pelo que perdeu e pelo que alega ter deixado de ganhar.

Em uma reviravolta judicial, quase quinze anos depois da operação, uma sucessão de decisões do Supremo Tribunal Federal (STF), do Superior Tribunal de Justiça (STJ), de dois tribunais regionais e de pelo menos três juízes de primeira instância anulou todas as provas do caso e levou o empreiteiro a ingressar com uma ação pelo suposto erro judiciário. Em escala de valores, é o maior processo desse tipo na história. Só de dano moral, ele solicita uma indenização de 50 milhões de reais. Quando incluídos os prejuízos da empresa,

as cifras podem ultrapassar os 10 bilhões de reais, segundo cálculo dos advogados. VEJA teve acesso às ações que correm na Justiça Federal em Brasília e em São Paulo. Há muitas similaridades com o desfecho da Operação Lava-Jato. Zuleido se diz vítima de perseguição de juízes, procuradores e delegados. Os casos também foram arquivados por erros processuais, sendo que o mais gritante deles é a existência de interceptações telefônicas sem o devido amparo legal.

O empreiteiro acusa a então ministra Eliana Calmon, responsável pelo caso, de utilizar a Operação Navalha como trampolim político. Após se aposentar no fim de 2013, quando ainda conduzia o processo no STJ, ela foi candidata ao Senado pela Bahia, estado-sede da empreiteira investigada, mas não se elegeu. Hoje na iniciativa privada, a ex-juíza reagiu com incredulidade ao ser informada sobre o conteúdo da ação que o empresário move contra o Estado brasileiro. “Nem o STF nem o STJ disseram que o fato não existiu e nem que o empreiteiro é inocente”, lembra. Para ela, a situação de Zuleido reflete uma questão que precisará ser enfrentada pela Justiça, já que vai incentivar outras empresas apanhadas cometendo ilegalidades a seguir o mesmo caminho: “As coisas ficaram muito fáceis para quem sofreu as consequências de uma Justiça mais austera. Não seria diferente na Navalha. As empresas investigadas da Lava-Jato provavelmente vão fazer o mesmo. Hoje, a Justiça olha o crime de colarinho-branco como uma coisa menor”, disse a ex-ministra a VEJA.

AILTON DE FREITAS/AG. O GLOBO

TERREMOTO O empreiteiro foi preso pela Polícia Federal em 2007

"ROGUEI PRAGA EM LULA"

Quinze anos depois da Operação Navalha, por que decidiu pedir indenização à Justiça? Passei por muitas dificuldades. Minha vida foi destruída. Minhas empresas tam-

bém. Ao final, a Justiça encerrou todos os processos. Sou inocente e quero reparação oficial. Não é simplesmente pelo dinheiro. É para repor a verdade.

O senhor foi acusado de subornar políticos e funcionários públicos, prática muito comum no universo das grandes empreiteiras. Nunca paguei propina. Receber pedido a gente sempre recebia. Eu me surpreendi com o petrolão.

Caso a Navalha não tivesse acontecido, a Gautama provavelmente estaria hoje envolvida na Lava-Jato, não? Eu poderia até cair, não sei. As grandes empreiteiras sempre se acharam intocáveis. Uns trinta dias antes de ser preso na Lava-Jato, o Léo Pinheiro *(sócio da OAS)* me disse que duvidava que iria para a cadeia.

O senhor tinha muitos contatos políticos importantes. Não os procurou? Quem quer falar com um leproso numa hora dessas? Considerava como amigos o senador Renan *(Calheiros),* o presidente *(José)* Sarney. Pensei em recorrer a eles, mas não tive coragem. Renan até se solidarizou, mas ne-

nhum deles estendeu a mão para mim. Com os petistas, só me encontrava em eventos.

Por que o senhor reclama do PT? Uma operação como a Navalha não é executada sem a autorização do governo. Na época, o presidente era o Lula. O ministro da Justiça era o Tarso Genro. Não sei o que havia por trás, não sei quais eram exatamente os interesses que contrariei, mas tenho certeza de que houve uma articulação para atingir a mim, aos meus amigos e à minha empresa. Por quê? Prefiro não especular.

Acredita que o governo estava envolvido? Eu roguei praga em Lula. Na Dilma também. Fui preso no governo de Lula. E minha praga pegou: Lula terminou preso e Dilma perdeu o emprego.

Tem candidato a presidente da República? Não vou fazer campanha para o Bolsonaro, mas, se for possível, quero fazer uma doação como pessoa física a ele. Se a terceira via se materializar, voto nela. O Doria seria um bom nome.

É tradição no Brasil empresas quebrarem e seus donos permanecerem ricos. Depois que fui preso, meus bens, minhas contas bancárias, tudo foi interditado pela Justiça. Não tinha um tostão. Precisei de ajuda de amigos para pagar as contas de casa. Hoje estou sobrevivendo.

Zuleido Veras, que chegou a ser condenado a 26 anos de prisão, voltou a circular com desenvoltura em Brasília e, no momento, articula pessoalmente a derrubada de decisões que impedem ele e suas empresas de celebrarem contratos com o governo. O empreiteiro, que mora em Salvador, não frequenta mais os hotéis luxuosos, onde no auge da prosperidade se reunia na surdina com políticos e empresários, e evita aparições públicas. Conta que não quer mais passar pelo constrangimento de ser xingado de corrupto e diz que está apenas "sobrevivendo", enquanto aguarda discretamente a "reparação oficial" — a inédita e bilionária indenização que pode acabar espetada no bolso de todos os brasileiros. ■

OS RIVAIS Biden e Xi: encontro marcado em meio à queda de braço nas questões comerciais e, agora, na crise da Ucrânia

O XADREZ CHINÊS

Em meio a mortes e destruição na Ucrânia, a China, nos bastidores, move as peças para ampliar sua influência e se fortalecer no embate com os Estados Unidos pela hegemonia mundial

ERNESTO NEVES E **CAIO SAAD**

MANDEL NGAN/AFP

OS PARCEIROS Putin e Xi: a amizade “sem limites” balançou diante da lentidão do avanço dos invasores

Quase um mês depois de as tropas de Vladimir Putin invadirem a Ucrânia e desencadearem a maior ação militar em solo europeu desde a II Guerra Mundial, as peças do intrincado xadrez geopolítico global se movem em velocidade espantosa, desenhando uma nova configuração de poder. A Rússia, à custa de morte e destruição, tenta sacudir a irrelevância a que foi relegada com o fim da União Soviética, em 1991. A Europa superou as diferenças internas para se unir contra a sanha expansionista russa, impondo duríssimas

ALEXEI DRUZHININ/KREMLIN/EPA/EFE

sanções ao governo de Moscou e acionando uma rede de abrigo aos ucranianos em fuga. Os Estados Unidos reeditaram seu enferrujado protagonismo internacional, reforçando a aliança militar ocidental, a Otan, e destinando mais de 13,6 bilhões de dólares em ajuda a Kiev. E a China, onde entra nisso? Potência econômica em permanente expansão, com interesses espalhados pelos quatro cantos do globo, ela se equilibra no muro da neutralidade dúbia e movediça, sabendo que, se mover as peças com habilidade, como tem feito, é quem mais tirará vantagem do novo cenário.

Antes de jogar no lixo séculos de avanço civilizatório e atacar a Ucrânia, Putin tratou de estrategicamente reforçar os laços com a China, o grande pilar do lado Oriental capaz de lhe dar guarida contra as forças do Ocidente. Único líder de peso a prestigiar a abertura da Olimpíada de Inverno de Pequim, em fevereiro, ele aproveitou o palco para formar dupla com o presidente Xi Jinping. Os dois tiveram "discussões calorosas" e condenaram "a interferência de forças externas em assuntos de países soberanos". A amizade entre Rússia e China "não tem limites", afirmou Xi. Àquela altura, as tropas russas já contornavam a fronteira ucraniana, mas o governo chinês, da mesma forma que a maioria dos analistas, devia achar que o bote, se fosse dado, seria rápido e certeiro considerada a imensa superioridade militar. O que se viu, no entanto, foi uma resistência feroz, aliada a um eficiente fluxo de mísseis, drones e equipamentos supridos pelo Ocidente, que freou o avanço dos invasores.

J. SCOTT APPLEWHITE/AFP

APELO VIRTUAL Zelensky fala aos congressistas americanos: pedido dramático de mais armas e mais ajuda

Ao mesmo tempo, europeus e americanos estrangularam a economia russa fechando os bancos e instituições financeiras a todo tipo de transação com o país, congelaram suas reservas, empreenderam uma cruzada contra os oligarcas bilionários que sustentam o regime e cortaram o fornecimento de produtos cruciais, como chips e equipamentos da indústria petrolífera. Quase todas as grandes marcas internacionais, do McDonald's à Shell, saíram da Rússia, unindo-se à indignação contra a invasão (*leia a coluna de Vilma Gryzinski*). Diante da inesperada reação, a China, mais que depressa, tratou de corrigir sua rota, se movimentando com

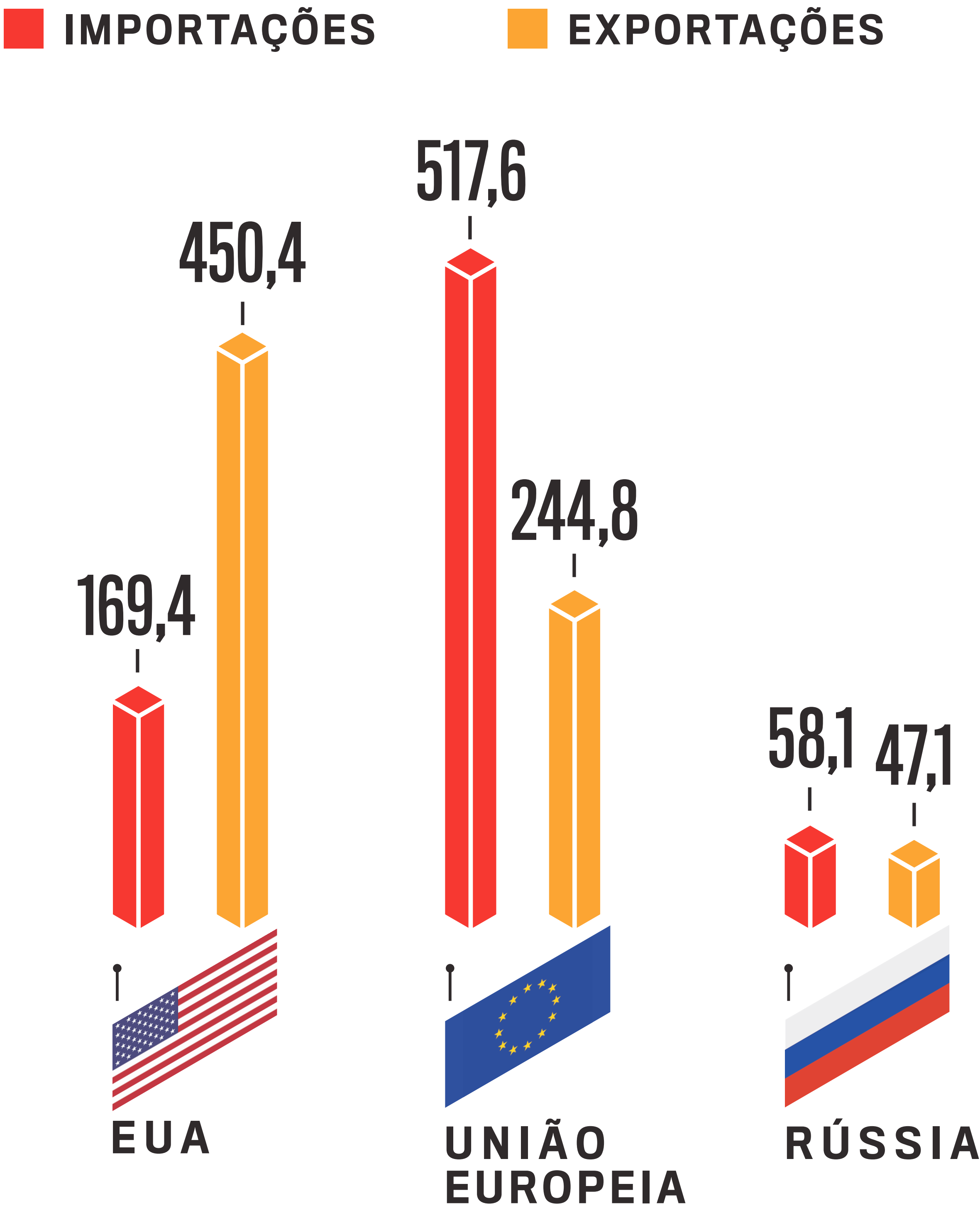
mestria em seu próprio xadrez chinês — o jogo de tabuleiro que envolve uma batalha tática.

A posição de Pequim, por ora, é não se comprometer com nenhum lado. O Ministério das Relações Exteriores declarou que a Ucrânia tem direito à soberania sobre seu território, mas simultaneamente se recusou a censurar a Rússia na Assembleia-Geral da ONU. “O pragmatismo da diplomacia chinesa é antigo, vem desde os tempos de Mao Tsé-tung”, lembra Jude Blanchette, especialista do Center for Strategic and International Studies, de Washington. O chanceler Wang Yi garantiu que seu país vai respeitar as sanções internacionais contra a Rússia, mas a operadora de cartões chinesa UnionPay está pronta para ocupar o lugar de Visa e Mastercard, que restringiram sua atuação.

Na ordem dos parceiros econômicos, a Rússia é chá pequeno para a China — o comércio entre os dois países representa um décimo do 1,4 trilhão de dólares em bens trocados com os Estados Unidos e a Europa (*veja o quadro ao lado*). “A China tem o direito de salvaguardar seus direitos e interesses legítimos”, traduziu Wang Yi, em bom mandarim. Nem por isso os chineses vão deixar de tirar partido do enfraquecimento econômico da Rússia em tempos de guerra. Em gesto revelador, o embaixador da China em Moscou recomendou, em recente reunião com os principais investidores chineses, que aproveitem a crise para comprar ativos depreciados. Não será a primeira vez. Após a anexação da província ucraniana da Crimeia, em 2014, a

OS NEGÓCIOS DE PEQUIM

Empenhada em fincar sólida posição no cenário internacional, a China tem transações com o mundo todo (em bilhões de dólares)

	IMPORTAÇÕES	EXPORTAÇÕES
EUA	169,4	450,4
UNIÃO EUROPEIA	517,6	244,8
RÚSSIA	58,1	47,1

Fontes: *US Trade Representative (2020), Eurostat (2021) e OEC World (2019)*

STATE EMERGENCY SERVICE OF UKRAINE/AFP

ATAQUE CONTRA CIVIS Resgate em prédio de Kiev: bombas na capital

Rússia sofreu uma série de punições internacionais. Pequim aproveitou o vazio e, em 2021, o comércio entre os dois países bateu recorde de 147 bilhões de dólares.

A China é uma potência industrial, mas carece de recursos naturais. A Rússia é o exato oposto. A aproximação entre os dois traz para a China a vantagem extra de ter onde comprar armas, um dos poucos setores em que a Rússia mantém superioridade. Até pouco tempo atrás, Moscou relutava em fornecer aos chineses, notórios copiadores de projetos alheios, mas agora a situação mudou. "Com boa parte do mundo unida para punir a Rússia, a economia já sofre

um duro golpe, e o apoio econômico da China é fundamental", diz Helena Legarda, analista do Mercator Institute for China Studies, com sede em Berlim. Enquanto assume cautelosamente a posição de salvadora da pátria russa, a China trabalha para manter intacta sua ponte para a Europa, cuidadosamente construída por Xi Jinping. Ao longo da última década, os chineses investiram pesado na expansão de empresas para o pujante mercado europeu. "Para assumir a dianteira da globalização, a China sabe que precisa de uma economia aberta e integrada", avalia Salvatore Babones, sociólogo da Universidade de Sidney.

No rearranjo do tabuleiro mundial, a Europa surge como peça fundamental entre o Ocidente e o Oriente. Os bombardeios incessantes sobre a Ucrânia, que arrasaram cidades como Mariupol e Kharkiv, chegaram nos últimos dias à capital, Kiev, atingindo prédios e aterrorizando civis. O presidente ucraniano Volodymyr Zelensky, depois de pedir admissão imediata na Otan — o que por um lado lhe daria tremendo poderio bélico e, por outro, poderia desencadear a III Guerra Mundial —, admitiu que seu país provavelmente nunca entrará na aliança, o que atende a uma das principais exigências russas. "Passamos anos ouvindo que a porta estava aberta, mas agora dizem que não podemos entrar. E é verdade", falou Zelensky, pouco antes de trilhar mais uma etapa de seu périplo virtual pelos Parlamentos aliados, desta vez dirigindo um dramático apelo por mais armas e mais ajuda aos congressistas americanos reunidos na Casa Branca.

LUDOVIC MARIN/AFP

TODOS POR UM Líderes da União Europeia se reúnem em Paris: reação conjunta à guerra fortaleceu o bloco

É na Europa que os Estados Unidos, ainda o país mais poderoso do mundo, tentam se impor na linha de frente da defesa da democracia, lubrificando as engrenagens da Otan, a aliança que, sob seu comando, agregou a Europa Ocidental contra a ameaça do bloco comunista. O bloco virou pó, mas a Otan não só sobreviveu como cooptou países da banda "inimiga", um dos gatilhos para a deplorável investida de Putin contra o vizinho mais fraco. A imediata e unânime reação dos países europeus à tirania do autocrata russo, no entanto, jogou água fria nos desígnios do governo de Joe Biden — vários estão tomando medidas para, pela primeira

AFP

DE NOVO Policial leva alimentos à população isolada: a economia chinesa sofre com a pandemia

vez desde a II Guerra, reforçar orçamentos de defesa e se armar contra novas ameaças. A China, evidentemente, dá apoio incondicional ao movimento. Em longos editoriais, analistas da mídia estatal incentivam a Europa a decidir seu rumo sem interferência americana.

A doutrina Xi, que rege a China e deve continuar a fazê-lo por muito tempo, uma vez que ele pretende conquistar novo mandato neste ano, prega a absoluta coesão interna como fator vital para a expansão externa que fará do país a próxima superpotência mundial. Até 2030, prevê-se que o PIB chinês, de fato, passe o americano — este o grande

embate deste século, que transcorre em bases distintas da polarização do passado, entre Estados Unidos e União Soviética. A ambição hegemônica de Pequim vem sendo posta à prova pela pandemia — empenhado em zerar as infecções, o governo impõe quarentenas que interrompem cadeias produtivas e afetam os resultados econômicos. A guerra na Ucrânia — sobre a qual Biden e Xi tinham uma conversa virtual marcada para sexta-feira 18 — veio redesenhar, com traços mais firmes, o curso planejado pelos estrategistas chineses para alcançar o topo do mundo. Com a Rússia dependente de seu suporte e entalada em uma guerra possivelmente sem vencedores, com a Europa mais independente e precavida, a China ganhará nova estatura no embate com o rival Estados Unidos. E o mundo, provavelmente, nunca mais será o mesmo. ■

VILMA GRYZINSKI

A NOVA ERA DE INCERTEZA

Guerra, nacionalismo, matérias-primas e outras voltas ao passado

“COMO REMOVER os herdeiros de Stalin de Stalin?” A pergunta, lançada em 1962 pelo poeta Ievgeni Ievtuchenko — um pouco rebelde, um pouco oficial, numa das tantas complexidades russas —, volta a nos assombrar sessenta anos depois. Outra relíquia que parecia confinada à memória dos que ainda se lembram do jogo War, honrado predecessor dos games: disputa por matérias-primas, petróleo explodindo, bombas caindo, portos cuja tomada pode definir o futuro da guerra. A própria guerra, com colunas de tanques avançando debaixo de neve, parece um filme de época. O nacionalismo russo, mesmo que aparentemente domado sob camadas de shopping centers e outras comodidades, reaflora como uma força furiosa da natureza. E quem estava preparado para o patriotismo dos ucranianos, com um presidente como Volodymyr Zelensky prometendo que os russos vão ter de “acabar com todos nós” para tomar Kiev, não como um político que enfeita a retórica, mas como um Leônidas que faz *lives?*

Escrevendo no *The Guardian*, o que já mostra suas simpatias políticas, Robert Reich, *influencer* intelectual que foi do governo Clinton e leciona em Berkeley, enumerou todas as coisas que dava por superadas. Entre as certezas que caíram por terra estão a crença de que a globalização diluiria fronteiras e pulsões nacionalistas, a internet não permitiria mais que máquinas de propaganda como a da Rússia dominassem a narrativa em seus domínios, países avançados não iriam à guerra por conquistas territoriais e uma guerra nuclear era impensável. "A Ucrânia mostrou que as velhas certezas estavam erradas", anotou Reich.

Seriam estes apenas estertores de um mundo antigo que se recusa a acabar com um suspiro? A mesma guerra que ressuscita forças que pareciam caminhar para a superação também desenha conflitos do futuro. A rapidez com que todas as grandes marcas do planeta, de A (de Apple) a Z (de

"Como remover os herdeiros de Stalin de Stalin?", perguntou o poeta Ievgeni Ievtuchenko em 1962

Zara), caíram fora da Rússia, temendo mais os prejuízos morais do que os materiais, mostra que a opinião pública — também conhecida como redes sociais — virou um fator que influencia o rumo de acontecimentos reais de forma jamais vista. Outra surpresa: a guerra híbrida, uma doutrina desenvolvida pelo chefe do Estado-maior russo, general Valeri Gerasimov, está sendo explorada habilmente pelos ucranianos. Dois dias depois da invasão, o vice-primeiro-ministro Mikhailo Fedorov, recrutado originalmente para a pasta da Transformação Digital e agora para o esforço de guerra, mandou um tuíte à 1 hora e 6 minutos da tarde para Elon Musk, pedindo equipamentos para que o país pudesse se conectar com a internet via rede de satélites Starlink. Às 11 horas e 33 minutos da noite, o homem mais rico do mundo respondeu: "Starlink está ativado na Ucrânia. Mais terminais a caminho". Detalhe: Fedorov tem 31 anos.

Como esta é uma guerra que a Ucrânia não pode ganhar e a Rússia não pode perder, é bom nos prepararmos para outros avanços rumo ao futuro — e muitas e perturbadoras voltas ao passado. Avisou Ievtuchenko: "Enquanto neste mundo houver herdeiros de Stalin, para mim, no Mausoléu, Stalin ainda resiste". O corpo embalsamado foi tirado há muito tempo do mausoléu, mas a maldição da múmia reverbera através do tempo. ■

AÇÃO COORDENADA

A instabilidade na economia global resultante da invasão da Ucrânia reflete na política de juros dos Estados Unidos e do Brasil e adiciona mais um elemento de risco aos planos políticos de Joe Biden e Jair Bolsonaro

FELIPE MENDES E **LUANA MENEGHETTI**

LÁ TAMBÉM Powell, do Federal Reserve: aumento nos juros depois de dois anos

MAIS PRESSÃO Campos Neto, do Banco Central: risco de a inflação sair de controle

JONATHAN ERNST/EPA/EFE; RAPHAEL RIBEIRO/BCB

Em um espaço de quatro horas, na quarta-feira 16, dois movimentos expuseram a certeza de que as economias entraram definitivamente em um cenário em que as altas de juros serão parte da realidade, depois dos generosos estímulos para conter a perda de atividade durante a pandemia de Covid-19. Por volta das 15 horas (horário de Brasília), o banco central dos Estados Unidos, o Federal Reserve, oficializou o já antecipado aumento dos juros, um movimento que vinha sendo discutido havia cerca de um ano e meio. Já, às 19 horas, foi a vez de o Banco Central do Brasil confirmar mais um aumento da Selic, pela nona reunião consecutiva do seu Comitê de Política Econômica, elevando a taxa para 11,75%.

O movimento feito na América do Norte chamou especial atenção. Não apenas por se tratar da maior economia do planeta, mas também por ser a primeira alta empreendida pelo Fed desde 2018. Durante a crise da pandemia, o Fed, comandado por Jerome Powell, adotou a política de baixar os juros americanos para o patamar na faixa de 0% a 0,25%. Mas, com a retomada pós-Covid 19 trazendo um descompasso entre oferta e demanda, a inflação disparou nos últimos meses. A alta dos preços para o consumidor nos Estados Unidos atingiu 7,9%, no acumulado de doze meses até fevereiro, a maior em quatro décadas. Quando a expectativa era de arrefecimento, veio nova surpresa: a invasão militar da Ucrânia pela Rússia.

A crise militar na Europa afetou as cotações de petróleo, que têm variado nas últimas semanas num intervalo entre 95

ANGELA WEISS/AFP

ECOS DO PASSADO Alta de preços nos EUA: recorde em quarenta anos

e 140 dólares, e levou a uma série de sanções contra o governo russo, com impactos na economia global. Como resposta a esse cenário, o Fed ampliou, nesta semana, a taxa de juros em 0,25 ponto porcentual e indicou aumentos da mesma magnitude para as próximas sete reuniões do ano, podendo fechar 2022 próximo aos 2%. "Até outubro, o Fed insistia que a inflação era passageira, e agora tem de sair correndo atrás do prejuízo", diz o ex-secretário de política econômica do Ministério da Fazenda José Roberto Mendonça de Barros.

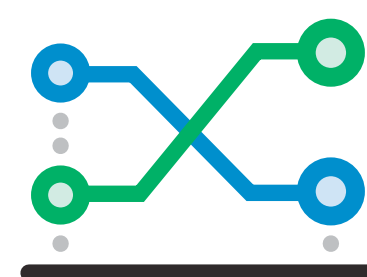
O desafio para o Fed será acertar a dosagem, sem prejudicar a recuperação econômica. Um influente estudo publicado em 1997 que tinha como coautor o economista Ben

ISAAC FONTANA/FRAMEPHOTO/FOLHAPRESS

EM FUGA Pregão na bolsa: investidor brasileiro vai em busca da segurança de retornos da renda fixa

Bernanke concluiu que as recessões que se seguiram aos choques do petróleo de 1973, depois da Guerra do Yom Kippur, e de 1979, com a Revolução Iraniana, foram causadas por um excesso de juros como resposta às altas dos preços. Em 2010, quando Bernanke era presidente do Fed e um novo choque do petróleo atingiu o mundo, ele evitou cometer o mesmo erro e não houve recessão. É o que o seu sucessor, Powell, deseja repetir.

No Brasil, as opções do presidente do BC, Roberto Campos Neto, são muito mais limitadas que as de seu par americano. Aqui, a alta da Selic iniciada já no primeiro semestre de 2021 teve de ser reforçada com a guerra e há

DOIS DESTINOS

A trajetória dos juros nos Estados Unidos e no Brasil (em porcentagem)

FEDERAL RESERVE

2,25

2,5

2

1,5

1,25

1

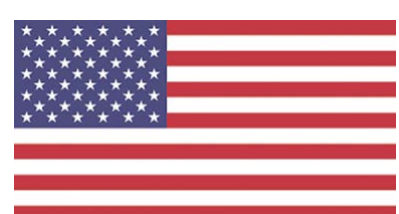
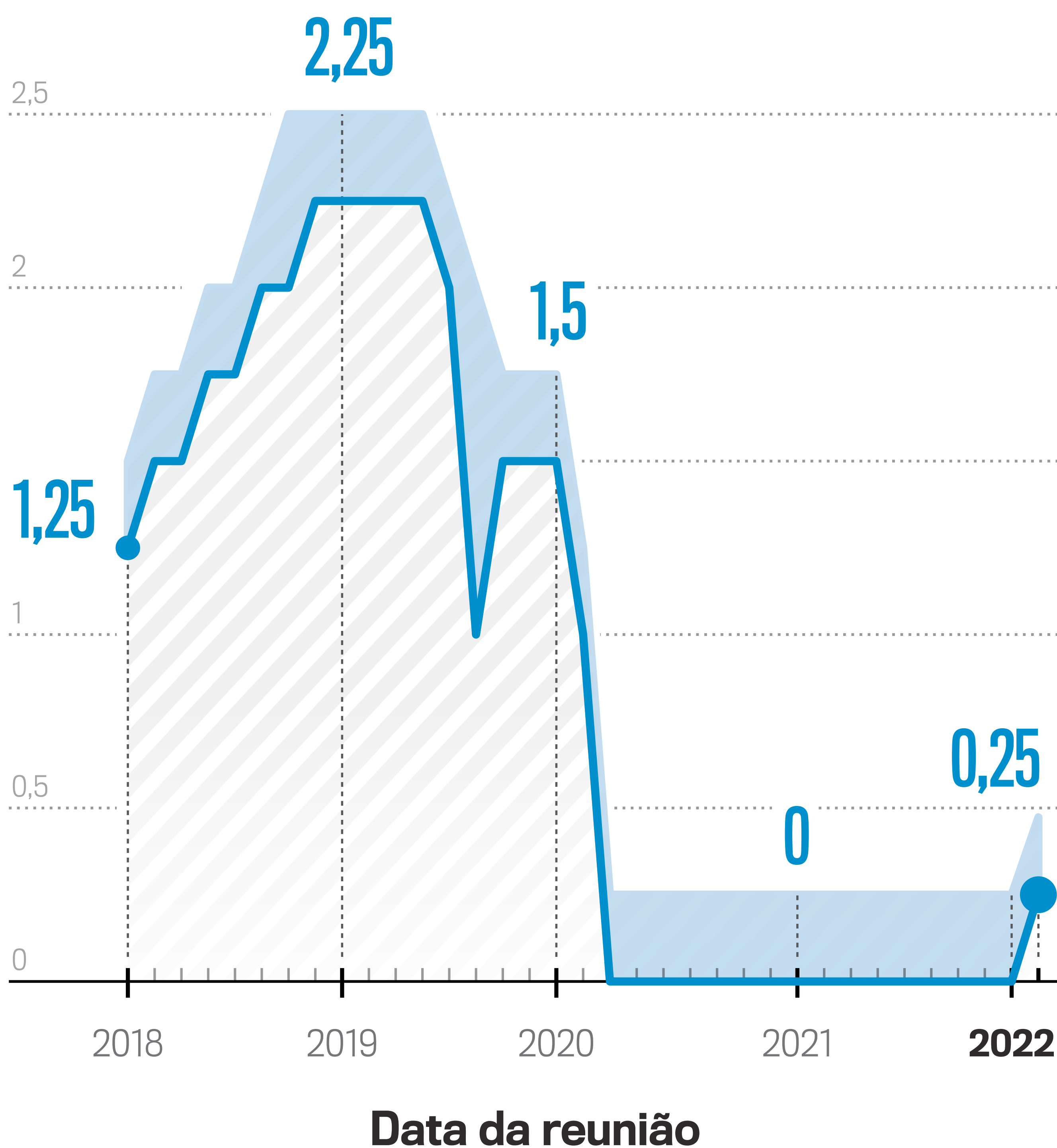
0,5

0,25

0

0

2018 2019 2020 2021 **2022**

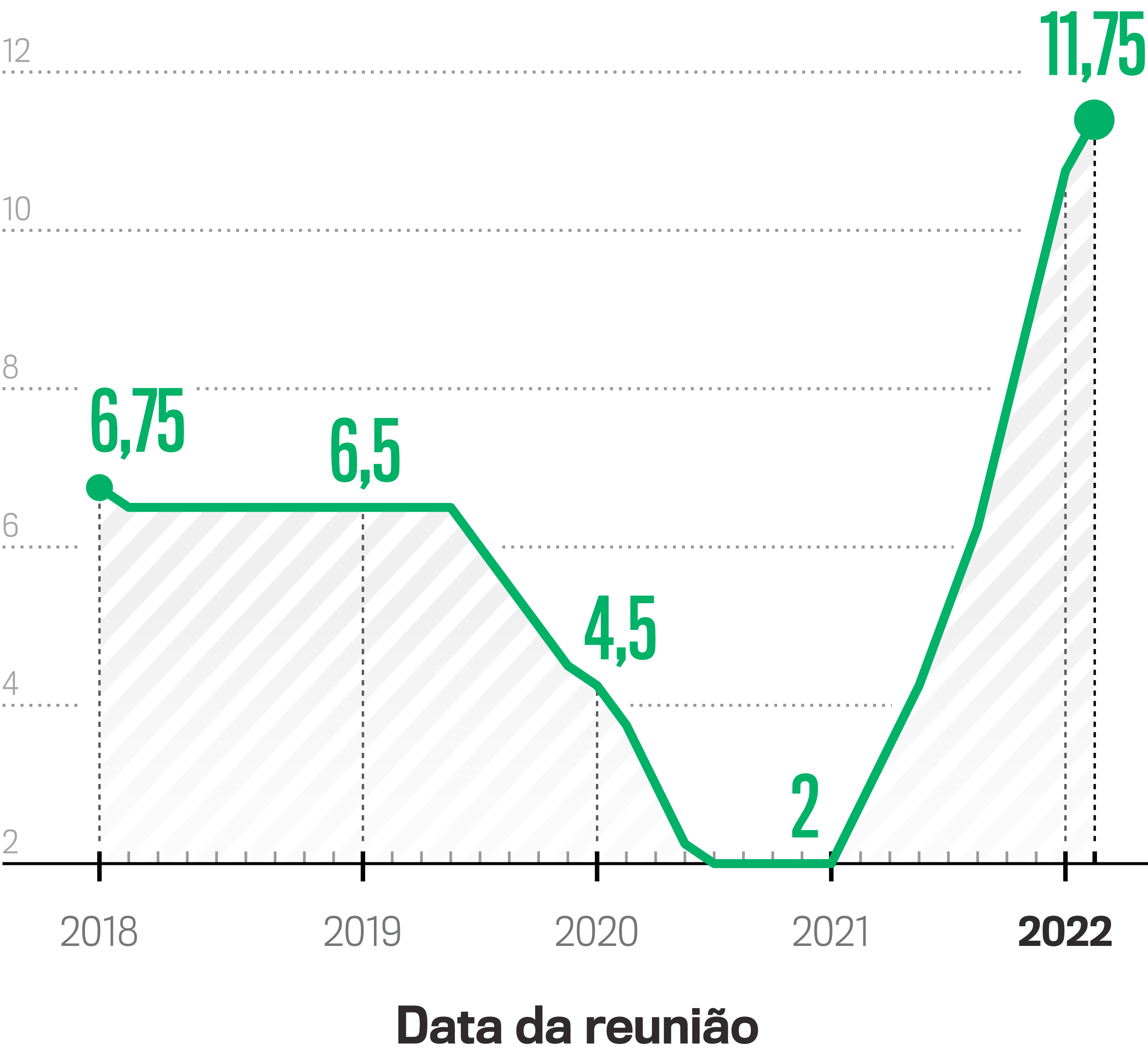
Data da reunião

quem acredite que ela possa atingir os 14% e permanecer nas alturas por mais tempo (o que reforça a opção dos investidores por fundos de renda fixa e o afasta da bolsa). Existe grande risco de o Brasil não atingir a meta de inflação por três anos seguidos, depois de falhar no objetivo em 2020, quando ela superou os 10%.

BANCO CENTRAL DO BRASIL

12
10
8
6
4
2

6,75
6,5
4,5
2
11,75

2018
2019
2020
2021
2022

Data da reunião

No Brasil, o problema não ficou restrito só ao aumento de preços do petróleo e de outras commodities. Durante a pandemia, o risco fiscal trouxe imensa incerteza aos mercados financeiros. Para piorar, semanalmente, o presidente Jair Bolsonaro e os congressistas têm levantado ideias de gastos adicionais e isenções de impostos com cunho claramente eleitoreiro. "Não se trata de dizer que o governo não possa ter políticas de proteção às famílias mais pobres. O problema é como elas são financiadas. Não dá para, ao mesmo tempo, fazer programa social e jogar dinheiro em emendas parlamentares e em gastos meramente de cunho eleitoreiro", diz Gustavo Loyola, ex-presidente do BC.

Tanto para Bolsonaro quanto para o presidente americano Joe Biden, a inflação — ao fazer a população perder poder de compra — vai se provar decisiva para as suas pretensões eleitorais neste ano. O brasileiro concorre à reeleição e até o momento sofre forte ameaça de perder o cargo, conforme apontam as pesquisas de intenção de voto. Biden, por sua vez, enfrentará uma eleição legislativa no início de novembro e pode perder a frágil vantagem de seu partido no Congresso. Mas também, se o efeito dos juros altos causar mais desemprego e estagnação, a economia acabará selando definitivamente o destino de ambos os políticos. ■

Colaborou Larissa Quintino

JANA SAMPAIO

EM OUTRA DIMENSÃO

INSTAGRAM @GRIMES

Namorada (com idas e vindas) durante quatro anos do bilionário Elon Musk, a agitada artista performática **GRIMES,** 34 anos, não é de parar no ponto – e prova. Quando todo mundo achava que o romance com o homem mais rico do mundo tinha acabado, ela aparece neste mês na *Vanity Fair* revelando que o casal teve outro bebê em dezembro, via barriga de aluguel, e que a irmãzinha de X AE A-Xii, 2 anos em maio, se chama Exa Dark Siderael. Mal a revista chegou às bancas, outra reviravolta. "Eu e E rompemos novamente", anunciou Grimes (nome na certidão: Claire) nas redes sociais. Segundo os amigos linguarudos de sempre, o novo interesse amoroso dela é ninguém menos que Chelsea Manning, 34, ex-soldado que, quando ainda se chamava Bradley Edward (a transição se deu na prisão), vazou documentos secretos para o Wikileaks. Musk nada comentou. Em vez disso, foi ao Twitter desafiar Vladimir Putin para um duelo – "O vencedor leva a Ucrânia".

AFP

É TUDO MENTIRA

Em pleno noticiário do horário nobre do Canal 1, emissora das mais vistas na Rússia, a jornalista **MARINA OVSYANNIKOVA,** 44 anos, entrou no estúdio, postou-se atrás da apresentadora e ergueu um cartaz que dizia: "Parem com a guerra. Não acreditem na propaganda. Eles estão mentindo para você". Rapidamente, o noticiário esportivo entrou no ar e seguranças removeram Marina, que passou 24 horas desaparecida. Ressurgiu em um tribunal, onde foi multada em 30 000 rublos (1 300 reais) por "manifestação não autorizada". A promotoria deve enquadrá-la na nova lei que proíbe falar da guerra na Ucrânia e pode lhe render até quinze anos de prisão. Marina, que é filha de ucraniano, deixou gravado um vídeo em que se diz "envergonhada" de trabalhar em um canal que transforma "o povo russo em zumbis".

VOZ NOVA NO PAGODE

INSTAGRAM @BIABONEMER

Quase 6 milhões de pessoas já viram e aprovaram **BIA BONEMER,** 24 anos, filha de Fátima Bernardes e William Bonner, soltando a voz em uma roda de samba no Rio de Janeiro. O vídeo gravado pela irmã, Laura, e postado nas redes sociais viralizou a ponto de levá-la a pensar em rever seu status de cantora amadora — embora recentemente tenha fechado um contrato para atuar como influenciadora digital. "Minha maior diversão é ir a um pagode nos fins de semana. Só naquele dia cantei cinco músicas", contou Bia a VEJA. Fátima, entusiasmada, mandou as imagens da filha entoando os versos de *Péssimo Negócio* para o cantor Dilsinho, que a convidou para participar de seu show — e ela aceitou. Enquanto não sobe no palco, ela treina em seu karaokê. "Já fui muito tímida, mas há algum tempo passei a postar mais sobre meu dia a dia", diz Bia, que faz aula de canto há sete anos.

REPRODUÇÃO

QUEM É MAIS GALÃ?

Quem ia deixar passar uma chance dessa? Tentando fugir do trânsito da Zona Sul do Rio de Janeiro, o ator **CAUÃ REYMOND,** 41 anos, subiu na garupa de um mototaxista e rumou para o Morro do Vidigal. Mais que depressa, o piloto, DL Kabelinho, gravou o rosto dos dois na moto e fez graça dizendo que ali estavam os maiores galãs do país. Afinal, qual é o mais bonito? “Claro que é ele”, respondeu a VEJA o modesto Cauã, que entrou no clima e deu risada dos comentários de Kabelinho. Ele revela que foi à favela a trabalho, para dar andamento a um dos projetos (ainda secreto) que tem engatados para depois que a novela das 9, *Um Lugar ao Sol,* chegar ao fim. Na produção global, aliás, Cauã, que faz o duplo papel de gêmeos, teve chance de contar com o irmão Pavel (não, não são parecidos) como dublê em algumas cenas. “Gostaria muito que minha mãe estivesse viva para ver isso”, declarou. ■

A VIDA EM RECONSTRUÇÃO

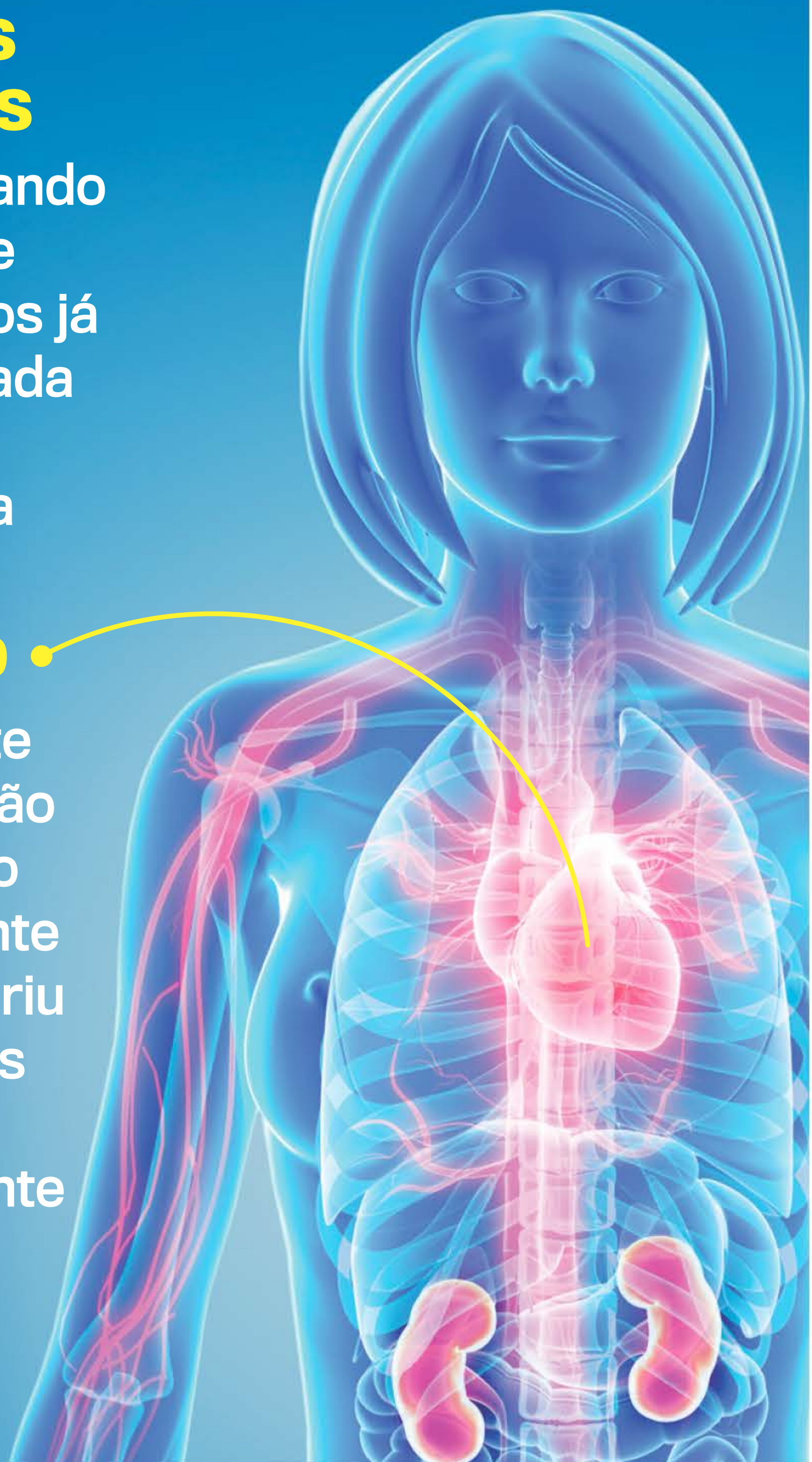
O implante de órgãos inteiros feitos em laboratório ou de próteses produzidas em impressoras 3D mostra que é possível repor com segurança as peças que o organismo perdeu **PAULA FELIX**

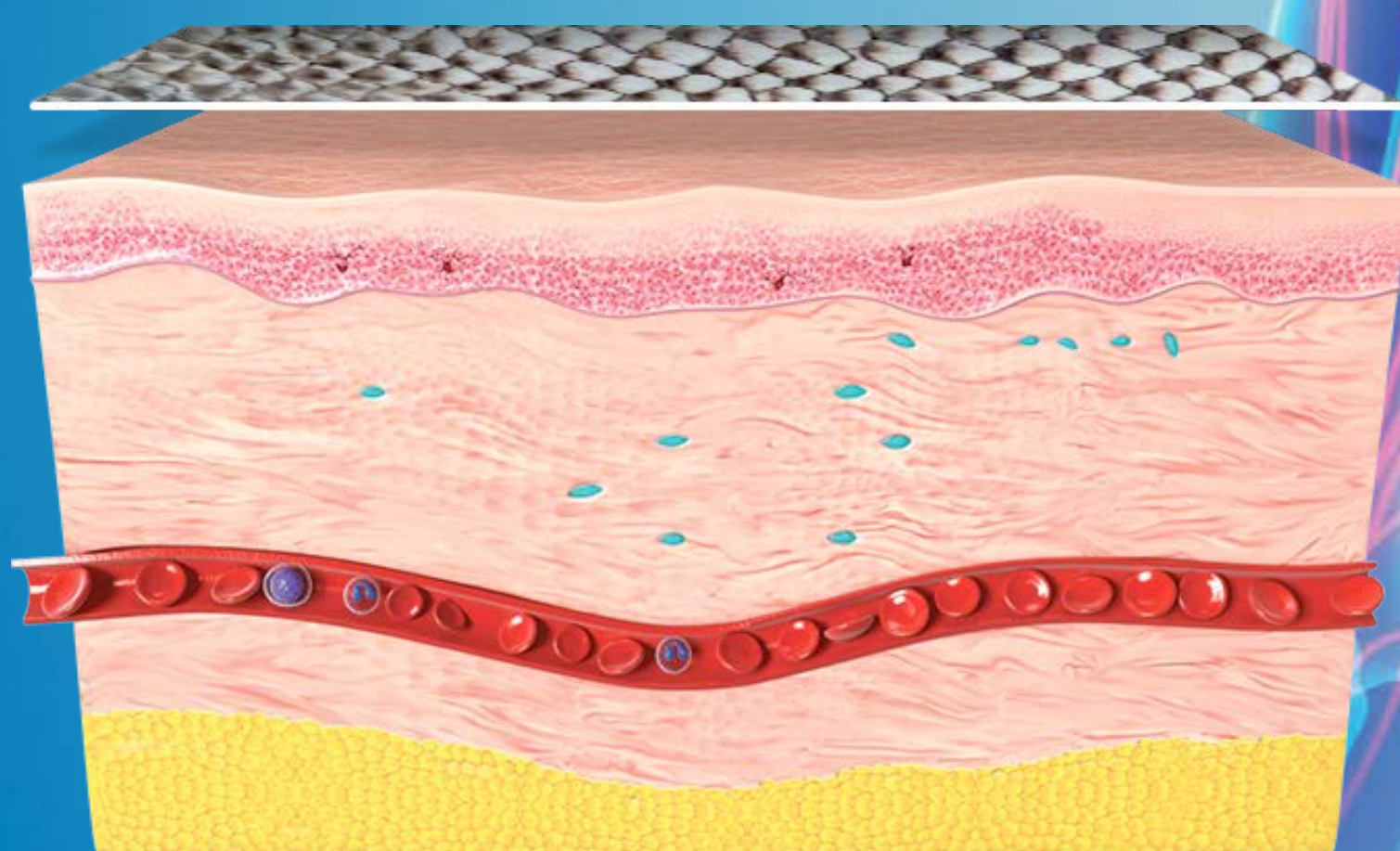
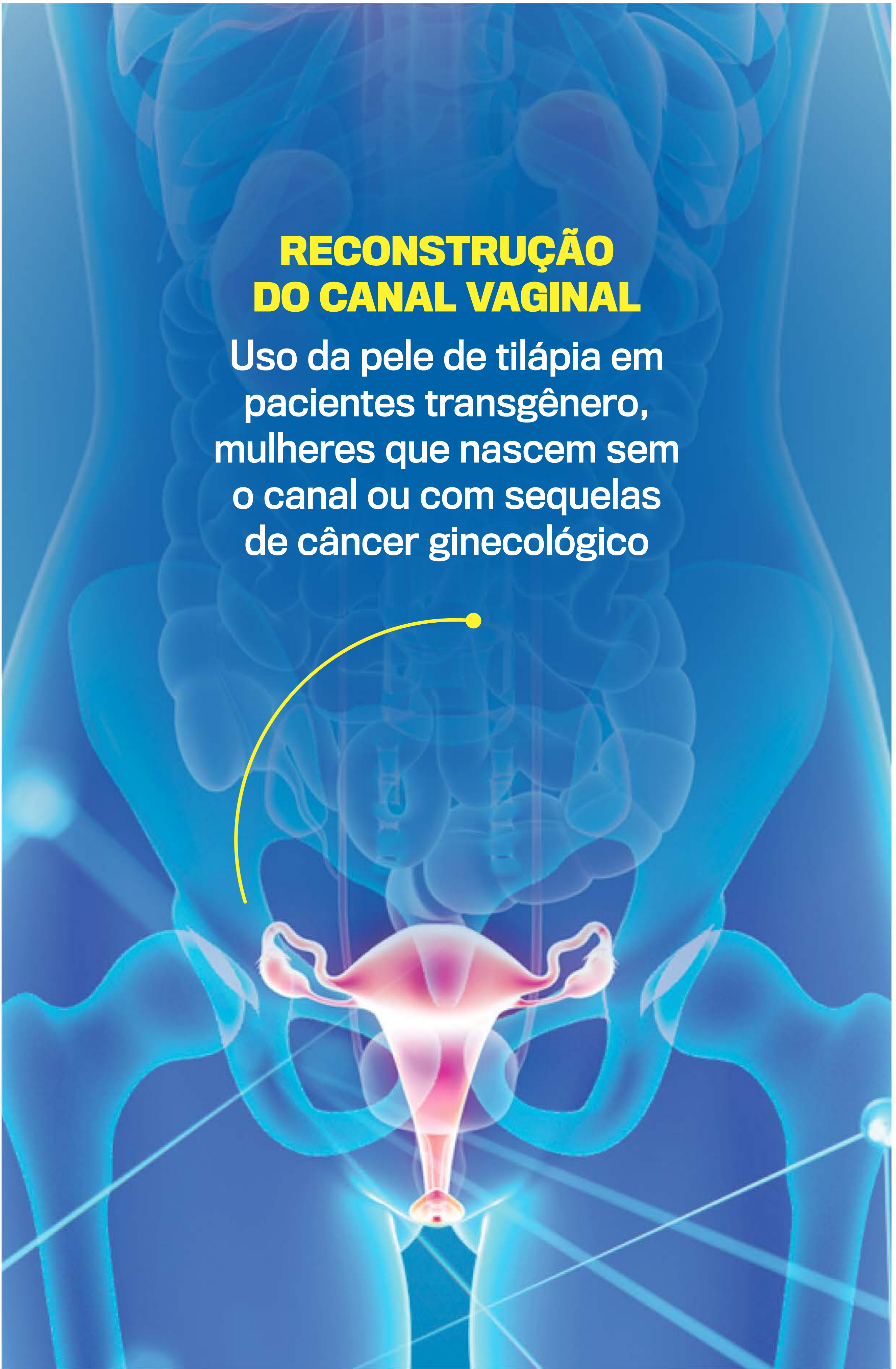
FUNÇÃO E FORMA A bioprótese cardíaca francesa: progresso fantástico nos campos tecnológico e científico

BERTRAND GUAY/AFP

RECRIAR O CORPO faz parte do imaginário humano. Do coração recebido pelo Homem de Lata, em *O Mágico de Oz*, à mão decepada de Luke Skywalker, da saga *Star Wars*, substituída por um modelo biônico, há vários exemplos na ficção que refletem o anseio da civilização de repor, ao menos parcialmente, partes perdidas. O capítulo mais recente dessa aventura foi protagonizado pelo americano David Bennett, de 57 anos, e seus cirurgiões no Centro Médico da Universidade de Maryland, nos Estados Unidos. Portador de cardiopatia grave e terminal, Bennett aceitou receber um coração de porco, geneticamente modificado, tornando-se o primeiro ser humano vivo a ser submetido a um xenotransplante (transplante, infusão ou implantação de órgãos de diferentes espécies).

No ano passado, um time da Universidade de Nova York havia feito o transplante de um rim suíno com material genético alterado em um paciente com funções mantidas por aparelhos enquanto se desenrolou a cirurgia. Bennett, o homem com um coração de porco, viveu mais dois meses depois do procedimento. Ele morreu na terça-feira 8, mas deixou à ciência a certeza de que está mais próximo o dia em que os humanos viverão por muito tempo com órgãos extraídos de outros animais. “Isso não é mais um sonho de um futuro distante, mas algo cada vez mais viável pela medicina moderna”, comemorou David Kaczorowski, professor associado de cirurgia cardiotorácica da Universidade de Pittsburgh, integrante da equipe que conduziu o experimento.

O CORPO DO FUTURO
Como a ciência avança na produção de órgãos e células artificiais
VÁLVULAS CARDÍACAS
A técnica utilizando próteses de suínos e bovinos já está consolidada na cirurgia cardiológica
CORAÇÃO
O transplante usando o órgão de um porco em um paciente americano abriu perspectivas para o xenotransplante

OSSOS E VÉRTEBRAS
Com impressão em 3D, é possível reconstruir crânio e demais estruturas ósseas
TENDÕES
Tecidos com as mesmas propriedades foram feitos em laboratório a partir de célula-tronco

VASOS
SANGUÍNEOS
Células-tronco
servem de matriz para
a produção, *in vitro,*
de células endoteliais,
componentes
importantes no controle
do fluxo sanguíneo
PELE
Além de pele de
porco, vítimas de
queimaduras podem
receber pele de tilápia
para a cicatrização

RECONSTRUÇÃO
DO CANAL VAGINAL
Uso da pele de tilápia em
pacientes transgênero,
mulheres que nascem sem
o canal ou com sequelas
de câncer ginecológico

RINS
Técnicas para o transplante com os órgãos do porco estão sendo desenvolvidas por edição dos genes ou repovoação dos rins com células humanas
Fontes: Centro Nacional de Informações sobre Biotecnologia da Biblioteca Nacional de Medicina dos Estados Unidos; Food And Drug Administration (FDA); Revista da Fundação de Amparo à Pesquisa; Mayana Zatz, professora titular de genética da Universidade de São Paulo (USP)

O feito dos médicos americanos abre mais uma avenida rumo à construção da vida por meios artificiais. O desafio é urgente. A escassez de órgãos para doação, agravada pela pandemia de Covid-19, e a longevidade da população, que amplifica as doenças ligadas ao envelhecimento, apertam a demanda por soluções que reparem pedaços do organismo, sejam eles vitais ou não. Felizmente, há novidades espetaculares, como resultado do progresso fantástico nos campos tecnológico e científico, especialmente na genética. Para que o xenotransplante em David Bennett se concretizasse, por exemplo, foi preciso avançar no conhecimento do DNA de homens e de animais de forma que os procedimentos sejam eficazes e seguros. Ou seja: devem salvar ou prolongar vidas ao mesmo tempo que apresentem riscos reduzidos de provocar episódios de rejeição aguda.

Na Universidade de São Paulo (USP), há um experimento exemplar nesse caminho. Coordenado pela professora Mayana Zatz, diretora do Centro de Estudos do Genoma Humano e Células-Tronco da instituição e referência nacional no tema, o projeto pretende criar rins de porco geneticamente viáveis para implantação em humanos. A fase mais difícil, de edição de genes, foi finalizada. Agora, o grupo aguarda a implantação de um biotério de máxima segurança, um ambiente dotado de filtros de ar, estéril e com água e alimentos livres de qualquer tipo de patógenos. A previsão é de que ele fique pronto até o fim do próximo ano. O passo seguinte será a criação das fêmeas que rece-

berão embriões geneticamente modificados e gerarão os filhotes dos quais os órgãos serão tirados.

Uma das ideias, de modo a evitar a rejeição, é implantá-los sob a pele dos doentes. A proposta foi do professor emérito da Faculdade de Medicina da USP Silvano Raia, pioneiro dos transplantes de fígado no país, responsável, em 1988, pelo primeiro transplante intervivos no mundo. Aos 91 anos, o cirurgião está entusiasmado com o que a medicina alcançou até agora. "Em cinco anos, o xenotransplante será uma alternativa", diz Raia. "O progresso previsto é geométrico. Posso prever milagres." O olhar otimista é compartilhado com Anthony Atala, diretor do Wake Forest Institute for Regenerative Medicine, instituição americana que, em 1999, inaugurou a era dos órgãos cultivados em laboratório fazendo o implante em um paciente de um tecido de bexiga. "Estamos progredindo demais em direção ao objetivo de melhorar a vida dos pacientes", disse a VEJA. A instituição está na vanguarda da área. Há experiências voltadas para a criação de tecidos e órgãos para mais de quarenta partes diferentes do corpo. A impulsionar o trabalho frenético estão as bioimpressoras 3D, máquinas que sintetizam à perfeição o salto tecnológico dos últimos anos.

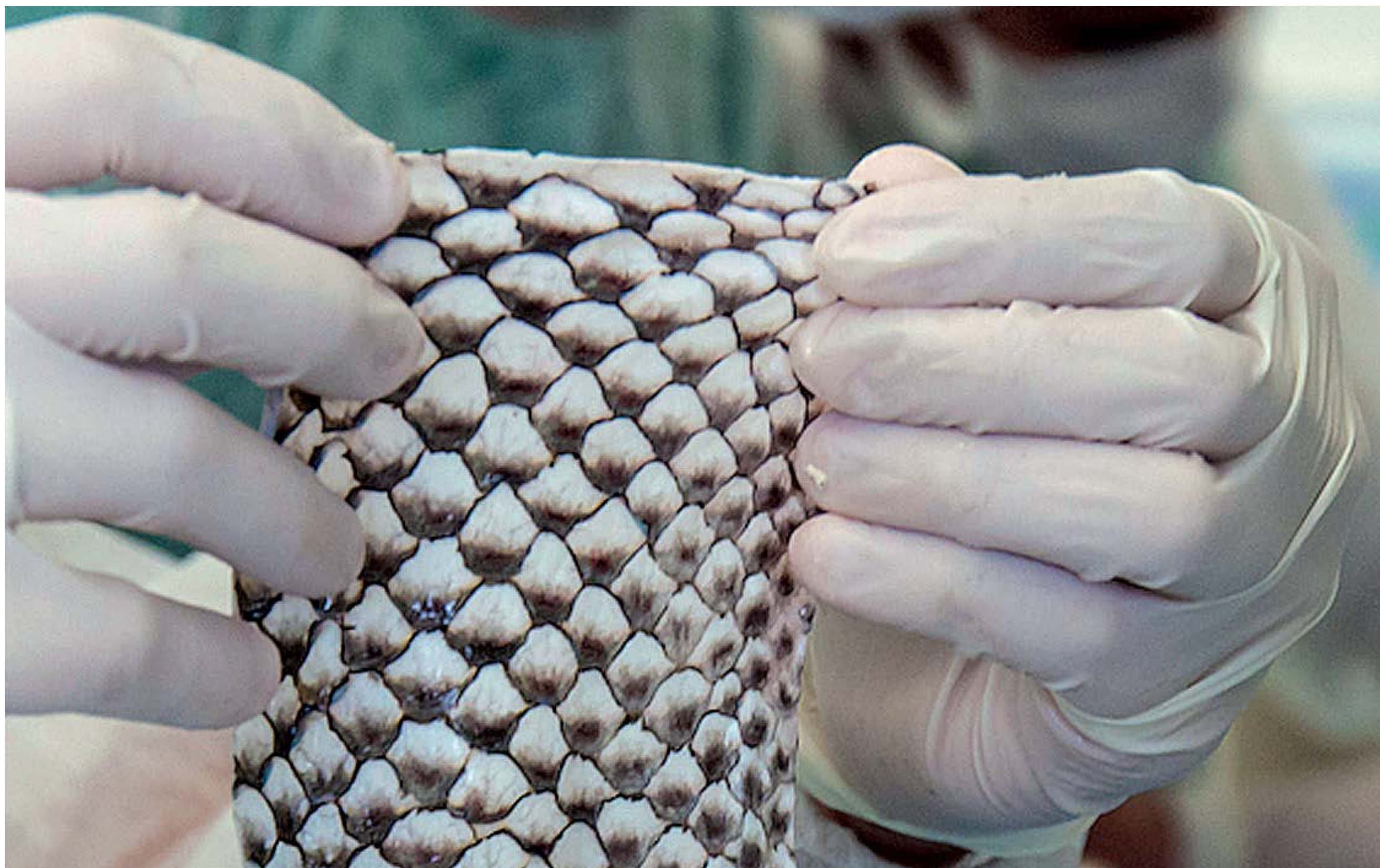
Elas revolucionaram o campo da regeneração de tecidos ao permitir a produção das peças mais precisas de que se tem notícia. No Wake Forest Institute, por exemplo, são utilizadas na fabricação de quinze estruturas, entre elas músculos, cartilagens e pele. São de dois tipos a matéria-

UNIVERSITY OF MARYLAND SCHOOL OF MEDICINE/AFP

NOVIDADE O transplante de coração de porco geneticamente alterado: a inovação deu sobrevida de dois meses ao paciente

prima usada. O primeiro é composto de células progenitoras do órgão a ser reparado. Elas são assim chamadas porque dão origem àquele tipo específico de tecido. "A vantagem de extrair células do próprio paciente é que não haverá rejeição", explica Anthony Atala. Quando isso não é possível, recorre-se às células-tronco, capazes de se transformar em diversos tipos de estrutura e encontradas em compostos como a gordura corporal, placenta ou líquido amniótico.

Os avanços da área empolgam pelo que oferecem e fascinam pela criatividade. A pele de tilápia, em uso desde 2015 por pesquisadores da Universidade Federal do Ceará no tratamento de queimaduras e feridas graves, agora serve tam-

VIKTOR BRAGA/UFC

CRIATIVIDADE Tilápia: a pele do peixe é usada para reparar deformações vaginais

bém para a construção do canal vaginal de mulheres transgênero ou reconstrução no caso de pacientes que apresentam distúrbios genitais raros ou que ficaram com deformações causadas por câncer ginecológico. Além disso, em setembro do ano passado, o enxerto entrou como alternativa na recuperação da pele de crianças submetidas à cirurgia para separação dos dedos, malformação causada por uma síndrome rara.

Um observador menos atento poderia vislumbrar nesse novo campo da medicina um atalho para a transformação do corpo humano em quimeras ou ciborgues. Nada disso. Basta ver a mais recente versão do Aeson, o coração artificial mais sofisticado do mundo. Seu formato

ADAM E. JAKUS

ENCAIXE TOTAL Vértebras artificiais: precisão garantida por impressoras 3D

lembra bastante o do órgão ao qual ele imita as funções. O Aeson foi implantado no ano passado em um paciente com insuficiência cardíaca terminal por cirurgiões do hospital da Universidade Duke, nos Estados Unidos, dentro de um protocolo de estudo aprovado pela Food and Drug Administration, agência reguladora do país. O objetivo é verificar se a bioprótese mantém a vida de pacientes graves até que recebam um coração por meio de transplante. O estudo transcorre, assim como centenas de outros em condução neste momento, apontando para uma nova era. Nela, parte vital do organismo será reconstruída sem que os seres humanos percam a identidade corporal que a evolução talhou. ■

O AMOR SEM FRONTEIRAS

Depois de celebridades desbravarem a trilha para a adoção na África, cada vez mais brasileiros partem para lá em busca de um processo mais rápido e menos burocrático **SOFIA CERQUEIRA**

ARQUIVO PESSOAL

APAIXONADOS pela África, os gaúchos Deisi e Fernando Scherer embarcaram em 2016 para sua segunda viagem ao continente. A intenção era passar um mês trabalhando em um projeto social no sul da Guiné-Bissau, ela usando sua experiência de professora e ele, funcionário de uma fábrica, ajudando no que fosse preciso. Acampado em aldeias paupérrimas, sem energia elétrica nem saneamento, o casal sentiu sua vida mudar quando deparou com Abel, 5 anos e carinha fechada. Os missionários locais disseram que o menino, com sintomas de malária, estava sempre amuado e falava muito pouco. Com os Scherer, ele se abriu. "Em poucos dias, estava todo à vontade no colo da gente. De repente, soltou para o Fernando, em kriol, o dialeto local: 'Queria que você fosse meu pai' ", lembra Deisi, emocionada. Há um ano na fila de adoção no Brasil e com planos de engravidar logo, eles ficaram sabendo que a família estava disposta a abrir mão do garoto e resolveram adotá-lo. Hoje, Deisi e Fernando, ambos de 36 anos, são pais de Abel e da irmã dele, Dja, 7, de quem obtiveram a guarda em 2019.

Os Scherer engrossam as estatísticas de um fenômeno recente no país: a adoção de crianças nascidas na África.

PROCESSO A JATO

Após passarem oito anos em uma fila no Brasil para adotar **Elisa**, de 7, **Aline** e **Daniel Simões** trilharam um caminho de apenas quatro meses na Guiné-Bissau, de onde veio a bebê **Lara**. "Prometi ao pai biológico, que conhecemos lá, que ela se formaria", conta Daniel.

INSTAGRAM @GIOEWBANK

JON KOPALOFF/WIREIMAGE/GETTY IMAGES

VIVA A ÁFRICA
Gagliasso e Giovanna, com os três filhos (dois nascidos no Malaui), e Angelina, com a etíope Zahara: o exemplo de celebridades

De praticamente zero, o número de africanos adotados no Brasil alcançou 51 desde 2016, e a procura só sobe. São dois os motivos principais que levam as pessoas a cruzar o oceano para aumentar a prole no continente onde se localizam 26 dos trinta países mais pobres do mundo. Além da especial afeição de muitos brasileiros pela África, o processo lá é rápido e, com pouca burocracia, leva em média entre quatro e oito meses — aqui, quem busca um bebê branco pode ficar na fila por seis, sete, oito anos. "A maioria dessas adoções é um plano B. Poderiam ter acontecido no Brasil, se a dificuldade fosse menor", diz o advogado Rafael Lima, especializado em

adoções internacionais. Os primeiros a espalhar a novidade por aqui foram o ator Bruno Gagliasso e a apresentadora Giovanna Ewbank, ao aparecer, em 2016, com a filhinha Chissomo, a Títi, então com 3 anos, nascida no Malaui. Três anos depois, adotaram Bless, 4, no mesmo país, e agora aumentaram a família com o primeiro filho biológico, Zyan, 1.

Fora do Brasil não faltam anônimos e famosos que, na hora de expandir a prole, procuram a África. Dos seis filhos de Angelina Jolie, Zahara, 17 anos, nasceu na Etiópia (e a atriz escolheu a Namíbia para ter a filha biológica Shiloh, 15). Madonna adotou quatro crianças no Malaui — um dos destinos mais frequentados por potenciais pais brasileiros, ao lado de Guiné-Bissau, Moçambique e Serra Leoa. Embora facilitado, o processo não é barato: entre documentação, advogados, passagens e hospedagem, estima-se gasto de 50 000 a 100 000 reais.

No caso de Deisi e Fernando Scherer, a família ajudou financeiramente quando assumiram Abel e, para trazer Dja, fizeram uma vaquinha virtual. A adoção de Betha, 4 anos, também raspou as economias do biomédico Carlos Ranniere, 45 anos, e da farmacêutica Lara Godoi, 44, de Belo Horizonte. “Foi um choque quando pisamos na África”, lembra Ranniere, que viajou duas vezes a Lilongwe, capital do Malaui, em 2019. “Ao mesmo tempo em que há uma pobreza extrema, a diária de um hotel pode custar 1 000 dólares. Ficamos em uma pensão.” O casal, que tem um filho biológico de 9 anos, optou pela via internacional após Lara sofrer três

MUDANÇA DE RUMO

Foi em uma viagem como voluntários pela África que os gaúchos **Fernando** e **Deisi Scherer** encontraram **Abel,** agora com 10 anos. Logo retornaram para adotá-lo e, em seguida, fizeram o mesmo com sua irmã, **Dja,** de 7. “Desistimos de ter filhos biológicos”, afirma ela.

abortos e temer que o processo aqui se arrastasse indefinidamente. Existem no Brasil em torno de 32 000 pessoas habilitadas e cerca de 3 000 menores aptos para adoção. “O problema é que a maioria das crianças está fora da idade preferencial, falta pessoal para agilizar os processos e alguns menores acabam crescendo nos abrigos”, diz o presidente da Associação Nacional de Grupos de Apoio à Adoção, Paulo Sérgio dos Santos.

ARQUIVO PESSOAL

AMOR INSTANTÂNEO

Depois de três abortos espontâneos, **Lara Godoi** e o marido, **Carlos Ranniere,** pais de **Nuno,** 9, partiram para o Malaui, onde se encantaram com **Betha,** então com 2, e resolveram adotá-la. Passou-se um ano até a menina chegar ao Brasil. "Já a amávamos profundamente", diz o pai.

Na África, os candidatos a pais, casados ou solteiros, costumam interagir com as crianças nos abrigos até encontrar aquela com quem mais se identificam. A audiência de adoção acontece alguns meses depois, com a família interessada presente, e, se aprovada, os novos pais já saem de lá com a guarda definitiva. No entanto, como alguns países africanos não são signatários da Convenção de Haia, que assegura vários direitos dos menores, a criança viaja como turista e a adoção só é definitivamente válida depois de homologada pelo Superior Tribunal de Justiça.

MARI PORTO

Os laços com a terra natal em geral não são rompidos, até porque os pais adotivos são incentivados a conhecer e manter contato com a família africana. “Prometi ao pai da Lara que ela se formaria e ele respondeu: ‘Se ela tiver três refeições por dia já estou feliz’”, lembra o psicólogo Daniel Simões, que junto da mulher, a instrutora de educação física Aline, ambos de 48 anos, adotou a menina na Guiné-Bissau, em 2018. Além de Lara, hoje com 5 anos, o casal, morador do interior de São Paulo, tem Elisa, de 7, adotada bebê no Brasil após oito anos na fila. A cor de Lara, explica o pai, jamais foi levada em conta pelo casal, mas ele admite certa preocupação com a reação dos outros. “Vivemos em um país de brancos onde ainda há muito preconceito”, diz.

As diferenças culturais e, em alguns casos, o idioma são, de fato, barreiras que precisam ser vencidas. “Ficamos grudadas desde que nos vimos e nos comunicávamos por gestos, olhares e sorrisos”, lembra a engenheira Luciana de Paiva Paula, 33 anos, que conheceu Olga, então com 4, em uma expedição humanitária a Moçambique, em 2018. Embora lá se fale português, a menina, órfã de mãe e criada pela bisavó, só conhecia a língua macua. Como boa parte das pessoas que adotam na África, Luciana, mãe-solo no Espírito Santo, ouviu críticas pela opção, havendo tantos menores abandonados no Brasil. Sua resposta é irrefutável: “Não importa onde a Olga nasceu. O amor não tem fronteiras”. Não será um oceano que impedirá o encontro de pais sem filhos com filhos que querem pais. ■

UMA VERDADE INCONVENIENTE

Lançada há alguns dias, a Truth, rede social de Donald Trump, é um fiasco retumbante. Falhas técnicas e formato que copia Twitter decepcionaram seus apoiadores **AMAURI SEGALLA**

LENTIDÃO Trump: meme que circula nos Estados Unidos diz que é ele quem libera, um por um, o cadastro de usuários

ALEX BRANDON/AP/IMAGEPLUS

OS QUATRO ANOS de Donald Trump na Casa Branca podem até ter posto em suspeição as suas habilidades políticas, mas a reputação como empresário impetuoso e bem-sucedido manteve-se razoavelmente intacta. Por isso mesmo um anúncio feio por ele no início de 2021, logo após sair da Presidência, atiçou os admiradores mais ardentes e deixou rivais atônitos. Trump prometeu criar uma rede social para chamar de sua, o que certamente abalaria as estruturas de um mercado dominado pelas big techs. Para alguém como ele, com um histórico de feitos empresariais, parecia líquido e certo que o projeto vingaria. Há alguns dias, a Truth Social, o nome que batiza a tal rede, desencantou após longa expectativa. A verdade foi dolorosa para Trump: a Truth revelou-se um tremendo fiasco.

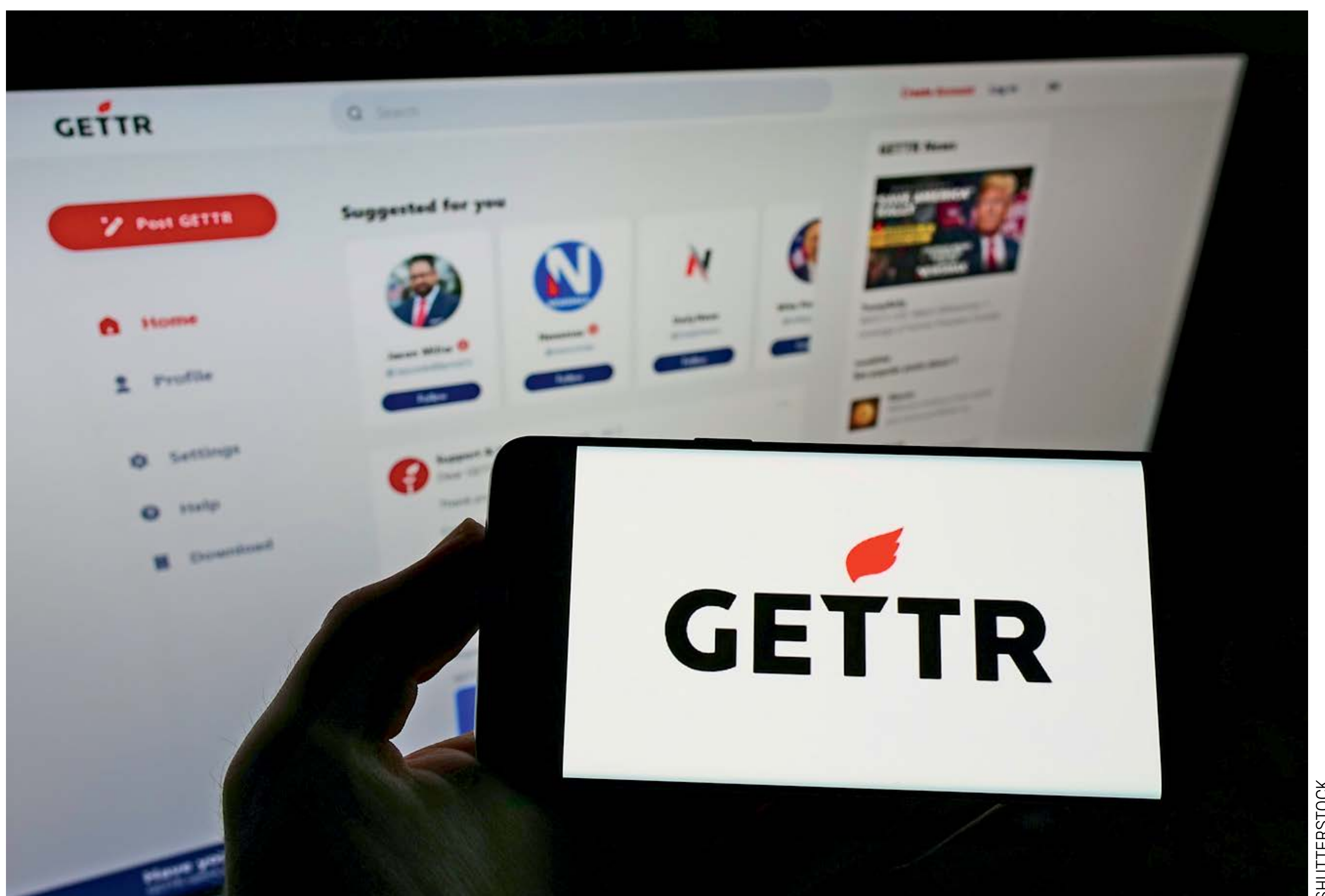
O ex-presidente americano fez fama e dinheiro como um ás do mercado imobiliário e da hotelaria, mas o ambiente de negócios das redes sociais era relativamente desconhecido para ele (embora tenha sido um usuário feroz). O desejo de peitar as plataformas tradicionais surgiu depois da invasão do Capitólio, um dos episódios mais vergonhosos da história recente dos Estados Unidos e que contou com o apoio imprudente de Trump. Assombrados pelas postagens incendiárias do então presidente, o Twitter decidiu bani-lo para sempre e o Facebook deu um prazo de dois anos para avaliar se o aceitará novamente. A título de vingança, motivação que, aponte-se, jamais deveria inspirar empresários de qualquer ramo de atividade, Trump prometeu fazer da

EVA MARIE UZCATEGUI/GETTY IMAGES

BARRADOS NO BAILE Trumpistas: eles não conseguem entrar na plataforma

Truth Social um espaço para a livre circulação de ideias, sem a "censura ideológica" dos concorrentes.

Os primeiros vislumbres da Truth Social mostraram que ela pode se tornar o maior erro empresarial da vida de Trump. Poucas horas após a estreia, a plataforma saiu do ar por treze horas e havia uma lista de espera formada por 300 000 pessoas, que aguardavam a aprovação dos administradores para começar a postar. Até os apoiadores de Trump fizeram piadas sobre o fracasso inicial. Jenna Ellis, ex-membro de sua equipe jurídica, publicou no Instagram uma foto que trazia o magnata com o dedo pairando sobre um laptop e a seguinte legenda: "Trump nos deixando en-

SHUTTERSTOCK

HOSPÍCIO Gettr: a rede rival conseguiu atrair os radicais da extrema direita

trar no Truth Social — um de cada vez". Os que ingressaram no aplicativo relataram mensagens de erro ao fazer o cadastro. Outros enviaram o endereço de e-mail conforme solicitado e não receberam uma resposta de inscrição.

Mas o que afinal explica a avalanche de falhas técnicas em um projeto, em tese, tão estratégico para o seu proprietário? "Uma possibilidade razoável é que o projeto foi concebido de forma apressada", diz Eduardo Tancinsky, consultor especializado em tecnologia. "Não é da noite para o dia que se faz uma rede social com a pretensão de atrair milhões de usuários." O especialista lembra ainda que a inépcia do lançamento sugere que os técnicos de Trump também não se

OS BUGS DO EX-PRESIDENTE

Os problemas apresentados no início da operação

Mensagens de erro apareceram para quem tentou colocar informações como data de nascimento, número de telefone ou e-mail

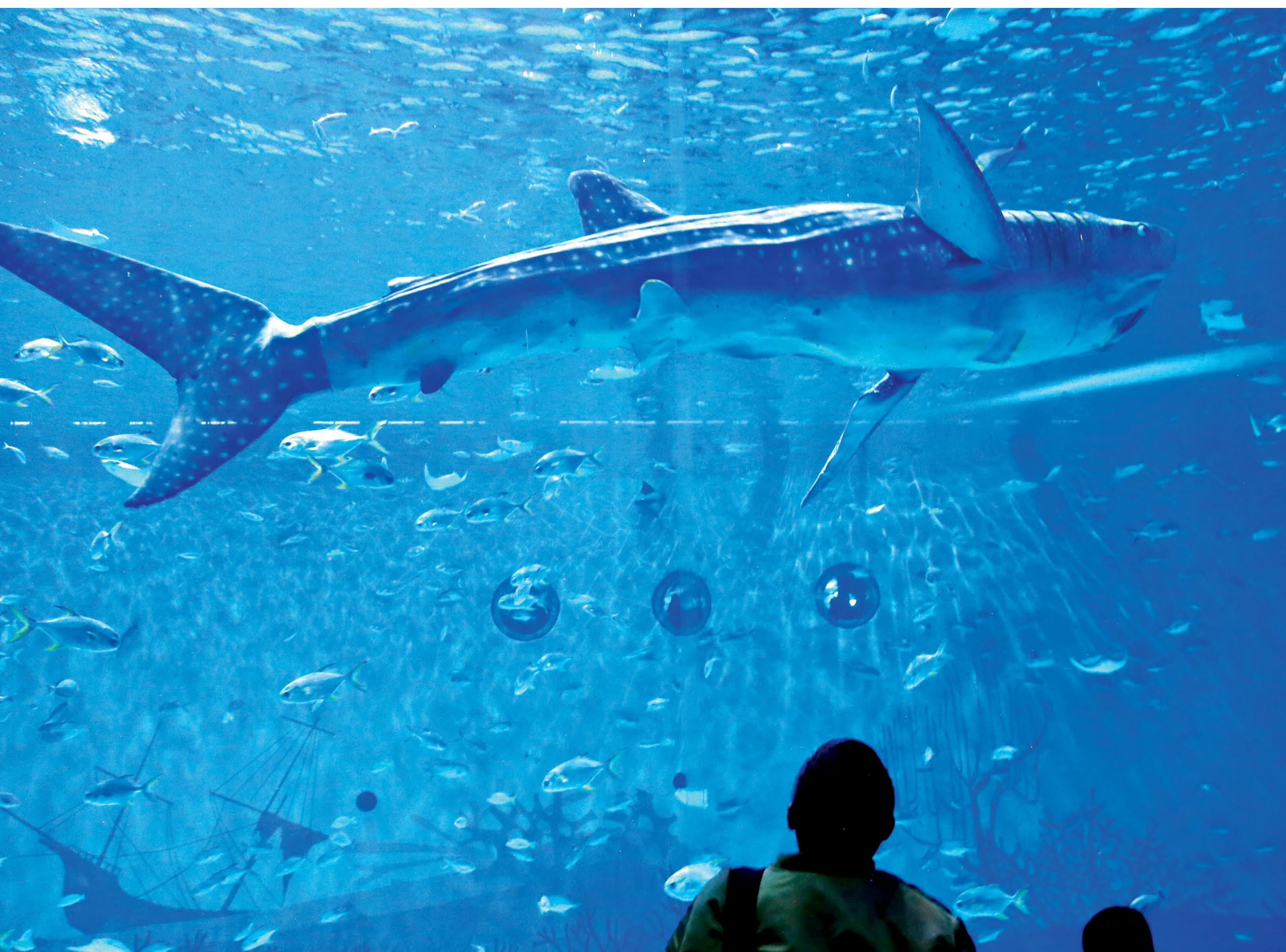
Usuários foram incluídos em uma "lista de espera" para entrar na plataforma, algo incomum nesse tipo de negócio

A rede social Mastodon acusou o ex-presidente de plágio e de violar a licença de uso de um software

preocuparam em preservar a privacidade de dados, o que pode trazer mais dor de cabeça ao ex-presidente e, claro, aos adeptos da nova rede. Há sérias dúvidas sobre o software usado pela Truth Social. Segundo a plataforma Mastodon, ele viola direitos autorais.

Depois de diversas falhas e atrasos na inscrição, aqueles que conseguiram navegar pela rede também se decepcionaram. Segundo um usuário — por enquanto, a plataforma está disponível apenas para iPhones nos Estados Unidos —, a Truth parece ser uma cópia ordinária do Twitter, exceto pelo fato de os tuítes serem chamados de "verdades" e os retuítes, de "reverdades". Para piorar, Trump também enfrentará pesada concorrência. O público da direita radical invadiu redes sociais como Gettr e Parler, que conquistaram audiência cativa graças à liberdade para publicar qualquer coisa, inclusive discursos intolerantes. Nos primeiros dias após o lançamento, a Truth chegou a ser o app mais baixado na App Store americana. Agora, não está entre os 100 primeiros. Famoso pelo bordão "Você está demitido!", Trump vem colecionando frustrações semelhantes às daqueles que eram eliminados do programa *O Aprendiz*. ■

RESPIRAÇÃO MECÂNICA

Aquário na China exibe tubarão robótico que impressiona pela similaridade com o animal verdadeiro. A ideia é chamar atenção para questões ambientais **ALESSANDRO GIANNINI**

NA ÁGUA O robô em ação: bateria de lítio e barbatanas metálicas

YUYU CHEN/FUTURE PUBLISHING/GETTY IMAGES

STEVEN SPIELBERG morreria de inveja. Com quase 8 metros de tamanho e mais de meia tonelada, seu rudimentar tubarão branco mecânico (eram três, na verdade) criado para "interpretar" o elusivo monstrengo do filme *Tubarão* (1975), conhecido como Bruce, não chega aos pés de um novo exemplar: um robô de última geração que encanta os visitantes do Haichang Ocean Park, em Xangai. Antes do novo confinamento decretado em razão da Covid-19, o espetacular tubarão-baleia eletrônico se tornou uma das principais atrações do parque aquático. O.k., ele é um pouco menor do que o antecessor americano do cinema: tem 4,7 metros, pesa 350 quilos e pode se mover a 42 metros por minuto. Mas foi todo construído com tecnologia de ponta — é alimentado por uma bateria de lítio e, com suas barbatanas metálicas, pode nadar, flutuar e mergulhar como um animal real.

Criado por pesquisadores da Corporação de Ciência e Indústria Aeroespacial da China, uma empresa estatal de defesa, o primeiro tubarão-baleia biônico do mundo emula à perfeição o comportamento lento da espécie. Ele pode ser programado e controlado remotamente e é muito difícil diferenciá-lo de um espécime real. Mas, evidentemente, tem suas limitações. Só é capaz de atingir 10 metros de profundidade e consegue funcionar apenas até dez horas. "Para robôs submarinos, uma característica importante é o método de propulsão, ou seja, a maneira como eles se movem", diz Fang Xuelin, cientista do Laboratório de Tecnologia de Propulsão Submarina da empresa. "Por exemplo, os robôs sub-

DIVULGAÇÃO

PIONEIRO Bruce, o tubarão do filme de Spielberg: 8 metros e meia tonelada

marinos tradicionais são movidos por hélices ou jatos de bomba, enquanto os biônicos imitam os movimentos de criaturas marinhas.”

Por que uma empresa especializada no desenvolvimento de naves espaciais, veículos de lançamento e sistemas de mísseis para o programa espacial chinês se dedica a projetos tão prosaicos como um peixe-robô? De acordo com a versão oficial, há alguns anos a fábrica decidiu aproveitar sua experiência em sistemas de propulsão no cosmo para desenvolver os animais aquáticos, de olho no lucrativo potencial desse mercado. O tubarão-baleia do parque Haichang é o maior já construído pelos engenheiros chineses. Ele nasceu do de-

senvolvimento de outras espécies biônicas menores, como modelos educacionais para escolas.

Não é a primeira vez, vale sublinhar, que avanços semelhantes se tornam públicos. Em 2018, a Coreia do Sul deu mostras de sua especialização no campo da robótica submarina. Durante os Jogos de Inverno de PyeongChang, o país espalhou pela Vila Olímpica 85 robôs, com o objetivo de dar um toque de tecnologia ao evento e exibir suas realizações nesse campo para o mundo. Entre as criaturas biônicas que promoveu estavam peixes-robôs inspirados nas carpas douradas que eram capazes de nadar em profundidade de até 5 metros, dotados de baterias com autonomia de até trinta horas. Na época, eram apenas uma distração para maravilhar os atletas e espectadores, mas já havia a intenção de dotá-los de câmeras e sensores para verificar a qualidade da água e outras funções práticas.

É o que os chineses pretendem fazer com suas criaturas robóticas subaquáticas, além de, claro, usá-las com o nobre propósito de chamar a atenção para a preservação das espécies de peixes ameaçadas pela poluição das águas. A estatal chinesa planeja desenvolver outros tipos de animais biônicos, o que inclui alguns mamíferos extintos para exibição em parques e escolas. Também quer desenvolver aplicações para ajudar em salvamentos subaquáticos e na prospecção mineral. “Nossos robôs servem a três propósitos: atuar em aquários para diversão, difundir conhecimento sobre o mar e animais aquáticos entre os jovens e realizar tarefas cientí-

ficas como levantamentos hidrológicos, fotografia subaquática e inspeção ambiental", diz Xuelin.

O próximo passo é pôr essas pequenas maravilhas em produção de larga escala, e espalhá-las por aquários em diversas partes do mundo. Enquanto isso não acontece, cabe olhar com atenção para a crescente poluição de mares e oceanos, hábitat das espécies vivas, que sofrem com o desleixo da humanidade. As famílias mecânicas servem de grito de alerta. ■

ASSASSINO EM SÉRIE

Ao longo da experiência humana, o mosquito conduziu o destino de impérios e definiu guerras, tornando-se o maior predador do planeta Terra

ALESSANDRO GIANNINI

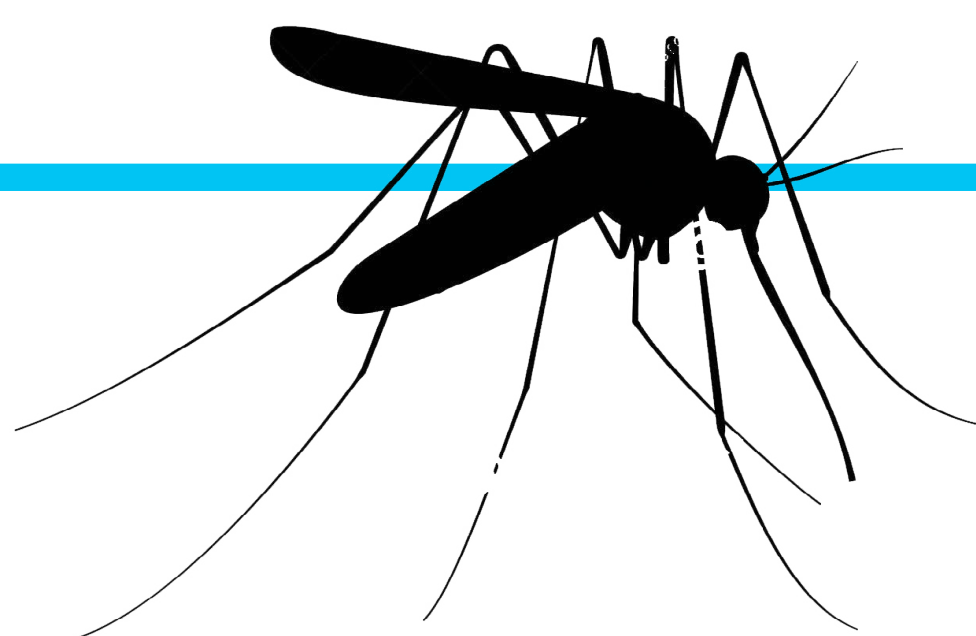
DUAS VIDAS Vetor de doenças e polinizador: necessário ao equilíbrio do planeta

MOMENT/GETTY IMAGES

OS NÚMEROS não mentem. Ninguém matou mais gente do que ele na história da humanidade. É o mais letal dos caçadores no planeta, com uma média de 2 milhões de vítimas por ano desde 2000. Só para constar, nós, bípedes, estamos em segundo lugar, com quase 450 000 assassinatos anuais. Não tem para ninguém. Desgraçadamente, não há como fugir dele e de seu exército de 110 trilhões, a não ser em locais como a Antártica, a Islândia, as Ilhas Seychelles e em algumas ilhotas da Polinésia Francesa, onde uma série de fatores climáticos torna sua sobrevivência inviável. Estamos cercados por seu arsenal de quinze armas biológicas. E não é de hoje, como mostra o excelente livro *O Mosquito: a Incrível História do Maior Predador da Humanidade* (Intrínseca), do canadense Timothy C. Winegard, doutor em história pela Universidade de Oxford e professor da Colorado Mesa University.

A fama vem do período jurássico. Ao longo de milênios, o inseto de olhos esbugalhados e barbas ralas conduziu o destino de impérios, acabou com economias e selou o resultado de muitos conflitos. Foi instrumento para a popularização do cristianismo, a criação da Grã-Bretanha, o fim na Guerra de Secessão e o desfecho da Revolução do Haiti, entre outros fatos seminais *(leia no quadro)*. "Quanto mais eu avançava na pesquisa, mais ficava claro que a influência do mosquito na história humana desde o início da evolução na África tinha sido minimizada", disse a VEJA Winegard. "Mas seu valor está muito acima do quanto

pesa, na medida em que alterou o jogo várias vezes, mudando a trajetória dos eventos da civilização".

Como se explica o papel do mosquito na popularização do cristianismo? Nos primórdios, a fé era minoritária e perseguida. Para alcançar o status de religião hegemônica, no entanto, se valeu de seu perfil assistencial e curativo. Como a malária, provocada pelo mosquito *Anopheles,* era endêmica na Roma antiga e nas suas cercanias, os pântanos pontinos, conhecidos como Campânia, as comunidades cristãs atraíam doentes que acabavam se convertendo. Nas guerras, o bichinho voador foi aliado de estrategistas que conheciam as condições sanitárias

PROTAGONISTA DA HISTÓRIA

O papel do inseto como agente transformador

PROPAGAÇÃO DO CRISTIANISMO

Para alcançar o status de religião hegemônica, o cristianismo, como uma fé assistencial e curativa, atraiu muitos convertidos com base no fato de que a malária era endêmica em Roma e nos pântanos pontinos, conhecidos como Campânia

dos terrenos em que combatiam. Na Revolução do Haiti (1791-1804), Toussaint Louverture, um dos líderes da independência haitiana, atraiu os colonizadores franceses para áreas costeiras, depois recuou para as colinas e esperou que as febres terçã e amarela matassem os inimigos.

Os exemplos se sucedem, e em alguns aspectos de forma vergonhosa. O tráfico de africanos escravizados, de meados do século XVI a meados do século XIX, só foi viabilizado entre os continentes porque, revelariam estudos de genética, os subjugados seriam mais resistentes a doenças transmitidas por mosquitos — nas Américas, o Brasil foi o país que

CRIAÇÃO DA GRÃ-BRETANHA (1707)

Com o fracasso do projeto de estabelecer uma colônia no Panamá, devido principalmente às doenças tropicais, a Escócia cedeu sua soberania à Inglaterra em troca do pagamento de suas dívidas, e, assim, deu-se início à Grã-Bretanha

GUERRA DE SECESSÃO (1861-1865)

Em meio ao conflito, a União conseguiu um estoque considerável de quinino para combater a malária, enquanto os soldados confederados foram deixados indefesos por um bloqueio naval que mantinha os remédios fora de alcance

mais recebeu cativos e que mais tardiamente os alforriou. Havia ainda um outro aspecto: muitos deles já haviam se aclimatado à febre amarela, adquirindo imunidade contra a doença. “Esses genuínos escudos genéticos os salvaram do que devem ter sido taxas cataclísmicas de doenças, mas, em contrapartida, acabaram por alimentar a maior mancha na história humana”, afirma Winegard.

Além da malária e da febre amarela, o mosquito tem culpa no cartório de outras doenças, como a dengue e a zika. As responsáveis pelas picadas são as fêmeas, mas convém absolvê-las em última instância — elas picam porque precisam do sangue para incubar seus ovos e, portanto, se reproduzir, em gesto instintivo e necessário para a preservação da espécie. Afora isso, como polinizadores, são cruciais para a agricultura e a produção de alimentos. Um modo de barrar a proliferação, como já aconteceu no Brasil, é a criação de espécimes estéreis. Funcionou razoavelmente bem, até porque parece não haver modo sensato de erradicá-los.

O trabalho de Winegard, fã de Alexandre, o Grande, ajuda a revelar quão pequenos somos ante seres tão diminutos. Convém, portanto, deixar de lado a lente da arrogância que nos leva a guerras para entender o real papel dos mosquitos. “Parece que somos mestres do nosso próprio destino, o que não é verdade, como nos ensinou a Covid-19”, diz o historiador, apontando para riscos ainda menores, como os vírus. Já notou Mario de Andrade no clássico *Macunaíma,* ao tratar de outros insetos: “Muita saúva e pouca saúde, os males do Brasil são”. ■

EM BOM PORTUGUÊS

O sucesso retumbante de Jorge Jesus e Abel Ferreira abriu de vez as portas a treinadores lusitanos no Brasil e escancarou o atraso dos "professores" nacionais **LUIZ FELIPE CASTRO**

VITOR PEREIRA,
CORINTHIANS

Principais títulos: ligas de Portugal (2), Grécia e China

"A vinda de estrangeiros é uma oportunidade de conhecer coisas novas. Eu também tenho muito a aprender aqui."

ANDERSON LIRA/THENEWS2/AGÊNCIA O GLOBO

Entre uma e outra referência a seu compatriota, o Nobel de Literatura José Saramago (1922-2010), o técnico Abel Ferreira destrinchou em seu recém-lançado livro, Cabeça Fria, Coração Quente (Garoa Livros), alguns dos segredos que o levaram ao bicampeonato da Libertadores pelo Palmeiras. Tudo passa pelos detalhes — ou pormenores, como costumam dizer pelos lados de Lisboa —, a exemplo dos slides com recomendações táticas aos atletas, os pedidos especiais às cozinheiras ou ainda a alteração na forma de irrigar o gramado do Allianz Parque. Abel já entrou para os anais do futebol brasileiro, seguindo os passos de Jorge Jesus, o Mister, eternizado na Gávea como comandante do histórico Flamengo de 2019. Desde então, grandes equipes vêm seguindo a receita lusitana. O próprio rubro-negro e o Corinthians investiram alto em portugueses para 2022 e o Botafogo, recém-comprado por um milionário americano, deve fazer o mesmo.

A redescoberta do Brasil, no entanto, leva a uma desagradável constatação: mesmo custando muito mais — as comissões de Paulo Sousa no Flamengo e Vitor Pereira no Corinthians receberão cerca de 1,5 milhão de reais mensais —, os profissionais do além-mar têm sido preferidos aos brasileiros. Medalhões como Vanderlei Luxemburgo são tidos como ultrapassados, enquanto a safra de jovens, como Fernando Diniz, não deslancha. O Brasil não tem representantes de peso no futebol europeu, ao contrário do que ocorre com os vizinhos argentinos e com os próprios portugueses. Nem sempre foi assim, contudo.

MICHAEL REGAN/FIFA/GETTY IMAGES

ABEL FERREIRA, PALMEIRAS

Títulos: Libertadores (2), Copa do Brasil e Recopa

“Não há milagres. Sou pago para tomar decisões difíceis. Sempre sigo o meu plano, aconteça o que acontecer.”

Se hoje é o Brasil que importa conhecimento de nossos colonizadores, a mão contrária já foi realidade. O carioca Otto Glória, em 1966, e o gaúcho Luiz Felipe Scolari, em 2006, guiaram Portugal às semifinais da Copa, suas melhores campanhas. Abel Braga, de volta ao Fluminense aos 69 anos, também é bastante respeitado por lá. No entanto, os gajos não se limitaram a beber de nossa fonte. No fim da década de 70, Jesualdo Ferreira, de passagem curta pelo Santos em 2020, foi um dos criadores do Gabinete de Metodologia do Treino de Futebol de uma universidade. Carlos Queiroz e Vitor Frade são outros reconhecidos acadêmicos da bola.

WAGNER MEIER/GETTY IMAGES

JORGE JESUS, EX-FLAMENGO
Títulos: Brasileirão, Libertadores, Recopa, Supercopa do Brasil e Carioca

"Como o jogador, o treinador tem de ser criativo. Sempre propus novidades."

Nos anos 2000, a federação europeia (Uefa) passou a exigir a realização de cursos, e o conteúdo da Federação Portuguesa de Futebol (FPF) tornou-se referência. Custa cerca de 4 000 euros e pode ser feito em onze cidades — o da CBF, que pode chegar a 40 000 reais, só é ministrado no Rio. "Tivemos de mudar paradigmas do jogo, ele é estratégico e tático, como a guerra", disse a VEJA Jorge Castelo, de 65 anos, professor da FPF, mentor de Paulo Sousa e Vitor Pereira. "A palavra é especificidade. Temos de treinar em função da partida. Trabalhei com técnicos brasileiros que separavam os traba-

lhos físico, técnico e tático. Não é assim. O instrumento fundamental do treino é a bola.”

Incomoda os portugueses a prepotência de alguns brasileiros. “O fato de ser pentacampeão do mundo e produzir craques fez com que muitos brasileiros pensassem que não tinham mais nada a aprender”, diz Pedro Bouças, de 42 anos, ex-auxiliar de Jesualdo Ferreira no Santos. Uma frase do técnico Renato Portaluppi é sempre lembrada como referência dessa empáfia. “Quem precisa aprender estuda, vai à Europa. Quem não precisa vai à praia”, disse o gaúcho, hoje desempregado. “No Brasil, torcedores e jornalistas também atrapalham, pois valorizam demais o atleta talentoso, mesmo que no plano tático ele prejudique o time. Hoje é impossível triunfar sem jogar bem sem a bola”, diz Bouças.

Vitor Pereira vem deixando boa impressão no Corinthians, apesar de ter perdido em sua estreia para o São Paulo de Rogério Ceni. O ídolo tricolor, aliás, ironizou o excesso de estrangeiros. “Temos ótimos treinadores, mas o mercado é livre para ir e vir. Infelizmente, será necessária essa onda até que o fracasso exista e se volte a pensar nos treinadores do Brasil.” Ceni tem certa razão, mas o melhor caminho passa não por torcer contra os importados, mas pelo surgimento de mais técnicos jovens e, sobretudo, estudiosos nos gramados brasileiros. ■

ARQUIVO PESSOAL

CADA SOM É UMA NOVIDADE PARA MIM

A mineira Isabela Coelho, 30 anos, superou a surdez congênita graças a um implante — e tem a música como aliada

NASCI completamente surda. Somente há um mês, após receber um implante coclear, aparelho que converte o som em impulsos elétricos que estimulam o nervo auditivo, é que comecei a ouvir. Até chegar a esse ponto, porém, foram inúmeras idas e vindas. Minha mãe teve rubéola durante a gravidez e, como foi assintomática, não pôde prevenir que a doença me atingisse ainda na gestação. Nunca houve um tratamento para recuperar a audição, já que é um sentido que nunca tive. Na infância, o caminho foi a oralização por meio de fonoterapia. Como não convivia com surdos, não aprendi a Língua Brasileira de Sinais (Libras). Há dez anos, já havia tentado colocar o implante, mas não me adaptei. Fiquei traumatizada

e sem coragem de tentar de novo. Mas a pandemia veio e me trouxe muita dificuldade em me comunicar, por causa das máscaras. Esse foi um dos motivos de buscar o implante pela segunda vez. Fiz a operação pelo SUS. Quase ninguém no Brasil faz o procedimento no particular, pois só o aparelho sai por 50 000 reais e os custos totais podem passar de 150 000 reais. Foi um processo longo para ver se eu me encaixava nos pré-requisitos: esse recurso é preconizado apenas a quem está no fundo do poço da surdez. Como trabalho com TI, minha empresa entrou no esquema de home office e eu consegui me mudar há dois meses de Contagem (MG), onde morava, para São Paulo. E finalmente fiz a cirurgia.

Depois de colocar o implante, o primeiro som que ouvi não foi nada agradável: um apito agudo que me incomodou. Minha fonoaudióloga disse que eu teria de aprender a conviver com ruídos ruins, inclusive o martelo da obra no apartamento do andar de cima, uma vez que não posso somente "querer" ouvir sons bons. Hoje, o barulho que mais odeio é o de moto sem escapamento: até sinto dor fisicamente ao ouvi-lo. Dessa vez, porém, estou me adaptando melhor porque estou mais preparada psicologicamente e encontrei um estímulo especial: a música. Cada som é uma novidade para mim. Meu cérebro está aprendendo a ouvir e ainda tenho dificuldade em distinguir os elementos. É uma mistura de emoções, legal e incômodo ao mesmo tempo — como estar numa montanha-russa. Nas últimas semanas, comentei o que achava ao escutar canções famosas pela primeira vez,

em uma série de posts que viralizaram no Twitter. Ouço com o fone de ouvido em cima do implante, e não na orelha, pois é o aparelho que “ouve”, não meu ouvido. Até a semana passada, a melhor canção tinha sido *Starman*, do David Bowie. Nesta semana, curti *The Lazy Song*, do Bruno Mars. Minha percepção muda conforme meu cérebro vai organizando os sons e descobrindo coisas novas. A suavidade e a repetição me atraem. Música clássica, por ser muito complexa, é difícil. A distorção da guitarra me incomoda. Geralmente, os graves são melhores de ouvir. Gostei de ouvir funk e pagode e me deu vontade de dançar. Mas a música eletrônica é a que mais me agrada, por causa das batidas repetitivas.

Já assisti a vários filmes que mostram surdos. *O Som do Silêncio* achei problemático, porque o implante do personagem parece algo milagroso e rápido de fazer. O que não é verdade. Indico o francês *A Família Bélier* para quem quiser entender mais sobre o mundo dos surdos. Agora, quero assistir a *No Ritmo do Coração*, indicado ao Oscar. Desejo também conscientizar as pessoas a respeito do “capacitismo”, que é um tipo de discriminação com pessoas com deficiência. Quando descobrem que sou surda, acham que não sei ler ou escrever. Eu me sinto ofendida quando me chamam de muda: no meu caso, não há nenhuma associação com a surdez. Sempre tive o sonho de fazer intercâmbio, mas achava impossível. Agora estou mais próxima de realizá-lo. ■

Depoimento dado a Felipe Branco Cruz

SOLTOS E ESTILOSOS

Clássicos do vestuário masculino, os ternos incorporam as novas tendências de moda e surgem revisitados, em misturas modernas de alfaiataria e streetwear **SIMONE BLANES**

LOUIS VUITTON

PASSADO E FUTURO

Louis Vuitton: o marrom é um clássico neste tipo de vestimenta, mas o modelo tem ombros amplos e estruturados, as mangas, longas, enquanto as calças aparecem mais largas do que as usadas hoje

NA ONDA SEM GÊNERO

JordanLuca: a vanguardista grife inglesa investe em criações com saias estilo kilt, sobreposições que lembram o antigo jaquetão e tecidos que podem ser pesados, como a lã, porém em versões bem coloridas e iluminadas

JORDAN LUCA

EM MEIO à pandemia de Covid-19, surgiram projeções que, se concretizadas, mudariam radicalmente a forma de vestir das pessoas. É claro que a crise sanitária modificou muita coisa, como a priorização do conforto, mas não teve o poder de provocar revoluções tão drásticas. Estão longe de desaparecer alguns códigos que parecem imutáveis. É o que está se vendo com os ternos, tradicionais peças do guarda-roupa de todo homem que, ao contrário do que se chegou a dizer, não sairão do mapa. "É uma roupa que dificilmente cairá em desuso", diz o estilista Ricardo Almeida, reconhecido como um dos mestres da alfaiataria masculina nacional. "Ainda é sinônimo de poder." Os números demonstram o permanente sucesso. Só nas duas primeiras semanas deste mês, a grife de Almeida registrou um aumento de 120% nas vendas de ternos para casamento e de 45% em costumes e blazers. No mundo, a comercialização do traje deve alcançar uma receita de 705 bilhões de dólares até 2026, segundo relatório do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae). O Brasil ocupa a oitava posição entre os países com as maiores receitas geradas pelo vestuário.

Com a retomada das atividades, a combinação calça-paletó foi o destaque nos desfiles masculinos internacionais. Porém, reapareceu de um jeito totalmente revisitado, com silhuetas redefinidas por cortes, proporções e texturas diferentes. O casaco e as mangas estão mais longos e os ombros surgem largos, assumindo construções arredondadas ou desestruturadas. Os tecidos vão da seda ao veludo, do tweed ao

TRAÇO CONTEMPORÂNEO

Fendi: o corte impecável e as tonalidades sóbrias permanecem como marcas da casa de alta-costura italiana, porém as peças acompanham a nova bossa ao apresentar combinações com um pouco mais de largura

YANNIS VLAMOS

PEGADA ESPORTIVA

Dior: arranjos inteligentes que obedecem à harmonia entre paletós e calças confortáveis estilo jogging, inclusive com elástico na cintura, em resposta ao desejo do consumidor de opções associadas ao bem-estar

VITTORIO ZUNINO CELOTTO/GETTY IMAGES

jeans, da lã ao couro. O que se viu nas passarelas foi a mistura entre a clássica alfaiataria e o conforto streetwear, do jeito como antevia Virgil Abloh, o aclamado estilista da Louis Vuitton que morreu em novembro do ano passado. Os ternos de inverno da grife, por exemplo, têm perfil escultural, ombros volumosos e detalhes utilitários, características que também apareceram nos casacos do desfile masculino da casa italiana Prada. As calças acompanham a tendência. Há

modelagens que lembram as baggys — cinturas altas e marcadas e pernas largas — e a clochard, de cintura alta e pernas soltas, porém afuniladas. A Dior, inclusive, surpreendeu ao apresentar peças em estilo jogging, com direito até a elástico na cintura, que confere um resultado elegante, confortável e urbano. "É uma mistura inteligente", sintetiza o consultor, professor e estilista de moda masculina Mário Queiroz.

As marcas propõem aos homens trocar a sisudez tradicional dos ternos pela versatilidade que o ambiente contemporâneo exige. Isso inclui a oferta de opções saídas da cada vez mais evidente moda sem gênero. Uma das criações mostradas na passarela pela talentosa e vanguardista grife londrina JordanLuca combinou saia estilo kilt com casaco de lã amarelo trespassado. O modelo indica ainda mais uma direção: os ternos coloridos. "As cores aparecem como manifestação de esperança e entusiasmo em tempos tão sombrios", pontua Queiroz. Isso quer dizer que o homem não está mais preso ao cáqui, marinho e preto de sempre. Contudo, se quiser permanecer mais próximo dos cortes e cores clássicos sem se distanciar dos ventos renovadores, é possível. A italiana Fendi apresentou casacos longos, em sintonia com a estação, em cortes impecáveis, tons sóbrios e elementos tradicionais como estampas xadrez Vichy, de origem inglesa, e padrões pied de poule, típicos dos anos 1920, ambos sofisticadamente convencionais.

Ternos são associados à maturidade e emprestam a aura de autoridade aos homens — e às mulheres desde que a

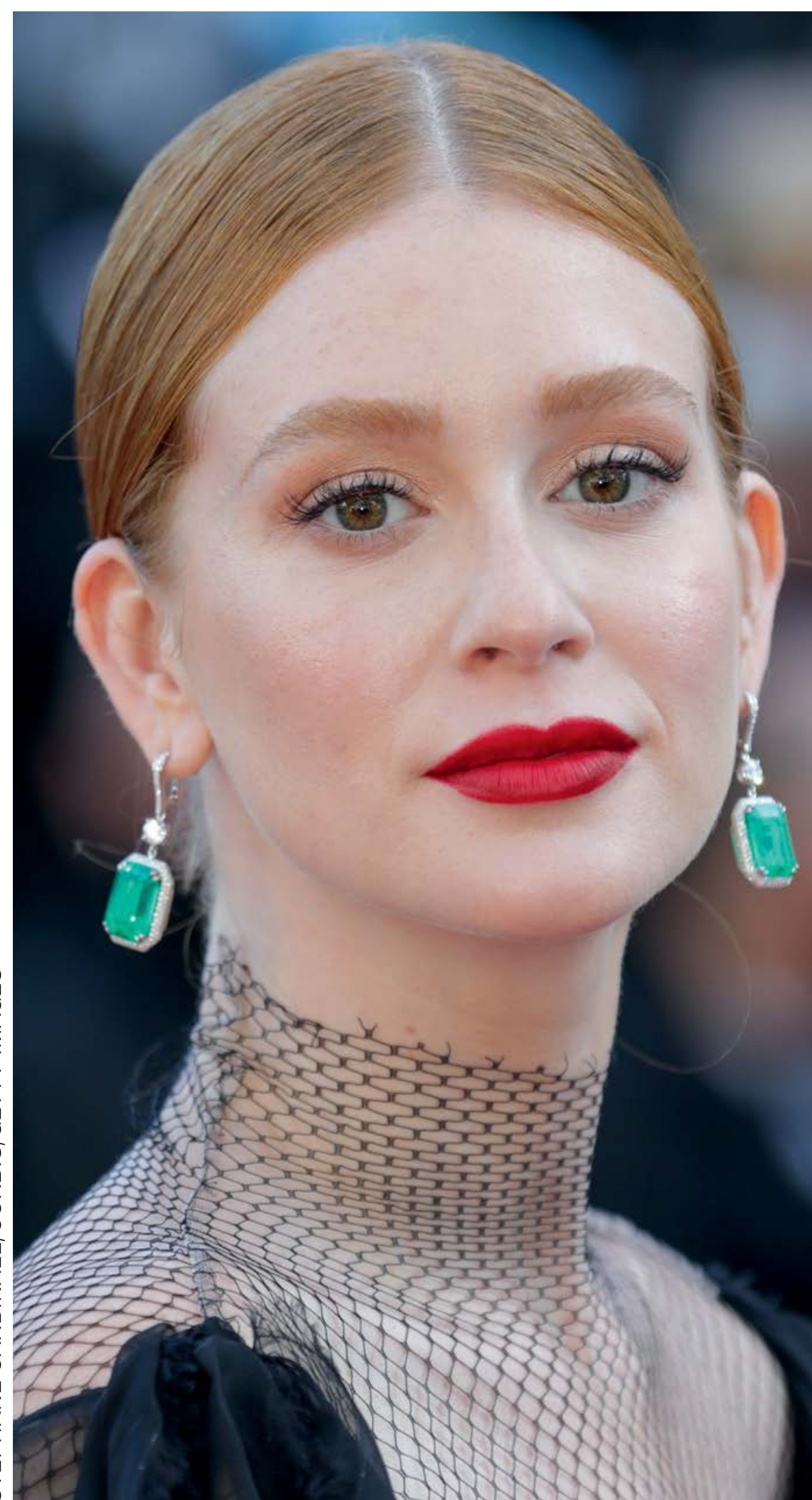
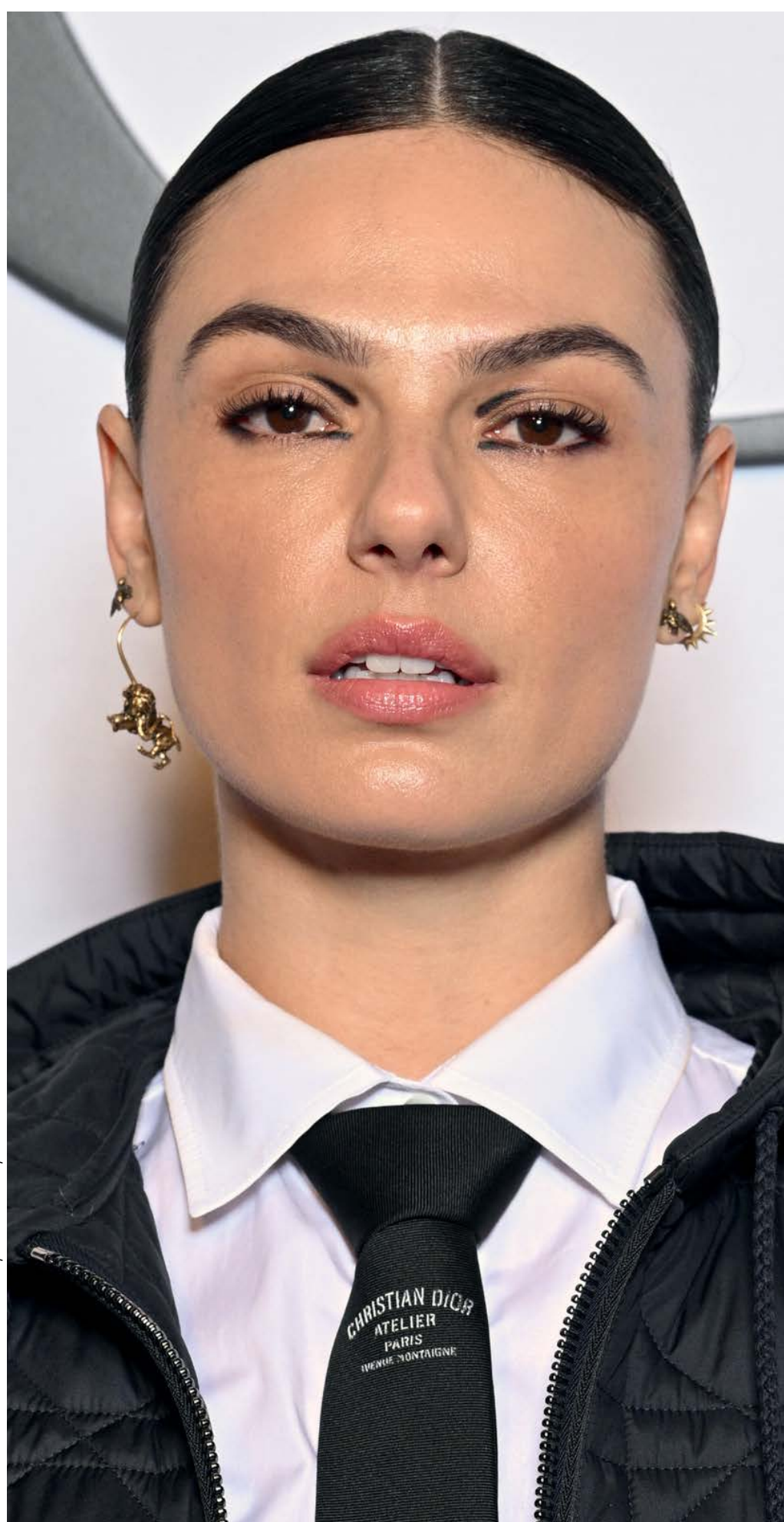
atriz alemã Marlene Dietrich os tomou emprestados, nos anos 1920 e 1930, e que a estilista francesa Coco Chanel tratou de popularizar com sua versão feminina. Ou seja, mesmo apresentados em opções mais ou menos fashion, eles continuam sendo feitos para impressionar, só que agora com mais conforto. ■

O CAMINHO DO MEIO

Depois de muito tempo esquecida, a risca no centro é a mais nova onda no jeito de arrumar a cabeleira. Ela dá mais simetria e destaque ao rosto — como antigamente **SIMONE BLANES**

INSTAGRAM @CHRISTINAPORTERJ

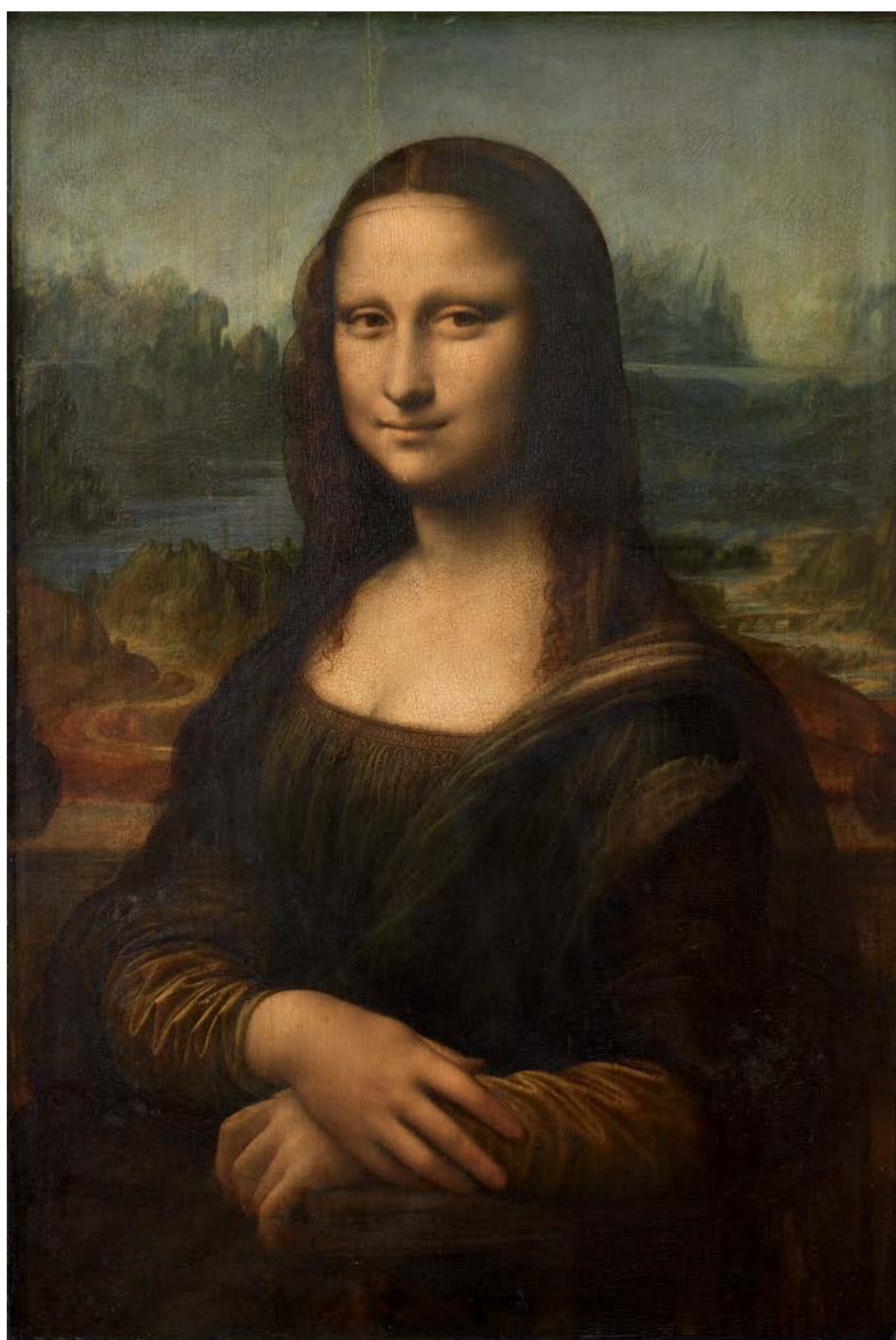
STEPHANE CARDINALE/CORBIS/GETTY IMAGES

STEPHANE CARDINALE/CORBIS/GETTY IMAGES

FAZENDO A CABEÇA DELAS

A modelo Christina Porterj *(à esq.):* cachos soltos e repartidos. As atrizes brasileiras Isis Valverde *(no centro)* e Marina Ruy Barbosa: fios bem presos. No destaque, a versão clássica com trança

O SORRISO da *Mona Lisa* não é o único mistério intrigante da mãe de todas as telas, a inescapável obra-prima de Leonardo da Vinci. O penteado da mulher nela retratada, identificada como Lisa Gherardini, moça rica de uma família de Florença, foi alvo de enigma durante muito tempo. Por anos, pensou-se que o cabelo estivesse solto, caído sobre os ombros. Descobriu-se que não. Os fios estão acomodados sob uma fina rede e repartidos ao meio, como era comum ajeitá-los por mulheres que haviam acabado de dar à luz (acredita-se que Lisa tinha tido seu segundo filho quando seu rosto foi imortalizado pelo gênio dos pincéis). O que parece um detalhe — a risca milimetricamente no centro — contribuiu para que a tela se transformasse em celebração universal do belo, ideal que pautou toda a magnífica produção artística do Renascimento, o movimento cultural que se seguiu ao fim da Idade Média (período entre os séculos V e XV) e dominou a Europa até o século XVI. Distribuídos de forma simétrica, os fios garantem ao rosto maior equilíbrio, em proporção exaltada naquele longínquo tempo histórico.

Eis que, depois de décadas abandonado, o caminho do meio voltou com tudo — nos rostos, ao menos. Cabelos lisos, cacheados, ondulados, com ou sem franja, divididos são hoje os preferidos tanto nas passarelas — foram onipresentes em boa parte das semanas de moda recentes — quanto entre toda uma turma que vai da geração Z, nascida a partir dos anos 2000, até aquelas um pouco mais velhas que não costumam deixar de surfar nenhuma onda.

ACERVO MUSEU DO LOUVRE

RENASCENÇA A *Mona Lisa*: o penteado também contribuiu para a fama da mais conhecida pintura

Eles podem ser presos, com a risca bem marcada ou de forma irregular, ou soltos, deixando os fios esvoaçantes. Podem ainda apresentar um aspecto molhado, os chamados *wet hair*, com os fios totalmente alinhados, sem nenhum deles fora do lugar. Além das referências renascentistas, a moda evoca penteados que vão do romântico ao hippie, demonstrando uma versatilidade estimulante para quem gosta de mudar com frequência o jeito de arrumar a cabeleira. “A ideia é aproveitar as muitas variações, de um solto displicente até a uma trança bem elaborada”, diz o cabeleireiro Mario Nova, sócio do Hello Beauty Concept, localizado em Miami, nos Estados Unidos, que atrai beldades como a modelo americana Christina Porterj, linda com seus cachos repartidos com precisão. No Brasil, as atrizes Marina Ruy Barbosa e Isis Valverde aderiram à tendência. Fazem questão, como manda o figurino, de exibir as madeixas seguindo direitinho a risca da beleza. É um recurso simples e bonito, afeito a fazer toda Mona Lisa sorrir. ■

LUCILIA DINIZ

PRODUTOS DA CRISE

Adversidade rima com criatividade, inclusive na alimentação

CADA VEZ me convenço mais de que as dificuldades podem se tornar motores decisivos para invenções e novas oportunidades — inclusive no que diz respeito à gastronomia. Sem saber, quase todos os dias saboreamos ou utilizamos algo que surgiu da necessidade de superar uma situação adversa, de descobrir coisas por mero acidente.

Pessoalmente, adoro conhecer os "casos do acaso". Foi assim que cheguei à história de um novo queijo, o La Confiné, produzido na França. Em 2020, durante o confinamento provocado pela pandemia, a família Vaxelaire, que fabrica o queijo munster, viu as vendas caírem e estocou parte de sua produção numa adega. Lá ele absorveu a umidade do ambiente e se transformou em uma espécie de camembert mais floral e láctico, bem diferente do munster, um clássico da região. É claro que ninguém vai bendizer o SARS-CoV-2 por ter acendido uma possível joia no universo queijeiro da França, mas é improvável que ele tivesse surgido se não fossem os impactos econômicos impostos pelo distanciamento social. O La Confiné aumentou, assim, a vastíssima lista de alimentos que foram criados ou se consolidaram a partir de infortúnios.

Durante a II Guerra, o conceito de barra de cereais foi inventado para servir como um tipo de "refeição de emergência" para as tropas. O refrigerante Fanta surgiu em 1941, na Alemanha — com problemas para produzir Coca-Cola no país, devido à falta de alguns ingredientes. Um caso curioso é o do festejado espaguete à carbonara. Há muitas versões sobre o seu surgimento, contudo uma das mais difundidas faz ligação do prato com o conflito mundial. A certa altura do enfrentamento, a Itália se viu mergulhada na escassez de alimentos. Privilegiados, os soldados americanos que ocuparam o país contavam com rações que incluíam ovos em pó e bacon. Um cozinheiro teria misturado os ingredientes das rações à pasta e... lá estava um novo prato italiano!

A propósito, quando a II Guerra terminou, o cacau andava escasso. Diante disso, a Pasticceria Ferrero, do Piemonte, resolveu misturar creme de amêndoas, açúcar e um pouquinho da então rara maravilha do cacaueiro. A novidade resultaria no hoje popular Nutella. E, voltando no tempo, o lei-

"Durante a II Guerra, o conceito de barra de cereais foi inventado para a emergência das tropas"

te condensado industrializado, patenteado nos EUA em 1856, ficou famoso na Guerra Civil Americana ao ser transportado pelos combatentes.

Saindo dos alimentos em si, porém não da cozinha, temos um capítulo célebre: o do micro-ondas. No início da Guerra Fria, o engenheiro americano Percy Spencer se dedicava à construção de peças que gerassem ondas eletromagnéticas para fins militares. Um dia, depois de horas de trabalho, ele percebeu que o chocolate que estava em seu bolso havia derretido. Daí para o utilíssimo forno que se espalharia por todo o globo foi um pulo.

Chama a atenção, ainda, os esforços no front específico da saúde — com os quais compartilho — para a difusão de receitas e produtos com poucas calorias, a fim de vencer outra guerra ameaçadora: a da elevação dos porcentuais de pessoas obesas mundo afora. Os exemplos poderiam continuar, inumeráveis. Quando a dificuldade surge, a criatividade a enfrenta — e o resultado não é só uma rima, é uma solução. ■

ELA FAZ O QUE QUER

Quanto mais o tempo avança, mais Madonna, 63 anos, se exibe em fotos ousadas e closes do rosto lisíssimo. Passar dos limites, afinal, sempre foi seu forte

DUDA MONTEIRO DE BARROS

INSTAGRAM @MADONNA

BACKGRID/THE GROSBY GROUP

BOTANDO PARA QUEBRAR Madonna, em pose sexy (salva pelo coraçãozinho) e com o namorado, Williams: rebeldia histórica

ELA PODERIA ESTAR com a vida feita. Mas, para Madonna, sempre há um pouco mais a avançar, de preferência com impacto, polêmica e milhões de comentários. Aos 63 anos, preparando-se para celebrar quatro décadas de lançamento do primeiro álbum (que, no longínquo 1983, ainda era conhecido por disco), a cantora americana intensificou

nos últimos tempos uma de suas marcas registradas: as fotos cheias de ousadia. No seu movimentadíssimo Instagram, vira e mexe ela se exibe com quase nenhuma roupa, os seios mal cobertos pelos longos cabelos loiros. Ou não: em ensaio recente, uma foto expunha em primeiro plano o bumbum impecável envolto em uma meia arrastão e em outra, recostada em uma cama amarfanhada, aparecia com um peito nu. A rede social, que não admite mamilo à mostra nem em estátua grega, foi implacável: tirou a imagem do ar. Madonna, repostou, com providenciais emojis e muita indignação: "É espantoso vivermos em uma cultura que permite mostrar cada milímetro do corpo da mulher, mas não o mamilo". Choveram comentários, contra e a favor — do jeito que Madonna gosta.

Além do corpo preservado à custa de dieta, ginástica, dança e tudo que a medicina estética oferece, a cantora também prima em publicar closes de seu rosto perpetuado nos traços de menina de 20 anos, com sobrancelhas arqueadas, lábios grossos e pele totalmente desprovida de rugas ou marcas de expressão. Não se sabe quais e quantas intervenções já alisaram aquela face. O único procedimento admitido publicamente é a aplicação de Botox — em 2020, em plena pandemia e com a população do planeta isolada em casa, Madonna escreveu no fiel Instagram: "Certeza que o Botox já derreteu". E mais adiante: "O que você faz quando seu dermatologista está de quarentena? Fica com a testa enrugada".

Além da agulha e do bisturi, a mulher de traços exageradamente perfeitos mostrada em seu perfil lança mão, sem economizar, de todos os filtros capazes de operar milagres no visual virtual. Sem jamais abandonar as luvas, muitas luvas, porque para a idade das mãos não há disfarce. O passar dos anos aparece, ainda que bem amenizado, quando sai para jantar, ou visita a exposição do pintor iniciante Rocco, mas essas ocasiões são rápidas e espaçadas. Teria ela perdido a noção da realidade, se tornado obcecada pela aparência, mergulhado na dismorfia, um transtorno psicológico? Pode até ser, e acusações nesse sentido fervilham nas redes. Impávida, Madonna segue postando e desafiando o mundo.

Provocar, aliás, sempre foi seu verbo preferido. A menina nascida e criada em família católica nos arredores de Detroit, no estado de Michigan, ao norte dos Estados Unidos, que perdeu a mãe aos 5 anos e foi realmente batizada Madonna, já apareceu em vídeo seduzindo santos, se masturbando e simulando fazer sexo, já teve romance com mulheres, já beijou Britney Spears na boca e, dos 50 em diante, só namora rapazes na casa dos 20 anos, pescados de sua trupe de bailarinos — o atual, o americano Ahlamalik Williams, tem 28, três a mais do que a filha mais velha da cantora, Lourdes. Boa de briga, ela milita na defesa dos gays, das mulheres e da liberdade sexual. Quando não está pavoneando sua juveníssima aparência, inunda as redes com fotos da família: além de Lourdes, que teve com seu então personal trainer, Carlos Leon, e de Rocco, com o ex-marido Guy

Ritchie, adotou quatro crianças do Malaui, na África. Tem fama de mãe brava, que impõe limites para tudo.

Disciplinada e autocentrada, Madonna exerce total controle sobre sua carreira, suas metamorfoses — da garota rebelde com o célebre sutiã pontudo de Jean-Paul Gaultier a Madame X, de cabelo platinado e tapa-olho — e até seus escândalos, primando em transformar suas controvérsias e contradições em arte. A receita tem dado certo: é a artista-solo que mais faturou em turnês e, entre as mulheres, a cantora que mais vendeu discos (300 milhões) e a que mais frequentou as listas das dez canções mais ouvidas em toda a história. No momento, dá ordens na seleção de artistas para um filme sobre sua vida, do qual escreveu o roteiro e o qual vai dirigir, e participa ativamente do projeto da gravadora Warner de relançar toda a sua discografia. E, conforme foto devidamente postada no Instagram, acaba de fazer a quarta tatuagem — um diagrama da Árvore da Vida da cabala judaica, da qual é aluna dedicada há décadas. Não tem mais idade para isso? Até parece. ■

MARATONA JUVENIL

De olho em fenômenos da Netflix como *De Volta aos 15*, plataformas de streaming investem em uma nova mina de ouro: as tramas para "jovens adultos" criadas por autores nacionais

AMANDA CAPUANO

SARAH MAKHARINE/NETFLIX

Embora esteja na casa dos 30 anos, Anita ainda passa longe de ser adulta. Após ser acusada de nunca crescer em uma briga no casamento da irmã, ela revive um antigo blog desativado — e bingo: descobre que a página virtual é uma máquina do tempo. De uma hora para outra, Anita retorna à adolescência e embarca numa cruzada para corrigir os erros do passado. Espécie de versão às avessas do filme *De Repente 30*, a série *De Volta Aos 15* é a mais recente aposta nacional da Netflix na seara de adaptações juvenis e figurou no seu Top 10 em treze países, com mais de 18 milhões de horas vistas globalmente. Com Maisa Silva e Camila Queiroz se revezando na pele da protagonista, a produção transpõe para as telas o livro homônimo de Bruna Vieira, autora que se aproxima de meio milhão de cópias vendidas. Seu sucesso atesta uma tendência notável: no cabo de guerra dos serviços

ELENCO POP Camila e Maisa em *De Volta aos 15:* máquina do tempo

ANDRÉ CHERRI/HBO MAX

HBO Bruna Inocencio e Marina Moschen, atrizes de *No Mundo da Luna:* leveza

de streaming pela conquista dos jovens, as tramas com autores e elenco made in Brazil estão com a corda toda.

Precursora do mercado de streaming no mundo, a Netflix fez uma opção esperta ao apostar no filão: foi buscar em uma elite de escritoras/roteiristas quase 100% feminina a fonte de inspiração para suas tramas. São autoras superpoderosas que já mostraram seu apelo não só nos best-sellers, mas no cinema — a principal delas é Thalita Rebouças, que acumula mais de 2,5 milhões de livros vendidos e chegou às telas em 2016 com *É Fada,* filme nacional que arrecadou 16 milhões de reais em bilheteria. Seguiram-se a ele *Fala Sério,*

Mãe! (2017), *Tudo por um Popstar* (2018) e *Ela Disse, Ele Disse* (2019), todos campeões de público. A Netflix abraçou Thalita: de 2020 para cá, ela já lançou na plataforma os originais *Pai em Dobro*, que seguiu caminho inverso e acabou virando livro, e *Lulli*, estrelado por Larissa Manoela, além da adaptação de *Confissões de uma Garota Excluída, Mal-Amada e (um Pouco) Dramática*, traduzido para mais cinco idiomas após o lançamento do filme, em 2021. "Escrevo há 22 anos e somente agora tive a honra de ser publicada em países como França, Alemanha e Espanha, com o selinho Netflix", conta Thalita.

Com muito tempo disponível e extremamente ativos (os pais que o digam) nas redes socais, os jovens são uma engrenagem preciosa para o streaming. E não apenas no Brasil: antes de apostar no segmento por aqui, a Netflix já colhera fenômenos americanos como *A Barraca do Beijo* e *Para Todos os Garotos que Já Amei*. Segundo levantamento recente da empresa YPulse, 56% dos entrevistados da geração Z relatam que tentam assistir aos mesmos conteúdos que os amigos nas plataformas, o que aumenta o boca a boca das produções. Justamente por isso, os chamados *young adults* (jovens adultos, em tradução literal), produções protagonizadas por adolescentes ou jovens "quase" adultos que retratam os desafios do amadurecimento, emergem como pilares de audiência. "A resposta do jovem e a paixão dos próprios fãs têm destacado cada vez mais esse tipo de conteúdo. Com certeza, eles estão entre nossos fãs mais vocais", explicou a

AMAZON PRIME

MUSICAL Lázaro e a atriz Gabz, de *Outono:* desembarque da Amazon

VEJA Elisabetta Zenatti, vice-presidente da Netflix Brasil. “Temos uma produção cultural muito rica e é a oportunidade de levá-la ao mundo”, complementa.

A tendência tem ganhado força também em outras plataformas. No mês passado, a HBO anunciou em primeira mão a VEJA On-line um projeto para se aproximar de autores nacionais. A plataforma já tem no forno três produções encomendadas: *Procura-se um Marido* e *No Mundo da Luna*, adaptações de Carina Rissi, que acumula 700 000 livros vendidos, e *O Beijo Adolescente,* inspirada nos quadrinhos de um solitário nome masculino nesse “clube da Luluzinha”, Rafael Coutinho — todas previstas para o segundo semestre.

"Essas histórias conquistam uma audiência que se fanatiza muito, e isso é importante", diz o executivo Marcelo Tamburri, da WarnerMedia Latin America, que aproveita para cutucar os rivais: "Somos competitivos". Quem também não ficou para trás foi a Amazon Prime Video: a plataforma está produzindo a franquia *Um Ano Inesquecível*, baseada na coletânea de contos de Thalita Rebouças, Bruna Vieira, Paula Pimenta e Babi Dewet. No total, serão quatro filmes. O primeiro, o musical *Outono*, marca a estreia de Lázaro Ramos como produtor no streaming, e tem consultoria do americano Vince Marcello, diretor de *Barraca do Beijo*, franquia arrasa-quarteirão da Netflix.

Em comum, além de um público que vai dos adolescentes até a galera de 20 e poucos anos, as histórias comungam um clima leve e temas universais, como amores improváveis, dificuldade de socialização, re-

EDU RODRIGUES

ONIPRESENTE
Thalita Rebouças: projeção global na Netflix

ceios sobre o futuro e medo do fracasso. “É um resgate de questões da adolescência que não trabalhamos ao longo da vida”, diz Bruna Vieira. “Tenho leitores que vão dos 16 aos 40. Não sei se alguém consegue se sentir adulto de verdade”, opina Carina Rissi. Se depender da enxurrada juvenil no streaming, ninguém realmente escapa. ■

A SOLIDÃO COMPARTILHADA

Com três horas em que nem um segundo sequer é excessivo, *Drive My Car*, de Ryusuke Hamaguchi, tem sob sua superfície límpida uma turbulência que arrebata, transforma e fulmina

HESITAÇÃO Kafuku e Misaki: a dificuldade de confiar em outro e depender dele

DIVULGAÇÃO

NOS FILMES de Ryusuke Hamaguchi, e em particular em ***Drive My Car*** (Japão, 2021), os personagens perdem o que lhes é caro dos modos usuais — em razão de fatalidades, ou do correr do tempo, ou de decisões que se provam não serem acertadas. Aquilo que eles ganham, porém, não é dado mas sim conquistado, ao custo de exames íntimos arrasadores e de transformações internas sísmicas que, porém, mal chegam a ser perceptíveis na superfície. Também o espectador pode julgar que são mínimas as agitações provocadas nele por *Drive My Car*, em cartaz nos cinemas e a partir de 1º de abril disponível na plataforma MUBI. Mas é quase certeza que em algum instante das três horas de filme ele vai ser apanhado na turbulência do protagonista Kafuku (Hidetoshi Nishijima) e dos personagens à volta dele.

Ator e diretor de teatro embrenhado numa montagem do *Tio Vanya* de Anton Chekhov, Kafuku tem com a roteirista Oto (Reika Kirishima) um casamento longo e íntimo, que mantém algo do seu mistério nas histórias que Oto tece, em transe, após o sexo. Um dia, Kafuku flagra Oto com um amante, o jovem ator Takatsuki (Masaki Okada), mas não se revela. Pouco depois, Oto morre. E, dois anos mais tarde, o ainda enlutado Kafuku vai a Hiroshima dirigir uma encenação de *Tio Vanya* com Takatsuki no papel-título. Indo e vindo do teatro, ouvindo as marcações da peça em uma fita gravada por Oto, Kafuku e sua motorista, a taciturna Misaki (Toko Miura), mantêm distância. Aos poucos, porém, cria-se uma consciência da pessoa que está ali e do mundo que

ela contém (e o de Misaki é uma devastação). Também nos ensaios, enunciando coisas que não ousaria dizer por intermédio do texto de Chekhov, e trabalhando com atores de idiomas diversos — mas uma mesma linguagem, a da prospecção interior —, Kafuku é forçado para fora de si mesmo.

Três horas podem parecer demais para adaptar o breve conto de Haruki Murakami, mas cada segundo conta para que, junto com seus atores superlativos, Hamaguchi demonstre como uma pessoa só se elucida para si mesma por meio de outra. Em um filme em que a beleza vai se tornando inexorável, alguns momentos fulminam: Kafuku dando a mão a Misaki para subir uma escarpa ou a cena final de *Tio Vanya,* em que uma atriz que fala por linguagem de sinais (Yu-rim Park) oferece ao personagem o que há de mais raro — amor, e a verdade. ■

A MALDIÇÃO DOS UNICÓRNIOS

Ao narrar a impressionante ascensão e queda do criador do WeWork, *WeCrashed* mostra como a ambição desmedida maculou algumas das grandes empresas de inovação **RAQUEL CARNEIRO**

AMOR BILIONÁRIO Leto e Hathaway: casal pitoresco capaz de dar nó em pingo de água

APPLE TV+

EM MAIS UM DIA típico do israelense Adam Neumann (Jared Leto) e de sua esposa, Rebekah (Anne Hathaway), o casal recebe em seu luxuoso apartamento em Manhattan um especialista em feng shui, com o intuito de melhorar o fluxo de energia da casa. Depois, quando seguem para o escritório, o marido sai pela rua descalço, de ressaca. Descolados da realidade, os dois ignoram que Neumann estampa naquele dia a capa do *The Wall Street Journal*. A reportagem de 2019 denunciava práticas antiéticas do empresário e a toxicidade do ambiente na empresa que criou, a WeWork — àquela altura tão insalubre que nem feng shui daria jeito. Surgida em 2010, a startup de coworking prometia oferecer ambientes de trabalho aliados à diversão, com direito a shots de tequila no expediente. Por trás disso, porém, havia um pecado financeiro ardiloso: Neumann alugava imóveis próprios superfaturados para a empresa que ele mesmo presidia. A exposição desse e de outros podres, como o gosto do empreendedor por drogas e festas, o derrubaria do posto de CEO da companhia — ponto de partida de ***WeCrashed,*** nova minissérie da Apple TV+, que disseca esse escândalo real da chamada "nova economia".

O título — extraído do podcast em que o programa se baseia — é insuficiente para descrever Adam Neumann. Sedutor e insistente, ele penou até ser levado a sério por investidores. Quando conseguiu, ascendeu rápido no exclusivo mundo dos unicórnios — nome dado às startups avaliadas em 1 bilhão de dólares. A WeWork chegou a ser o segundo

BETH DUBBER/HULU

FRAUDE Amanda Seyfried em *The Dropout:* promessas nunca cumpridas

unicórnio mais bem-sucedido do mundo, ao atingir 47 bilhões de dólares em valor de mercado, atrás apenas da Uber. O crescimento da empresa era diretamente proporcional à megalomania de Neumann: ele dizia que seria o primeiro trilionário da história, que viveria para sempre e que se tornaria "presidente do mundo". Conhecendo bem o chefe, os funcionários não encaravam as falas como piadas: Neumann representava com vigor, para o bem e para o mal, o tipo ambicioso que proliferou nas últimas duas décadas no Vale do Silício. Visionários ou charlatões, esses jovens empreendedores — Neumann tem hoje 42 anos — se tornaram objeto de estudo de séries que vão além da superfície sedutora de poder e dinheiro. "Somos atraídos por pessoas carismáticas e que sabem influenciar, características que ficaram ainda mais potentes num mundo tão conectado", disse Anne Hathaway a VEJA.

O fascínio e a euforia iniciais em torno dos unicórnios deram lugar, recentemente, a receios e investigações. Constatou-se o óbvio: ninguém se torna bilionário do dia para a noite sem burlar um tanto de regras — e muitas delas existem para proteger funcionários e usuários. Duas produções deste ano atestam esse fato: *The Dropout,* no Star+, com Amanda Seyfried na pele da empresária Elizabeth Holmes, e *Super Pumped,* na Paramount+, com Joseph Gordon-Levitt vivendo Travis Kalanick, criador da Uber. Elizabeth arrebanhou investimentos para uma máquina que prometia diagnósticos de saúde rápidos e certeiros — ideia que nunca vingou, mas chegou a valer 9 bilhões de dólares, graças ao discurso magnético da jovem brilhante. Como Neumann, Kalanick também foi afastado do posto de CEO da própria empresa por seu comportamento errático, que ia da espionagem de usuários da Uber até conivência com exploração abusiva do trabalho e assédio sexual. Ao contrário de Elizabeth, condenada por fraude e que poderá pegar até oitenta anos de prisão (ela tem 38), os dois saíram ilesos e amparados por acordos bilionários.

Embora criada em Nova York — bem longe do Vale do Silício, portanto —, a WeWork seguiu com esmero a cartilha de sedução das big techs. Neumann é um produto acabado do lema "*fake till you make it*" ("finja até virar verdade", em português), tão em voga no meio: com discurso que aliava superação e inovação, enganou investidores e prometeu o que não podia cumprir. Nem tudo que reluz é ouro. ■

VIAGEM PELA MENTE DO GÊNIO

A onda das mostras imersivas ganha peso no país com a estreia de *Beyond Van Gogh*, que proporciona ao espectador um mergulho instigante na obra do pintor

RAQUEL CARNEIRO

PINCEL TECNOLÓGICO Flores de Van Gogh: as imagens se mesclam em movimentos hipnotizantes

RODRIGO GAYA VILLAR/GAYAMAN VISUAL STUDIO

OS MISTÉRIOS do infinito sempre intrigaram Vincent van Gogh (1853-1890). Foi na busca por uma conexão com a espiritualidade — e na esperança de que esse seria o remédio para aplacar suas angústias — que o holandês começou a pintar o céu. "Quero captar o sentimento das estrelas", escreveu ele. O modo peculiar de ver e lidar com o mundo fez de Van Gogh um pária em seu meio enquanto vivo — mas, como sabemos, um gênio indisputável para as gerações posteriores. Hoje, as obras de Van Gogh foram incorporadas à cultura pop e o valor de seus quadros passa dos 100 milhões de dólares — vários, como *A Noite Estrelada* (1889), são inestimáveis. Ficar diante de um trabalho original do pintor pós-impressionista é um privilégio (o Brasil tem apenas quatro quadros assinados por Van Gogh, todos no Masp). Mas, graças às dádivas da tecnologia, agora o público nacional tem a chance de usufruir uma experiência impressionante: a de "entrar" nos delírios do artista — e, depois, postar tudo nas redes sociais.

Mais de 100 anos após a morte do pintor, a exposição ***Beyond Van Gogh*** vale-se de uma parafernália digital para projetar as imagens animadas de suas obras-primas em telões gigantescos, criando uma experiência sensorial que coloca o público no centro da cena. Criada originalmente no Canadá, ela ocupa, desde quinta-feira 17, um pavilhão de 2 200 metros quadrados no MorumbiShopping, em São Paulo — e segue em julho para Brasília. Com expectativa de atrair mais de 400 000 visitantes apenas em solo paulista-

DIVULGAÇÃO/AGÊNCIA GALO

NACIONAL *Portinari para Todos:* telões e até café para aromatizar a mostra

no, o evento reafirma a popularidade crescente das mostras imersivas — formato que celebra o trabalho de grandes artistas de um modo democrático — e capaz de atrair audiências que não têm o hábito de ir a museus.

Beyond Van Gogh foi vista por mais de 20 milhões de pessoas em 25 países. No Brasil, a mostra que festejava os 500 anos de Leonardo da Vinci no MIS Experience arrebanhou 480 000 visitantes, em 2020, ao reproduzir obras do mestre renascentista em telões de alta resolução e réplicas de suas invenções. No mesmo molde, a recém-aberta exposição sobre Candido Portinari, também no MIS, acrescentou às projeções em telões elementos como sacas de grãos de ca-

RODRIGO GAYA VILLAR/GAYAMAN VISUAL STUDIO

DANÇA NO CÉU *A Noite Estrelada:* a obra envolve o espectador

fé, que aludem ao contexto de suas telas — e aromatizam o ambiente. Essas estratégias servem para tirar o visitante do posto de mero observador e levá-lo a se misturar com a obra e com o artista. “Um quadro de Van Gogh tem de 3 000 a 4 000 pinceladas, é fantástico de admirar. Na mostra imersiva, são 80 milhões de pixels e quarenta projetores a laser — algo comparável a quarenta salas de cinema”, mensura Rafael Reisman, CEO da Blast Entertainment, realizadora da *Beyond Van Gogh* no Brasil.

Esses projetores, que sozinhos custaram 12 milhões de reais, fazem uma complexa coreografia que delineia nas paredes e no chão 350 obras do holandês. Imagens de seus

célebres retratos se posicionam lado a lado — e cada uma delas se transforma, em seguida, em seus famosos vasos de flores. A água do lago da obra *Noite Estrelada sobre o Ródano* (1888) se movimenta sob os pés dos visitantes, enquanto a belíssima *Amendoeira em Flor* (1890) perde suas pétalas ao vento. Mais que curtir Van Gogh, é como entrar no turbilhão de sua mente. ■

Com reportagem de Marcelo Canquerino

HBO MAX

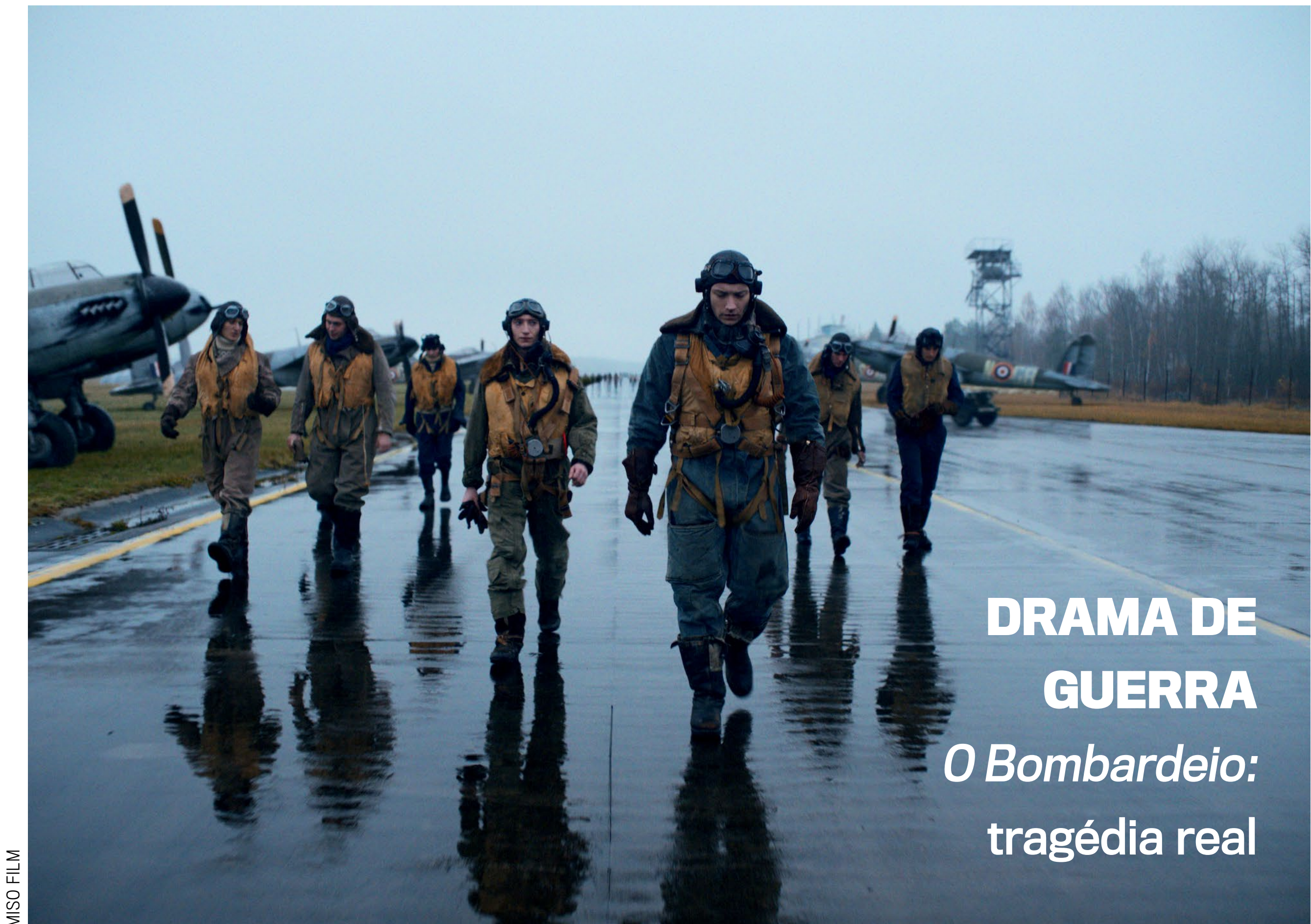
AMOR ANIMAL O casal Nadia e Martín: trama romântica vinda do México

TELEVISÃO

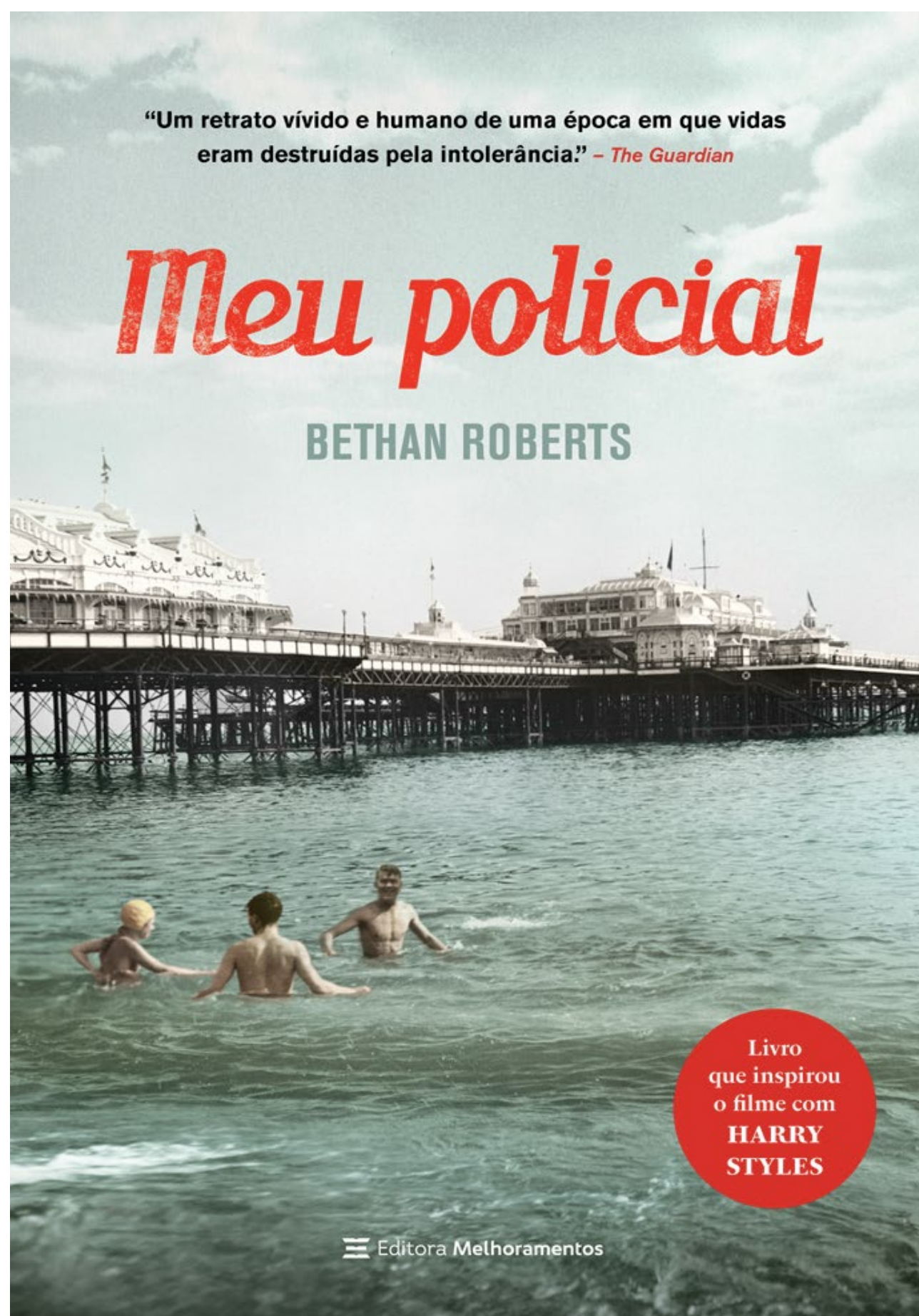
AMSTERDAM **(disponível na HBO e HBO Max, a partir do domingo 20)**

Em uma noite na Cidade do México, Martín (Sebastián Buitrón) é seguido por um cãozinho na volta do trabalho. Com dó de deixá-lo, manda uma foto do cachorro à namorada, que lhe pede para levar o animal para casa. Eles, então, batizam o bicho de Amsterdam — mas percebe-se que nem tudo no relacionamento de ambos é tão fofo quanto o novo companheiro. Músico, Martín tenta ganhar a vida tocando em bares e produzindo canções, enquanto Nadia (Naian González Norvind), aspirante a atriz, caça bons papéis em vão e sobrevive de bicos em comerciais ou como figurinista. A produção mexicana da HBO Max acompanha não só os altos e baixos do relacionamento, mas os percalços na busca pelo sucesso na cosmopolita capital do país. Leve e sensível, a série revira o clichê da crise conjugal para discutir conflitos atuais, como o equilíbrio entre a carreira e o amor — inclusive aos animais de estimação.

O BOMBARDEIO

***(Skyggen i Mit Øje*, Dinamarca, 2021. Disponível na Netflix)**

MISO FILM

DRAMA DE GUERRA *O Bombardeio:* tragédia real

Em março de 1945, com a derrota alemã já iminente, a Resistência dinamarquesa pediu aos britânicos que sobrevoassem Copenhague para bombardear a sede da Gestapo — uma operação arriscadíssima. O alvo foi atingido, mas um acaso fez com que boa parte da esquadra despejasse suas bombas sobre outro alvo, não planejado, com consequências trágicas. Com uma carreira estabelecida no terror, o diretor Ole Bornedal muda aqui para um competente registro clássico, apresentando ao espectador algumas das pessoas cujo destino vai ser amarrado, no devastador ato final, por esse episódio verídico. O elenco infantil, central à história, é excelente.

LIVRO

MEU POLICIAL, **de Bethan Roberts (tradução de Sofia Soter; Melhoramentos; 280 páginas; 49,90 reais e 39,90 em e-book)**

O curador de arte Patrick se apaixona por Tom, um jovem policial, na Inglaterra dos anos 1950 — época em que relações homoafetivas eram punidas por lei. Um peculiar triângulo se forma quando Tom se casa com Marion, amiga de sua irmã, ainda mantendo um affair com Patrick — e leva esposa e amante a se tornarem amigos. Inspirado na história real do escritor inglês E.M. Forster, o livro é uma envolvente exploração de como o preconceito institucionalizado pode converter o amor em tragédia. A obra vai virar filme com Harry Styles e Emma Corrin no elenco. ■

FICÇÃO

1. **É ASSIM QUE ACABA**
   Colleen Hoover [1 | 31#] GALERA RECORD
2. **TODAS AS SUAS IMPERFEIÇÕES**
   Colleen Hoover [6 | 15#] GALERA RECORD
3. **A GAROTA DO LAGO**
   Charlie Donlea [3 | 129#] FARO EDITORIAL
4. **OS SETE MARIDOS DE EVELYN HUGO**
   Taylor Jenkins Reid [2 | 47#] PARALELA
5. **DE SANGUE E CINZAS**
   Jennifer L. Armentrout [0 | 2#] GALERA RECORD
6. **VERITY**
   Colleen Hoover [0 | 8#] GALERA RECORD
7. **BOX – GEORGE ORWELL**
   George Orwell [8 | 22#] PRINCIPIS
8. **TORTO ARADO**
   Itamar Vieira Junior [4 | 59#] TODAVIA
9. **A BIBLIOTECA DA MEIA NOITE**
   Matt Haig [0 | 3#] BERTRAND BRASIL
10. **ATRAVÉS DA MINHA JANELA**
    Ariana Godoy [0 | 1] INTRÍNSECA

NÃO FICÇÃO

1 CABEÇA FRIA, CORAÇÃO QUENTE
Abel Ferreira [0 | 1] GAROA LIVROS

2 MULHERES QUE CORREM COM OS LOBOS
Clarissa Pinkola Estés [1 | 97#] ROCCO

3 RÁPIDO E DEVAGAR
Daniel Kahneman [4 | 153#] OBJETIVA

4 SAPIENS: UMA BREVE HISTÓRIA DA HUMANIDADE
Yuval Noah Harari [3 | 263#] L&PM/COMPANHIA DAS LETRAS

5 LADY KILLERS: ASSASSINAS EM SÉRIE
Tori Telfer [5 | 59#] DARKSIDE

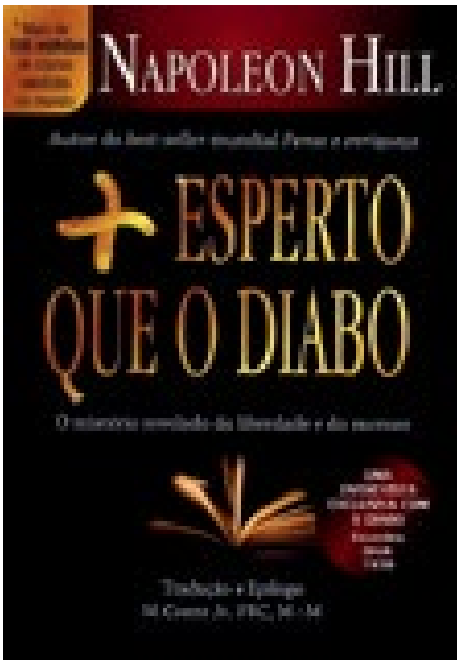
6 O DIÁRIO DE ANNE FRANK
Anne Frank [2 | 263#] VÁRIAS EDITORAS

7 MINDHUNTER
John Douglas e Mark Olshaker [8 | 16#] INTRÍNSECA

8 LULA, VOLUME 1
Fernando Morais [6 | 14] COMPANHIA DAS LETRAS

9 POLÍTICA É PARA TODOS
Gabriela Prioli [0 | 17#] COMPANHIA DAS LETRAS

10 O CONTADOR DE HISTÓRIAS
Dave Grohl [0 | 3#] INTRÍNSECA

AUTOAJUDA E ESOTERISMO

1. **MAIS ESPERTO QUE O DIABO**
   Napoleon Hill [1 | 148#] CITADEL
2. **O HOMEM MAIS RICO DA BABILÔNIA**
   George S. Clason [2 | 69#] HARPERCOLLINS BRASIL
3. **NEGÓCIO ESCALÁVEL**
   Oséias Gomes [0 | 1] GENTE
4. **OS SEGREDOS DA MENTE MILIONÁRIA**
   T. Harv Eker [4 | 358#] SEXTANTE
5. **DO MIL AO MILHÃO**
   Thiago Nigro [5 | 157#] HARPERCOLLINS BRASIL
6. **MINDSET**
   Carol S. Dweck [8 | 107#] OBJETIVA
7. **8 CAMINHOS QUE LEVAM À RIQUEZA**
   Pablo Marçal [0 | 1] BUZZ
8. **12 REGRAS PARA A VIDA**
   Jordan B. Peterson [6 | 11#] ALTA BOOKS
9. **PAI RICO, PAI POBRE**
   Robert Kiyosaki e Sharon Lechter [3 | 81#] ALTA BOOKS
10. **O PODER DO HÁBITO**
    Charles Duhigg [7 | 264#] OBJETIVA

INFANTOJUVENIL

1 CASA DE CÉU E SOPRO
Sarah J. Maas [1 | 2] GALERA

2 VERMELHO, BRANCO E SANGUE AZUL
Casey McQuiston [3 | 50#] SEGUINTE

3 MENTIROSOS
E. Lockhart [0 | 33#] SEGUINTE

4 AMOR & GELATO
Jenna Evans Welch [2 | 35#] INTRÍNSECA

5 COLEÇÃO HARRY POTTER
J.K. Rowling [4 | 106#] ROCCO

6 ATÉ O VERÃO TERMINAR
Colleen Hoover [7 | 8#] GALERA RECORD

7 OS DOIS MORREM NO FINAL
Adam Silvera [6 | 8#] INTRÍNSECA

8 CONECTADAS
Clara Alves [0 | 12#] SEGUINTE

9 A RAINHA VERMELHA
Victoria Aveyard [9 | 92#] SEGUINTE

10 MIL BEIJOS DE GAROTO
Tillie Cole [8 | 15#] OUTRO PLANETA

[A|B#] – A] posição do livro na semana anterior B] há quantas semanas o livro aparece na lista #] semanas não consecutivas

Pesquisa: **Yandeh** / Fontes: **Aracaju**: Escariz, **Balneário Camboriú:** Curitiba, **Belém:** Leitura, SBS, **Belo Horizonte:** Disal, Leitura, SBS, Vozes, **Betim:** Leitura, **Blumenau:** Curitiba, **Brasília:** Disal, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Cabedelo:** Leitura, **Cachoeirinha:** Santos, **Campina Grande:** Leitura, **Campinas:** Disal, Leitura, Loyola, Saber e Ler, Vozes, **Campo Grande:** Leitura, **Campos dos Goytacazes:** Leitura, **Canoas:** Santos, **Capão da Canoa:** Santos, **Cascavel:** A Página, **Caxias do Sul:** Saraiva, **Colombo:** A Página, **Confins:** Leitura, **Contagem:** Leitura, **Cotia:** Prime, Um Livro, **Criciúma:** Curitiba, **Cuiabá:** Vozes, **Curitiba:** A Página, Curitiba, Disal, Evangelizar, Livraria da Vila, SBS, Vozes, **Florianópolis:** Curitiba, Livrarias Catarinense, Saraiva, **Fortaleza:** Evangelizar, Leitura, Saraiva, Vozes, **Foz do Iguaçu:** A Página, Kunda Livraria Universitária, **Frederico Westphalen:** Vitrola, **Goiânia:** Leitura, Palavrear, Saraiva, SBS, Vozes, **Governador Valadares:** Leitura, **Gramado:** Mania de Ler, **Guaíba:** Santos, **Guarapuava:** A Página, **Guarulhos:** Disal, Livraria da Vila, Leitura, **Ipatinga:** Leitura, **Itajaí**: Curitiba, **Jaú**: Casa Vamos Ler, **João Pessoa**: Leitura, Saraiva, **Joinville**: A Página, Curitiba, **Juiz de Fora**: Leitura, Vozes, **Jundiaí**: Leitura, **Lins**: Koinonia Livros, **Londrina**: A Página, Curitiba, Livraria da Vila, **Macapá**: Leitura, **Maceió**: Leitura, **Manaus**: Leitura, Vozes, **Maringá**: Curitiba, **Mogi das Cruzes**: Leitura, Saraiva, **Natal**: Leitura, **Niterói**: Blooks, **Palmas**: Leitura, **Paranaguá**: A Página, **Passo Fundo**: Santos, **Pelotas**: Vanguarda, **Petrópolis**: Vozes, **Poços de Caldas**: Livruz, **Ponta Grossa**: Curitiba, **Porto Alegre**: A Página, Cameron, Disal, Santos, Saraiva, SBS, Vozes, **Porto Velho**: Leitura, **Recife**: Disal, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Ribeirão Preto**: Disal, Saraiva, **Rio Claro**: Livruz, **Rio de Janeiro**: Blooks, Disal, Janela, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Rio Grande**: Vanguarda, **Salvador**: Disal, Escariz, LDM, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Santa Maria**: Santos, **Santana de Parnaíba**: Leitura, **Santo André**: Disal, Saraiva, **Santos**: Loyola, Saraiva, **São Caetano do Sul**: Disal, **São José**: Curitiba, **São José do Rio Preto**: Leitura, **São José dos Campos**: Curitiba, Leitura, **São José dos Pinhais**: Curitiba, **São Luís**: Leitura, **São Paulo**: Aeromix, A Página, Blooks, CULT Café Livro Música, Curitiba, Disal, Leitura, Livraria da Vila, Loyola, Megafauna, Nobel Brooklin, Saraiva, SBS, Vozes, WMF Martins Fontes, **Serra**: Leitura, **Sete Lagoas**: Leitura, **Sorocaba**: Saraiva, **Taboão da Serra**: Curitiba, **Taguatinga**: Leitura, **Taubaté**: Leitura, **Teresina**: Leitura, **Uberlândia**: Leitura, SBS, **Vila Velha**: Leitura, Saraiva, **Vitória**: MultiLivros, SBS, **Vitória da Conquista**: LDM, **Internet**: A Página, Amazon, Americanas.com, Authentic E-commerce, Boa Viagem E-commerce, Bonilha Books, Curitiba, Leitura, Magazine Luiza, Saraiva, Shoptime, Submarino, Vanguarda, WMF Martins Fontes

DORA KRAMER

SEM FANTASIA

NA FALTA de vontade e de coragem para fazer uma reforma no sistema eleitoral/partidário que contribua de fato para a evolução dos meios e modos da política no Brasil, suas altezas congressistas inventam modas inúteis, como essa última das federações partidárias.

De modo geral, as invenções levam a lugar nenhum e costumam ser revogadas por incompatibilidade com o mundo real ainda referido no atraso. Cito dois casos. Um deles é a chamada regra da verticalização, pela qual os partidos eram obrigados a fazer alianças iguais nos âmbitos estaduais e nacional.

Essa norma foi instituída pelo Tribunal Superior Eleitoral em 2002 a partir de uma consulta do PDT sobre o "caráter nacional" das legendas consignado com clareza na Constituição. Pois bem. Valeu para a eleição de 2006 e foi derrubada naquele mesmo ano por emenda constitucional aprovada pelo Congresso que estabeleceu o fim da verticalização a partir de 2010.

A ideia era dar uma organizada na barafunda de alianças ideologicamente incongruentes país afora. Na prática, reduziu o número de coligações, mas não influiu no resultado

nem organizou coisa alguma. Três presidentes foram reeleitos independentemente da regra.

Luiz Inácio da Silva teve o apoio de 421 prefeitos em 2006, sob a obrigatoriedade de alianças uniformes, enquanto Fernando Henrique Cardoso e Dilma Rousseff contaram, respectivamente, com 2 960 e 2 930 prefeitos quando disputaram um segundo mandato em 1998 e 2014 em sistema de coligações liberadas. Moral da história: o poder de atração do Planalto valeu mais que qualquer boa intenção de impor artificialmente disciplina ao indisciplinado quadro partidário.

Outro caso de inutilidade foi a decisão tomada em 2007 pelo Supremo Tribunal Federal em provocação feita pelo PPS (hoje Cidadania), DEM (então PFL) e PSDB, segundo a qual os mandatos legislativos pertencem aos partidos, e não aos deputados, senadores e prefeitos. A medida foi vista como "histórica", a pá de cal na infidelidade partidária.

Pois bem, nove anos depois, uma emenda constitucional aprovada pelo Congresso criou a dita janela partidária; um período de trinta dias em todo ano eleitoral (seis meses antes do pleito) em que os parlamentares têm autorização para transgredir. A norma até então em vigor já previa exceções em que a troca de partido não implicaria perda da cadeira legislativa. Como isso não bastou, instituiu-se o vale-tudo com prazo de validade.

A história das federações se inclui nessa trajetória de remendos. Começou em 2017, quando o Congresso aprovou o

“Federação foi a moda inventada pelo Congresso, mais uma, para fugir da reforma política”

fim das coligações em eleições proporcionais (para vereadores e deputados). Valeu para a municipal de 2020, mas em 2021 o Parlamento resolveu criar uma gambiarra, permitindo que os partidos se unissem em “federações”.

A ideia, de novo, era dar uma organizada no quadro de dispersão das legendas reunindo as mais identificadas ideologicamente e, assim, reduzir o número de partidos (hoje são 32, segundo o TSE, onde há pedidos de registro para outros mais de setenta). Seria também uma forma de salvar as agremiações ameaçadas pela exigência de patamar mínimo de votos, sem o qual não teriam acesso ao Fundo Partidário e à propaganda em rádio e televisão.

Outra vez houve muito barulho para quase nada. Por causa da cláusula de desempenho, apenas os pequenos se interessaram pelo assunto: PCdoB e PV se juntaram com o PT, o Cidadania uniu-se ao PSDB e o PSOL fechou uma federação com a Rede. De relevante não se produziu um alfinete a partir dessa nova regra.

E por que as federações não foram adiante? Porque é uma invencionice que nada tem a ver com a presente dinâmica partidária. De resto, péssima, mas não pode nem será corrigida na base da noção fantasiosa de que uma norma escrita ao sabor de conveniências pontuais possa se impor à vida como ela é.

Era bola cantada: os médios e grandes partidos não aceitariam a amarra de votar juntos no Congresso e manter alianças uniformes no país todo durante quatro anos. Isso está em completo desacordo com a realidade em que vigora o cada um por si e todos em nome dos interesses de ocasião.

Por essas e outras tantas, as federações são sérias candidatas a mais uma revogação das boas intenções das quais o inferno do sistema partidário/eleitoral continuará cheio até que suas altezas decidam fazer uma reforma política de verdade. ■

■ Os textos dos colunistas não refletem necessariamente as opiniões de VEJA